



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
E CULTURAS MIDIÁTICAS**

**SIMÉIA RÊGO DE OLIVEIRA**

**O COTIDIANO E AS FORMAS DA SOCIALIDADE:  
A COMUNIDADE VIRTUAL “WEB NOVELAS *FAKE*”**

João Pessoa  
2014

**SIMÉIA RÊGO DE OLIVEIRA**

**O COTIDIANO E AS FORMAS DA SOCIALIDADE:  
A COMUNIDADE VIRTUAL “WEB NOVELAS *FAKE*”**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre; Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas da Universidade Federal da Paraíba; Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Wellington José de Oliveira Pereira

João Pessoa  
2014

SIMÉIA RÊGO DE OLIVEIRA

O COTIDIANO E AS FORMAS DA SOCIALIDADE:  
A COMUNIDADE VIRTUAL “WEB NOVELAS *FAKE*”

Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção do título de Mestre; Programa de  
Pós-Graduação em Comunicação e Culturas  
Midiáticas da Universidade Federal da  
Paraíba; Comunicação.

Aprovada em \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Wellington José de Oliveira Pereira – PPGC (UFPB)  
Orientador

---

Prof. Dr. Cláudio Cardoso de Paiva – PPGC (UFPB)  
Membro Efetivo

---

Prof. Dr. José Carlos dos Santos Ribeiro – PósCom (UFBA)  
Membro Efetivo

*Ao meu alter ego, Pyllip Kummer*

## AGRADECIMENTOS

Grata sou, por ter concluído mais essa etapa. Obrigada Senhor Deus, Força da minha vida, meu tudo, a quem devo minhas constantes sobrevidas. Aos meus pais Sílvio e Abigail, meus amores que me ensinaram tudo e a quem devo tudo. Aos meus irmãos Ana, Patrícia e Marcos, companheiros inseparáveis e necessários para meu equilíbrio. Aos meus sobrinhos Claudinho e Hanna, que chegaram há pouco mais de sete anos e me fizeram lembrar que o amor tem um sabor bom. Aos meus tios, primos e aos irmãos em Cristo que torceram por mim. Aos meus amigos de hoje e sempre, Márcio e Angelina; a Mauro Silva pelas horas de comunicação mediada, pelo apoio, ajuda com o inglês e pelas trocas sobre a Academia e a vida, bem como a Fábio Ferreira pelas preciosas contribuições e conversas. Esta etapa, ainda, ficou expressa na turma-amiga do mestrado que ganhei: Marcelo e sua paciência sincera ao ouvir meus desabafos, bem como seu respeito; Andréa cujo tempo de amizade serviu para fortalecer, além de tudo, o meu respeito; Júnia e Júnior e a confiança no abrir das portas do coração e da sua casa; Lívia com quem sou “tão eu” nessas trocas da vida; Aline que chegou devagarzinho, conquistando, se doando e apoiando; Gabriela com sua torcida e fé; Tarcineide com seu sorriso e por sempre ter uma contagiante expectativa boa da vida; Bruno por me ouvir e “me ler” em nossas conversas mediadas de co-orientandos: enfim, bom é tê-los próximos! Ao Prof. Dr. José Carlos dos Santos Ribeiro que, gentilmente, aceitou o convite para examinador da banca; ao Prof. Dr. Wellington Pereira, amigo-orientador que me foi presenteado nesta Pós-graduação que nos prepara - seus orientandos - tanto para a Academia quanto para “saber ser” e “saber viver”; ao brilhante Prof. Dr. Cláudio Paiva que, direcionou-me nas pesquisas em cibercultura. À Geanne Batista por acreditar em mim; à Joelma Oliveira pela generosidade em ceder aqueles livros e à Poliana Queiroz pela doação daquelas leituras. À Patrícia Monteiro, que em uma conversa citou uma das frases mais importantes da minha vida: “nosso maior inimigo somos nós mesmos!” Ao Grupecj, ambiente de pesquisa que me proporcionou dar os primeiros passos nesta direção: e como “valeu!” Ao Professor Cléber Moraes pelas dicas e trocas que só contribuíram para amadurecer esta pesquisa; ao Professor Alberto Pessoa pelas conversas acadêmicas e da vida. Aos que me apoiaram na pesquisa: Lenny Santiago; Renata Escarião e a equipe da “Antares Publicidade,” bem como aos perfis *fake* entrevistados. Aos professores da minha vida, desde tia Ana, na pré-escola, até os atuais. Ainda sou grata a Lenir, João Pedro e aos demais funcionários da UFPB responsáveis pela manutenção desta instituição, que me abriu as portas na direção da subida de mais esse degrau da vida. Enfim, por tudo isso, grata sou!

O viver é solidário e solitário.

Edgar Morin, O Método 2.

## RESUMO

A presente pesquisa buscou lançar um olhar sobre o impacto das interações sociais pela mediação do computador através da comunidade virtual “Web novelas *fake*”, do Orkut. O porquê de um indivíduo interagir como perfil *fake*, também foi investigado. Com efeito, esta proposta de estudos visa contribuir para o estudo da comunicação e o cotidiano na interdisciplinaridade com a sociologia, a partir da investigação do fenômeno das interações mediadas pelo computador. Nessa direção, organizamos esta pesquisa por três veios temáticos, na busca de um panorama geral: a) o dos perfis *fake* como representações subjetivas anônimas; b) o da webnovela, como expressão dessas interações mediadas pelo computador e c) o do cotidiano como abarcador de fenômenos sociais na pós-modernidade, todos distribuídos nos quatro capítulos da dissertação. A abordagem metodológica é pela socialidade e o interacionismo simbólico. Aquela, a partir da sociologia compreensiva em Michel Maffesoli, que visa compreender as relações entre os perfis *fake* e essa, que objetiva interpretar as interações dos perfis no contexto desta comunidade virtual, em Erving Goffman. A partir do estudo empírico, enquanto recurso metodológico, investigamos como as interações mediadas pelo computador são problematizadas no cotidiano, como essas podem ser interpretadas e qual o impacto dessas na sociedade. Para tanto, a análise se deu em dois momentos. No primeiro, entrevistamos cinco perfis *fake*, autores de webnovelas na comunidade, para analisar como esses interpretam os processos de interação no contexto da comunidade “Web novelas *fake*”, *corpus* da pesquisa. Em um segundo momento, catalogamos cinco “ideias-chave”, a partir de dados coletados através da observação da interação entre os perfis leitores e o perfil autor de uma webnovela em andamento, a “*Rented Boyfriend*”. Por fim, consideramos que além das interações entre perfis *fake* perpassarem o escapismo, a fuga da realidade ou a necessidade de chamar atenção, entendemos que esses jovens os quais pertencem a esse agrupamento anônimo buscam uma válvula de escape para criar e interagir; para viverem. Portanto, observamos essas interações como uma nova abordagem conversacional cujo *fake* fala, constrói narrativas, estimula diálogos e promove conversações.

**Palavras-chave:** Interacionismo Simbólico. Socialidade. Cotidiano. *Fake*. Interações mediadas pelo computador. Webnovela.

## ABSTRACT

The current research intends to take a look at the impact of the social interactions made by the intermediation of the computer thru the virtual community called, “*Web Novels Fake*” on Orkut. This work also investigated the reasons for individuals to interact as *fake profile* in such a social network. The proposal of such dissertation intends to contribute to the study of communication, and quotidian life in its interdisciplinary method with sociology as well. Therefore, this investigation was made possible through the phenomenon of computer-mediated interactions. This research followed three distinct methods of investigation in order to provide an overview; **a)** It presents *the fake profiles* as a *subjective representation anonymous*; **b)** The *Web-novel* is presented as an expression of such interactions mediated by the computer, and **c)** Everyday life as a *sweeping of social phenomena* in *postmodernism*. As a result of these approaches, all of the methods of investigation were distributed throughout the four chapters of this dissertation. The methodological approach was done through *socialization* and *symbolic interactionism*. Maffesoli’s comprehensive sociology helps one to understand the relationships between the *fake profiles*, and its interpretation of the interactions with the profiles in the context of such virtual community according to Goffman. As one may noticed, the empirical study of the *fake profile* and its methodological feature investigated how interactions mediated by computer arose in daily life, and also how these interactions could be interpreted, and what were their impact on society. Thus, the analysis was done in two distinct moments. In the first one, five *fake profiles* were interviewed, and the authors of this *web-novel* within their community in order to analyze how they would interpret the interaction processes in the context of their community “*Web-novels fake*.” In a second instant, five “*key ideas*” were categorized, and accordingly such data were collected accordingly to observation of the interaction between the *readers profile* and the *author profile* as well in a *web-novel*, which is already in progress. Such a *web novel* is called the “*Rented Boyfriend*”. In conclusion, it is obvious that there is an attempt to escape reality, or even a need for attention for oneself. One may also presuppose the young people who belong to this anonymous group to be likely to make a *scapegoat* of it. As a result of this analysis, one must observe such interactions as a *new type of conversational approach* of those whose fake can talk, construct ideas, stimulate dialogue, and promote discussions as well.

**Keywords:** *Symbolic interactionism. Sociality. Everyday. Sociality. Fake. Interactions mediated by computer. Web-novel.*

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 4.1</b> – Capa do perfil fake “ <i>Writer of Dreams</i> ” .....	66
<b>Figura 4.2</b> – Capa da comunidade virtual “Web novelas <i>fake</i> ” .....	73
<b>Figura 4.3</b> – Capa da webnovela “ <i>Rented Boyfriend</i> ” - 2ª temporada.....	74
<b>Figura 4.4</b> – Sinopse – Webnovela “ <i>Rented Boyfriend</i> ” - 2ª temporada .....	75
<b>Figura 4.5</b> – Webnovela “ <i>Rented Boyfriend</i> ” - 2ª temporada - Marcelo, o protagonista .....	75
<b>Figura 4.6</b> – Webnovela “ <i>Rented Boyfriend</i> ” – 2ª temporada vídeo apresentação.....	76
<b>Figura 4.7</b> – Pausa da autora.....	77
<b>Figura 4.8</b> – Autora justificando a ausência .....	78
<b>Figura 4.9</b> – Membro-escritor “multimeios” .....	78
<b>Figura 4.10</b> – Pausa da leitora .....	79
<b>Figura 4.11</b> – Pausa de outras escritoras .....	80
<b>Figura 4.12</b> – <i>Up</i> como marcador .....	81
<b>Figura 4.13</b> – <i>Up</i> 's movem a novela .....	82
<b>Figura 4.14</b> – Leitora nova postando .....	82
<b>Figura 4.15</b> – Leitoras discordando .....	83
<b>Figura 4.16</b> – Leitora em interação.....	84

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

CMC	Comunicação Mediada pelo Computador
CV	Comunidades Virtuais
RSO	Redes Sociais <i>Online</i>
SRS	<i>Site</i> de Redes Sociais

## SUMÁRIO

<b>1INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1 Metodologia de trabalho: formulando o problema .....	17
1.2 Orientações Metodológicas .....	18
1.2.1 Delineamento da pesquisa .....	20
1.2.2 Coleta de dados .....	20
1.2.3 Entrevistas.....	23
<b>2FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: ORIGEM E CONCEITOS.....</b>	<b>25</b>
2.1 Das teorias de comunicação às comunidades virtuais: uma perspectiva histórica .....	25
2.2 O estilo cotidiano, para entender os agrupamentos virtuais .....	28
2.3 O interacionismo simbólico: perspectiva histórica.....	29
2.4 A socialidade: o arremate necessário.....	31
2.4.1 A socialidade: uma comunidade de ideias .....	32
2.5 Da cultura ciber.....	33
<b>3OBJETOS DE ESTUDO E CONTEXTOS.....</b>	<b>37</b>
3.1 As comunidades virtuais: o agrupamento da pós-modernidade .....	37
3.1.1 Sobre a semântica das interações: a interação, a copresença e o corpo.....	39
3.2 Considerações sobre o <i>fake</i> : uma releitura social .....	41
3.2.1 O que não é <i>fake</i> ?.....	45
3.2.2 Ser um perfil <i>fake</i> , na comunidade virtual “Web novelas <i>fake</i> ”: .....	46
3.3 O perfil <i>fake</i> e a abordagem a partir de pseudonimato e anonimato.....	47
3.3.1 Entendendo as identidades virtuais através da interação mediada pelo computador ..	49
<b>4“WEB NOVELAS FAKE”: UMA ANÁLISE .....</b>	<b>51</b>
4.1 A webnovela: gênero literário apropriado pelo digital .....	51
4.2 “Web novelas <i>fake</i> ”: considerações iniciais .....	55
4.3 A construção dos perfis: a primeira etapa.....	56
4.3.1 Entendendo o perfil <i>fake</i> : primeira catalogação .....	59
4.3.1.1 <i>Uma realidade inventada para a vida cotidiana</i> .....	59
4.3.1.2 <i>Lugar de diversão</i> .....	60
4.3.1.3 <i>Possibilidade de outras identidades virtuais</i> .....	60
4.3.1.4 <i>Copresença virtual</i> .....	61
4.3.1.5 <i>Relações amicais: construindo laços digitais, reforçando os laços físicos ou se perdendo no tempo</i> .....	61
4.3.1.6 <i>Estar seguro sob a máscara</i> .....	62
4.3.2 Ser um perfil <i>fake</i> escritor numa rede social: segunda catalogação .....	63
4.3.2.1 <i>O gostar de escrever e o Orkut</i> .....	64
4.3.2.2 <i>Por que a “Web novelas <i>fake</i>”?</i> .....	65
4.3.2.3 <i>De um perfil falso para personas reais: a imagem do perfil</i> .....	66
4.3.2.4 <i>Perfis <i>fake</i> “do bem” existem?</i> .....	67
4.3.2.5 <i>Pseudonimato: um atalho para ser o que quiser ser</i> .....	68
4.4 A interpretação das interações na webnovela “ <i>Rented Boyfriend</i> ”: a segunda etapa ...	72
4.4.1 Identificando as ideias-chave: as cinco catalogações .....	76
4.4.1.1 <i>Da escritora para as leitoras: as pausas e ausências</i> .....	77
4.4.1.2 <i>Das leitoras para a escritora: pausas e ausências</i> .....	79
4.4.1.3 <i>Up’s, capitalizando a interação</i> .....	81
4.4.1.4 <i>Das características próprias dessas interações</i> .....	83
4.4.1.5 <i>Interações mediadas na comunidade virtual: grupos e conversações</i> .....	84

4.4.1.5.1	Conhecendo os grupos.....	84
4.4.1.5.2	Interações como conversações.....	85
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>87</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>91</b>
	<b>APÊNDICE A – Entrevistas com os cinco perfis <i>fake</i> .....</b>	<b>98</b>
	<b>APÊNDICE B – Fala do Prof. Dr. Marcos Palácios e da Profa. Dra. Adriana Amaral, em mesa redonda na abertura do Simsocial/UFBA, dias 10 e 11 outubro 2012. ....</b>	<b>109</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A vida cotidiana é composta de experiências, tanto individuais quanto coletivas. Não obstante, na contemporaneidade essas “tramas de todos os dias” (MAFFESOLI, 2005, p. 143) vêm sofrendo modificações, principalmente, no que tange às relações sociais no cotidiano. De fato, essas passaram a ser compreendidas também pela mediação do computador.

Nessa direção, depreendemos o cotidiano nas interações sociais na web, com enfoque nas comunidades virtuais do Orkut<sup>1</sup>. Apreciamos observá-lo pelo viés da “astúcia” do viver social através da socialidade (MAFFESOLI) que é a nova forma de sociabilidade (WEBER), constituída na experiência social da pós-modernidade; aquela seria ainda, a marca dos grupos humanos contemporâneos e urbanos (LEMOS, 2008).

Nesse contexto das novas tecnologias, o cotidiano e o computador se apresentam como parceiros na organização das interações nos agrupamentos virtuais. Pensemos nas relações pela medição do computador: essas possibilitam ao indivíduo estar sentado em frente ao seu *laptop* escrevendo e compartilhando suas histórias fictícias numa comunidade virtual cujos membros são “viciados” nessas leituras, por exemplo. Essa relação, notadamente, acontece pela troca de informações com pessoas desconhecidas a esse indivíduo no contexto físico, mas, que se tornam “conhecidas”, no âmbito do digital.

Outro fator observado é que para o indivíduo “se tornar membro” das redes sociais *online* (RECUERO, 2009) é condição *sine qua non* acessar a conta do seu perfil eletrônico através de ferramentas, tais como: Orkut, Facebook<sup>2</sup>, Twitter<sup>3</sup>, Whatsapp<sup>4</sup>, entre outros. Nesse contexto, emerge a identidade eletrônica subjetiva e anônima: o perfil *fake*. Essa experiência sociocultural se tornou possível a partir das novas tecnologias e é observada nas comunidades virtuais do Orkut. Assim, propomos lançar um olhar sobre a interação social que ocorre na comunidade virtual “Web novelas *fake*”, do Orkut, pela mediação do computador. Para tanto, fazemos pontes (no sentido de ampliar a pesquisa) e conexões (nas trocas de mão-dupla informacionais) com as contribuições do sociólogo francês Michel Maffesoli sobre o cotidiano e a socialidade, na leitura das ligações sociais na pós-modernidade.

No entanto, a grande questão é: qual o impacto das relações mediadas pelo computador na sociedade? Dessa primeira pergunta destrinchamos mais dois questionamentos: como interpretar os impactos provocados pelas interações mediadas pelo

---

<sup>1</sup> <http://blog.orkut.com/>

<sup>2</sup> <https://blog.facebook.com/>

<sup>3</sup> <https://blog.twitter.com/>

<sup>4</sup> <http://blog.whatsapp.com/>

computador na vida social contemporânea? Sobretudo, como se dão as interações sociais através das comunidades virtuais e como se legitimam? Então, ponderando sobre as eventuais dificuldades em obtermos as respostas procuradas, essas questões nos auxiliaram na tentativa de procurá-las. Diante disso, buscamos compreender o cotidiano através das interações mediadas pelo computador numa determinada comunidade virtual.

Não obstante, antes de prosseguir, organizamos três veios temáticos, visando um panorama geral sobre o que pensamos apreender nesta dissertação: a) o das representações virtuais anônimas ou dos perfis *fake*; b) o da Webnovela, como expressão dessas interações mediadas pelo computador e c) o do cotidiano como abarcador de fenômenos sociais na pós-modernidade.

O primeiro veio temático aponta para os perfis *fake* como uma releitura do binômio verdadeiro e falso na sociedade contemporânea. Conforme Cláudia Attimonelli<sup>5</sup> estamos preparados para “superar a aparente oposição entre a cópia (falso) e o original (real)”, já que, a partir dessa “cultura do digital o que se tem são fragmentos da realidade.”

Mas, a qual realidade estamos nos referindo? Retornemos, brevemente, à Grécia clássica. Para alguns pensadores<sup>6</sup> da época, inclusive Parmênides<sup>7</sup> a realidade era imutável. Estaria entre a consciência e a inconsciência<sup>8</sup> isto é, em uma necessidade de termos de tocar as coisas, de saborear, sentir, gostar.

Nos termos da filosofia da ciência, esse conceito se amplia e passa a compreender “todo o universo do conhecimento em que estamos inseridos e do qual a gente faz parte<sup>9</sup>”; de que a realidade continha a verdade<sup>10</sup>. Assim, o sujeito estaria subjugado ao intelecto, adaptando-se à ideia da realidade em Deus e Sua criação.

Não obstante, para Platão a realidade está nos indivíduos, em suas ideias e pode ser observada por dois veios: o do *físico* ou *tangível* e o das *ideias*, do suprassensível, local da essência das coisas. Com efeito, a definição desse filósofo se adequa à perspectiva desta pesquisa, uma vez que entendemos que compreender a realidade, perpassa o que pensamos ou

<sup>5</sup> Entrevista concedida pela pesquisadora italiana Cláudia Attimonelli sobre o *fake* e a sociedade do espetáculo. Disponível em: <<http://migre.me/i497R>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

<sup>6</sup> Citando-os sem nos aprofundarmos porque essa não é a temática principal. Para tais aprofundamentos sugerimos a leitura das obras de Platão e de filósofos pré-socráticos, tais como Parmênides.

<sup>7</sup> Parmênides de Eleia, seguidor de Anaximandro viveu no século VI a. C e foi um filósofo pré-socrático que procurava entender o Ser.

<sup>8</sup> “O que é a realidade?”. Disponível em: <<http://migre.me/i4auL>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

<sup>9</sup> Videoaula da Redefor Filosofia, Módulo 4, Disciplina 8. Disponível em: <<http://migre.me/i4arO>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

<sup>10</sup> Segundo os Escolásticos seguidores de Santo Agostinho, na Idade Média.

fazemos dessa, para nós mesmos e para o outro; sobretudo que podemos interferir nesta realidade com os artefatos tecnológicos que inventamos.

Prova disso é o advento da realidade virtual, no século XXI, através da qual nos é permitido adentrar “fisicamente nos produtos da nossa imaginação.” (KERCKHOVE, 2009). Assim, quando um indivíduo está sentado em frente ao ecrã do seu computador, acessando o ambiente digital em busca de interação, apropria-se da realidade virtual para estar num mundo construído, adaptado e “controlado”, a partir das novas tecnologias. Portanto, o porquê de um indivíduo interagir como *fake* neste ambiente é também o que investigamos.

Em segundo lugar, consideramos a webnovela como narrativa contemporânea que complementa o campo da ficção. Seu gênero é oriundo da telenovela (conforme abordaremos mais adiante). A estrutura das histórias e a dinâmica seriada das postagens remontam aos folhetins televisivos, que se tornaram populares no Brasil, sob o termo novela ou telenovela. Com efeito, a autora mais notória desses folhetins brasileiros Janete Clair, investigou os gostos populares para construir as suas histórias, visando agradar o seu público-alvo (CAVALCANTE, 2005) e, assim surgiria uma nova forma de contar histórias, um “jeito brasileiro” de fazer novelas.

Da mesma forma, em tempos de mídias digitais, de compartilhamento de conteúdo e da criação coletiva, observamos uma audiência que quer ir além, que interage, quer participar, simultaneamente; um agrupamento que prefere criar suas próprias narrativas, ao invés de assisti-las, apenas. Por isso, entendemos que a webnovela expressa esse momento sociocultural. Uma vez que, essa narrativa está engajada na cultura *ciber* - que liga o real e o virtual - oferece espaço para criação de textos de autodidatas, que entendem o ciberespaço como propício para criação e disseminação de seus escritos. Assim, esses autores redigem suas tramas prezando a verossimilhança e as compartilham na comunidade virtual, em *real time*, fator possibilitado no ambiente digital.

Por último, observamos o contexto das interações sociais no ambiente digital, na pós-modernidade. A partir dessa, depreendemos duas possibilidades. A primeira é que a comunicação virtual é possível, pelo advento das telecomunicações que reorganizaram o espaço-tempo (THOMPSON, 1998): o sonho de uma sociedade universal proposta pela revolução iluminista europeia, que vem sendo apropriada pela cultura digital (TURKEL, 1997). Sobretudo, o desenvolvimento da informática em um processo sociocultural tinha como sua ideia original uma comunidade eletrônica ou virtual. Assim, a cibercultura tem origem anárquico-revolucionária a partir de seus idealizadores J. C. R Licklider e Robert Taylor (LE MOS, 2008), os quais se tornaram precursores da microinformática que veio a se

concretizar, posteriormente, com “a expansão da cibercultura através do ciberespaço” (p. 104). A segunda possibilidade é, a que importa para a pesquisa, é a da interpretação dessas interações advindas dos perfis *fake* quando acontecidas e percebidas no grupo, nas suas características e apropriações. Para tanto, buscamos, a partir da abordagem metodológica do interacionismo simbólico e da socialidade, a interpretação desses símbolos no cotidiano.

Estamos cientes das eventuais dificuldades para obter as respostas procuradas. Por isso, esta pesquisa se torna relevante pelos caminhos sugeridos para serem observados, que contribuem para o estudo da comunicação na interdisciplinaridade com a sociologia, a partir da investigação do fenômeno das interações mediadas pelo computador.

Assim, organizamos o trabalho em quatro capítulos. Na introdução, o primeiro desses, apresentamos o delineamento do tema da pesquisa, indicando as etapas do processo e os procedimentos de investigação; apontamos, ainda, a abordagem e os procedimentos metodológicos adotados na investigação e sugerimos caminhos a serem observados, visando contribuir para a investigação do fenômeno das interações mediadas pelo computador. No capítulo 2 abordamos a fundamentação teórica. Consideramos o interacionismo simbólico, a partir de Goffman, como contributo teórico-metodológico para analisar a interação virtual ocorrida neste agrupamento, bem como a socialidade, em Maffesoli, para compreender a vida passante (MAFFESOLI, 2007) dessas relações no virtual. Aportamos então, no estilo cotidiano, o grande abarcador desse fenômeno, que é compreendido tanto nas rupturas quanto na rotina. Observamos ainda, numa perspectiva histórica, subtópicos que perpassam, desde as teorias da comunicação unilaterais até à cibercultura, o conceito das redes sociais *online* e a conversação em Raquel Recuero (2012).

No capítulo 3 investigamos os contextos do nosso objeto de estudo. Analisamos os perfis *fake* interagindo; problematizamos essa reconstrução da identidade no contexto da cultura do computador (TURKLE, 1997) e os efeitos da interação homem-máquina, no contexto da pós-modernidade. O capítulo 4 é o analítico. Para a realização desse procedemos com o estudo empírico e investigamos as interações mediadas pelo computador, como essas podem ser interpretadas e qual o seu impacto na sociedade. A análise se deu em dois momentos: no primeiro entrevistamos cinco perfis *fake*, autores de webnovelas da comunidade virtual, buscando observar a “significação subjetiva que os sujeitos [denotam] às suas ações” (BARROS, 2000); num segundo momento analisamos as interações entre esses perfis que escrevem e os leitores das histórias, numa webnovela da comunidade virtual, visando apreender como os símbolos adaptados nessas interações foram interpretados.

A conclusão, última etapa desta dissertação, dá-se a partir do levantamento dessas informações, bem como as considerações resultantes das investigações. Portanto, o desafio metodológico é: definir, identificar, distinguir os acontecimentos nas interações e, posteriormente, catalogar (TEDESCO, 2003) em “ideias-chave”, interpretadas na observação da interação mediada e apropriada pelo computador.

Portanto, observamos tanto a comunicação como o cotidiano, aproximando-se das interações sociais, numa releitura social. Sobretudo, a nossa proposta é a de estudar os fenômenos comunicacionais mediados na cultura do computador, na observação da sociedade contemporânea.

### 1.1 Metodologia de trabalho: formulando o problema

O estar-junto<sup>11</sup> em Maffesoli (2005) problematiza alguns comportamentos sociais, tais como o dos indivíduos em agrupamento numa comunidade virtual, os quais seriam explicados pela “perversão” – no sentido do “desvio” ou “*per via*” – refletida na manifestação da astúcia no viver social, na contemporaneidade. Com efeito, a interação mediada pelo computador seria uma dessas. Prova disso é a possibilidade do agrupamento de pessoas com gostos parecidos, que querem “curtir coisas” parecidas, aqui e agora. Vede o “Rolezaum<sup>12</sup>” agendado via Facebook. Na realidade, esses encontros físicos são organizados para ostentação, diversão e consumo, pela via do digital.

Comportamentos como desses jovens são observados através da pós-modernidade e investigados pelo cotidiano uma vez que, são processos de interação expressos pelo imediatismo, pelos encontros massivos em busca de satisfação pessoal. Não obstante, a proposição central do nosso trabalho depreende, sobretudo, como se dá o comportamento da sociedade através do ambiente virtual; em como compreender a vida cotidiana a partir da interação entre perfis *fake* e uma comunidade virtual.

Nesse sentido, investigamos a partir das interações face a face (GOFFMAN *apud* LITTLEJOHN, 1978) como essas contribuem para a compreensão da organização das trocas entre os indivíduos, pela mediação do computador, nas comunidades virtuais.

---

<sup>11</sup> O cimento do “estar-junto”, termo forjado por Michel Maffesoli, parte das paixões e emoções específicas observadas na vida social, na pós-modernidade. (MAFFESOLI, 2012).

<sup>12</sup> “Rolezaum” é um fenômeno social cujos jovens marcam encontros coletivos via Facebook, em locais privados de consumo, tais como *Shoppings centers* para diversão e consumo. Contudo, depois de repetidas invasões a seis *Shoppings* na cidade de São Paulo, um estabelecimento social de luxo dessa cidade, após tomar conhecimento que esse grupo teria se programado para se encontrar lá proibiu, por meio de liminar, a entrada desses no local, sob pena de pagarem multa no valor de R\$10 mil.

Desse modo, investigamos os perfis *fake*, dialogando com outros perfis anônimos, na comunidade “Web novelas *fake*”, do Orkut. Questionamos, ainda, se de fato existe o perfil *fake*. Ao mesmo tempo, ponderamos que esse é possível, haja vista as representações subjetivas de identidades emularem nesse “ambiente virtual que é anônimo”, segundo Recuero (2012).

Assim, o nosso objetivo geral é demonstrar o cotidiano pelas interações sociais mediadas pelo computador, a partir de uma análise da comunidade virtual “Web novelas *fake*”, do Orkut.

Concomitantemente, delineamos:

- a) analisar perfis *fake* autores de webnovelas da comunidade “Web novelas *fake*”;
- b) observar a interação entre os membros-leitores e o membro-escritor durante as postagens dos capítulos da novela na “Web novelas *fake*”;
- c) situar essas interações no conceito de conversação virtual, visando uma melhor explicação do que foi elencado na amostragem;
- d) demonstrar através dos parâmetros estabelecidos, uma reflexão sobre as relações sociais do cotidiano mediadas pelo computador, como contributo para a pesquisa em comunicação.

Assim, nossa investigação se situa no campo das ciências da comunicação, nutre-se do estudo do cotidiano, a partir da sociologia compreensiva (Maffesoli) e, numa abstração mais apurada, a perspectiva epistemológica da fenomenologia. Orienta-se, portanto, pela proposta de interdisciplinaridade sugerida pela linha de pesquisa Mídia e Cotidiano, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas, da Universidade Federal da Paraíba (PPGC/UFPB) e perpassa ainda, a apropriação e ressignificação das práticas de interação social, no ambiente digital. Desse modo, esta pesquisa lança um olhar sobre as relações socioculturais compreendidas no cotidiano e na comunicação, mediadas pelo computador.

## **1.2 Orientações Metodológicas**

As novas formas de interação entre o homem e a máquina e, do *self* (TURKLE, 1997) trouxeram novos elementos para compreensão da interação social num ambiente virtual. Nesse enfoque contemplamos as interações pelo aporte teórico-metodológico do interacionismo simbólico, em Goffman e da socialidade, em Maffesoli.

Quanto aos procedimentos metodológicos utilizados, partimos da abordagem qualitativa, cuja problematização se dá através da observação da interação na comunidade “Web novelas *fake*”. Inclusive, ressaltamos que a “cola” dessa relação se dá mediante a escrita e a postagem seriada das histórias, pelos escritores e o ato da leitura dessas, pelos demais. Com efeito, nesta pesquisa denominamos esses perfis, respectivamente, como membros-leitores e membro-escritor e salientamos que essas histórias fictícias, que são postadas *on-line*, possuem elementos de folhetim. Na medida em que os demais membros-leitores leem essas histórias, respondem com *up's*<sup>13</sup> (sobre esse termo explanaremos no capítulo da análise) caso gostem e, assim, incentivam os membros-escritores a continuarem postando.

Para a construção da investigação organizamos a abordagem metodológica em dois momentos: primeiramente, analisamos perfis *fake* autores de webnovelas da comunidade, observando como esses interpretam o contexto da comunidade virtual; logo depois analisamos a interação entre os membros-leitores e o membro-escritor, durante a postagem da webnovela “*Rented Boyfriend*”, cujos critérios para escolha observaremos mas adiante.

Evocamos, assim, o conceito de cotidiano que estudamos como abarcador dessas interações sociais da pós-modernidade, sobretudo porque a abordagem da vida cotidiana, notadamente, é contraditorial (WEBER), nas “heterogeneidades e [...] paradoxos” (p. 191) nela existentes. Essa é constituinte das relações sociais desses novos agrupamentos.

Não obstante, o cotidiano abordado na perspectiva da ruptura e da rotina em Pais (2003) se constitui o caminho para observá-lo, a partir de Maffesoli. Com efeito, quando esse sociólogo afirma que no contraditório surgem novas formas de sociabilidade, abre espaço para a compreensão dessas interações pela socialidade, que norteiam a comunicação na sociedade contemporânea e auxiliam na observação dessa pela mediação do computador.

Assim, entendemos ser o interacionismo simbólico e a socialidade, as abordagens teórico-metodológicas apropriadas para observação das interações sociais mediadas pelo computador, na comunidade virtual “Web novelas *fake*”, do Orkut. Aquele pela possibilidade de interpretação das interações entre os perfis da comunidade; esse por abordar, a partir do cotidiano, em Maffesoli, o nível de interação que traduz o reagrupamento de indivíduos. Esse

---

<sup>13</sup> São símbolos verbais escritos utilizados por membros das comunidades do Orkut, como respostas positivas a alguma questão ou tema. A finalidade é que fique nos primeiros lugares, mais visíveis. No âmbito da “Web novelas *fake*”, são utilizados como “capital social” pelos leitores como garantia de audiência a história, bem como a vontade de que esta continue sendo postada. É uma via de mão dupla, pois, o escritor também se sente motivado a continuar escrevendo ou postando, devido a audiência.

*religare* através das tribos (1998) também é utilizado pela comunicação, objetivando compreender esse espaço de trocas mediadas.

### 1.2.1 Delineamento da pesquisa

O *corpus* da pesquisa é a comunidade virtual “*Web novelas fake*”, do Orkut. Essa escolha é justificada a partir de três perspectivas: a primeira é a observação dos perfis *fake*, nessas interações; a segunda aponta a *webnovela*, como expressão narrativa resultante da interação entre esses perfis e a terceira elege essa comunidade, como ambiente do acontecimento da interação. Sobretudo, essa vincula a relação da *webnovela* e do perfil *fake*, nesta dissertação.

Portanto, percebemos que o enfoque de nosso estudo está nos novos processos de sociabilidade entre as representações virtuais. Numa palavra, o panorama que apresentamos objetiva estruturar o trabalho num enquadramento apropriado não obstante, ser relevante apreendermos que o nosso objeto central de estudo é a comunidade virtual “*Web novelas fake*”.

### 1.2.2 Coleta de dados

Já falamos, anteriormente, que o *corpus* desta pesquisa é a “*Web novelas fake*”, comunidade virtual do Orkut. Assim, para observação dessa, procedemos com a entrevista em profundidade, estruturada e escrita, a partir da abordagem qualitativa, que contém 10 perguntas abertas, visando obter respostas subjetivas (BARDIN, 1977).

As perguntas que compõem essa entrevista<sup>14</sup> surgem a partir da uma leitura prévia das interações na comunidade virtual analisada. No decurso, as intuições, resultantes dessa leitura, inicialmente, nos levaram a pensar que os perfis, membros dessa comunidade, interagem no contexto de ambiente virtual. Posteriormente, considerando o conteúdo das respostas dessas entrevistas fizemos a codificação dos dados, identificando as palavras-chave, as quais nesta pesquisa, convém chamar de “ideias-chave”, classificando-as em categorias temáticas (FRAGOSO; RECURO; AMARAL, 2012). É pertinente salientar que essa abordagem é inspirada na teoria do teste dos 20 enunciados, de Kuhn<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup>Em anexo.

<sup>15</sup>Manford Kuhn, da escola interacionista, organizou um questionário contendo 20 questões em branco precedidas por algumas orientações de preenchimento, a partir da pergunta: “Quem sou eu?”. A partir daí esse formulou duas variáveis considerando “dois aspectos principais do eu” (LITTLEJOHN, 1978, p. 78). Kuhn designou as variáveis de *ordem* e do *locus*, e sua relação com a sociedade.

A princípio, consideramos as variáveis que foram desenvolvidas no momento do tratamento dos dados. Porém o procedimento para desenvolver a análise foi problemático, devido à dificuldade de escolher qual procedimento adotar e quais critérios proceder para definir a amostragem no âmbito dos fóruns do Orkut. Assim, fizemos leituras, dialogamos com outros pesquisadores e, a partir das trocas, conversas e orientações, concebemos a abordagem pela entrevista. Enviamos, aleatoriamente, as entrevistas para os escritores populares dessa comunidade e o que outrora nos fora incomodo, corroborou para entendermos nossa autonomia no processo de seleção da amostragem; até porque se nos detivermos na quantidade “ideal” do universo da amostragem, no contexto da pesquisa social, se torna irrelevante o número de componentes a ser escolhido, inclusive por sua complexidade inicial, uma vez que

o número de componentes da amostra é menos importante que sua relevância para o contexto de pesquisa, de modo que os elementos da amostra passam a ser selecionados deliberadamente, conforme apresentem as características necessárias para a observação, percepção e análise das motivações centrais da pesquisa (FRAGOSO; RECURO; AMARAL, 2012, p. 67).

Uma vez já enfocados com o procedimento metodológico, procedemos com o envio dos questionários, por e-mail e via depoimento, para os perfis no Orkut ativos no momento da pesquisa; posteriormente, a partir da análise dos conteúdos das falas, catalogamos as “ideias-chave”.

Desse modo, a interpretação dessas conversas virtuais demonstra as características próprias do ambiente digital. Mediante a resposta dos perfis, partimos para a organização das falas em cinco categorias temáticas: a) da escritora para as leitoras: as pausas e ausências; b) das leitoras para a escritora: pausas e ausências; c) *up's*, capitalizando a interação; d) das características próprias dessas interações e, e) interações mediadas na comunidade virtual: grupos e conversações.

Seguimos, portanto com a amostragem do “tipo intencional” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012) considerando que esses elementos são “selecionados conforme critérios que derivam do problema da pesquisa” (p. 78).

No primeiro momento, analisamos as conversas entre os perfis entrevistados transformando-os em subcapítulos. Depois disso, classificamos a amostra partindo dos elementos subjetivos apreendidos nas respostas à entrevista. Em seguida selecionamos os dados, isto é, a partir das respostas à entrevista recortamos as “ideias-chave”, as quais classificaram as variáveis consideradas.

Em um segundo momento foi necessário observamos o processo de interação. Assim, escolhemos uma webnovela intitulada “*Rented Boyfriend*”, escrita por *Writer of Dreams*, um dos cinco perfis entrevistados. Entendemos como relevante a análise de uma webnovela que apresenta “as características necessárias para a observação, percepção e análise das motivações centrais” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012), nessa pesquisa. Deste modo, *printamos*<sup>16</sup>, selecionamos e investigamos algumas características observadas nessas interações. Posteriormente, organizamos e elencamos, em cinco categorias temáticas, sendo a enumeração dessas ideias definida pelo grau de relevância; então construímos a análise.

Convém salientar que outra dificuldade sentida foi com relação à seleção da amostragem devido à volatilidade característica dessa ambiência virtual. Um dos fatores foi a migração dos membros do Orkut para outros *sites*, intensificada pela crescente popularidade das redes sociais *online* (RECUERO, 2009). Outro fator observado foram postagens contendo webnovelas incompletas – não efetivamente “abandonadas”, pois muitas vezes os autores param de postar, ficam ausentes por meses até retornar – ou perfis de autores deletados.

Em virtude disso, estabelecemos critérios para a seleção da amostragem. A princípio elencamos os membros-escritores que postaram histórias no ano de 2013, respectivamente, o ano da análise e, mais precisamente, no segundo semestre, período mais recente e possível de os contarmos.

Como exemplo, encontramos, intencionalmente, uma webnovela postada em novembro de 2009, de autoria de “DLT Mariã Eđuarda Drawer – DLT.” Esse autor deixou a sua história incompleta, informou em seu perfil o ocorrido e se deletou. O curioso é que esse se excluiu, mesmo após ter registrado em seu perfil: “amaanhã postoo maais (sic)”<sup>17</sup> isto é, que continuaria postando.

Por isso, elencamos dois critérios para seleção dos perfis que seriam entrevistados: 1) observar os *fóruns* – que são as *webnovelas* e 2) selecionar as que estão ativas - desconsiderando as *webnovelas* postadas de 2009<sup>18</sup> até 2012.

Não obstante, após esse natural afunilamento entramos numa próxima etapa, mais amadurecida, cujos critérios foram: 1) quanto às *webnovelas*: escolher as que obtiveram um mínimo de cinco mil *up*'s/respostas ou comentários da audiência - meta estabelecida por nós que denota tanto a popularidade das histórias como o fato dessas estarem ativas e 2) quanto aos membros-escritores: observar os que postam nessa comunidade virtual e que se

<sup>16</sup> Neologismo que se refere a utilização da tecla *Print screen* para copiar a interface do computador. Assim, o ato de “printar” copia a imagem que está projetada na tela.

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://migre.me/hraCr>>. Acesso em: 01 ago. 2013.

<sup>18</sup> Esta comunidade foi iniciada em 2006, contudo encontram-se postagens apenas a partir de 2009.

enquadram nos seguintes critérios: 2.1) o de estarem divulgando histórias recentes e 2.2) de interagirem com a audiência visível<sup>19</sup>, caso as histórias já tenham sido finalizadas.

Assim, aplicamos a pesquisa qualitativa com membros-escritores ativos, considerando a popularidade das suas histórias e o número de respostas/comentários da audiência<sup>20</sup> a essas narrativas. Vale ressaltar que essa observação se dá na ambiência da internet, campo ainda em desenvolvimento (FRAGOSO; RECURO; AMARAL, 2012), o que significa dizer que essa não deve ser considerada um campo acabado – pois, de fato acreditamos que não seja - pelo contrário, a internet apresenta complexidades, sobretudo, no que se refere à coleta de dados, conforme abordamos anteriormente. Portanto, nesta pesquisa compartilhamos nossa dificuldade para determinar o percurso que atinja os critérios previamente considerados, no que tange estabelecer as amostragens para análise.

No entanto, vemos isto como positivo, pois, o fato da internet ser um campo aberto indica que estamos explorando um caminho que está a nossa frente, visível a muitos, porém enxergados por alguns. Talvez, ainda seja necessário transcorrermos um bom percurso. Por isso, a sugestão é consultar trabalhos mais recentes nessa área, bem como o diálogo com pesquisadores de disciplinas afins, para ampliar o campo de possibilidades de pesquisas, em comunicação, mais relevantes para o ambiente digital.

Acreditamos, portanto, considerar essas percepções, acima elencadas, pois valem tanto para a pesquisa qualitativa - quando aplicamos entrevistas com quem e sobre quais critérios – como para a quantitativa – quando buscamos tratar de porcentagens, por exemplo, que representem, em números, uma amostragem coerente com o que se pretende demonstrar.

### 1.2.3 Entrevistas

Iniciamos essa próxima etapa enviando questionários aos perfis fake membros do grupo, *corpus* da pesquisa, aleatoriamente, através da internet. À medida que esses respondiam, nos encaminhavam via depoimento do Orkut, pois, preferiam esse recurso. Não obstante, alguns não responderem, isso não impediu de alcançarmos os cinco perfis necessários para a análise.

---

<sup>19</sup>Conversação pública por meio da escrita, no ciberespaço, cujos membros participam registrando comentários. É pública porque qualquer pessoa inscrita na rede social *online* pode acessá-la e acompanhá-la (RECURO, 2012).

<sup>20</sup>Essas respostas são compostas por comentários e *up's* e esses serão discutidos na seção quatro.

Nessa direção, podem surgir questionamentos, tais como: por que apenas cinco questionários em um universo com mais de 300 mil membros inscritos? Pensamos que no âmbito da internet a quantidade não seria, efetivamente, sinônimo de eficácia dos dados, uma vez que investigamos a experiência de interação de perfis *fake* numa CV e, esse procedimento é bastante subjetivo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: ORIGEM E CONCEITOS

Neste tópico abordaremos o cotidiano, o primeiro dos três veios temáticos que constroem esta pesquisa, bem como faremos um breve percurso histórico desde as teorias da comunicação até a cultura ciber, visando situar o objeto pesquisado, a “Web novelas *fake*”, à análise.

### 2.1 Das teorias de comunicação às comunidades virtuais: uma perspectiva histórica

Impossível falarmos em comunicação sem nos remeter às suas teorias fundantes. Desde os paradigmas que abordavam o emissor-mensagem-receptor, passando pela revisão desses por meio do “papel ativo da audiência e o caráter polissêmico da mensagem” até, mais recentemente, o sinalizar a busca de uma “integração teórica, metodológica e dos níveis de análise entre as diferentes teorias”, vem produzindo profundas “modificações nas relações entre as audiências e os meios de comunicação.” (IGARTÚA; HUMANES, 2004 *apud* FERREIRA *et. al.*, 2010, p. 22).

A escola brasileira, inicialmente, seguiu os teóricos norte-americanos que apontavam para os processos fundamentais da comunicação enfocando a teoria matemática dessa. Entretanto um insurgente, Luiz Beltrão, oriundo da CIESPAL<sup>21</sup>, apresenta seus estudos em Folkcomunicação, adaptando essas teorias norte-americanas à realidade brasileira, bem como “a de outras sociedades multiculturais, [...] vinculada aos estudos empíricos de campo, a partir de Paul Lazarsfeld e Elihu Katz”. Beltrão enfoca nessas pesquisas que há um “papel das lideranças grupais [...] no campo, cidades do interior ou nas periferias metropolitanas, por agentes [...] múltiplos e de maneira coletiva” (FERREIRA *et. al.*, 2010, p. 23 e 24); abordando assim a cultura dos marginalizados.

Ferreira *et. al.* (2010) aponta, ainda, que José Marques de Melo dá continuidade a sua teoria buscando parcerias com a escola latino-americana com nomes, tais como: Jesus Martín-Barbero. No decorrer, aborda ainda que a Escola Norte-americana, apresentada por Stephen W. Littlejohn se fecha e ignora a Escola Europeia. Sobretudo, relembramos que na década de 90, nos cursos de graduação, ainda aprendíamos que as teorias da comunicação eram os conceitos matemáticos de Claude Shannon e Warren Weaver, denotando que os pesquisadores

---

<sup>21</sup> Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina.

brasileiros liam as obras da Escola Norte-americana, que foram traduzidas e financiadas por essa, para os países periféricos.

No entanto, continua Ferreira et. al. (2010) o pesquisador venezuelano - o Antônio Pasquali - afasta-se do grupo pertencente a teoria norte-americana por considerar a escola de Frankfurt e sua análise crítica pertinentes (FERREIRA *et.al.*, 2010). A CIESPAL passaria então a ser o divisor de águas na pesquisa em comunicação, uma vez que essa começa a tomar a forma de uma pesquisa latino-americana sobre os fenômenos da comunicação, sobretudo, o brasileiro Luiz da Costa Lima, segundo Ferreira et. al. (2010), cujo intuito fora alavancar a mescla de “textos de autores norte-americanos e europeus, com ênfase no grupo frankfurtiano” (FERREIRA *et.al.*, 2010, p. 28). Esse período efervescente da pesquisa foi, inclusive, uma reação às ditaduras então emergentes nos países do Cone Sul, tais como: Chile, Argentina, Uruguai e Brasil. A segunda geração desta escola perduraria até hoje, sendo representada por Francisco Rüdiger.

Salientamos ainda, que a partir dos anos 90, sob forte influência da igreja católica, “abriu-se o panorama de reflexões teóricas e os estudos práticos em torno da comunicação” (FERREIRA *et.al.*, 2010, p. 29). Através da Teologia da Libertação, essa instituição eclesial passou a intervir considerando os aspectos políticos e sociais que circuncidavam o Cone Sul.

Posteriormente, dava-se conta de pesquisas práticas em sala de aula, “partindo do debate inicial sobre o fenômeno comunicacional, incluindo um viés histórico-civilizacional” permitindo “abordar as principais correntes sob uma perspectiva geográfica e histórica” (p. 31). Assim, cedeu-se espaço às pesquisas contemporâneas, tais como: a *Agenda Setting* e estudos da Semiótica, entre outros. Passa-se então a ampliar tanto os conceitos quanto os autores da comunicação, “graças à implantação crescente de Programas de Pós-Graduação, primeiro em nível de Mestrado e, logo depois, de Doutorado” (GOBBI; HOHFELDT, 2004 *apud* HOHFELTED, 2010, p. 36).

A tendência então fora apontar para a interdisciplinaridade com a questão da linguagem, o pensamento estoico da Grécia Clássica, bem como o acontecimento ampliando e direcionando a pesquisa para os conhecedores, sejam eles dos debates das teorias da comunicação ou da modernidade e pós-modernidade.

Destarte, mais recentemente, Jorge Duarte e Antônio Barros autores da obra “Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação” apontam para “a reflexão teórica e as múltiplas tentativas de se realizarem sínteses a respeito do estágio da própria pesquisa” (*apud* FERREIRA, et. al., 2010, p. 33). Especialmente, no âmbito do “conhecimento científico da

comunicação, apesar de sua juventude, observa-se uma força singular que, em parte, fundamenta-se no aproveitamento da experiência das trajetórias já realizadas por outros campos do conhecimento” (MALDONADO, 2006 *apud* HOHFELDT, 2010, p. 34). Assim sendo, a pesquisa em comunicação, anteriormente considerada como segundo plano emerge, entre outros aspectos, para uma transdisciplinaridade, dialogando com outras disciplinas a exemplo da sociologia (vede as teorias do cotidiano), antropologia e psicologia, visando encontrar algo. A comunicação vivencia, então, seus dias de epistemologia científica.

No âmbito da pesquisa em internet, Lúcia Santaella (2001) asserta sobre a onipresença da comunicação, caracterizada pelo hibridismo dessa como fenômeno comunicacional em si e, área de conhecimento situada na interdisciplinaridade, concomitantemente à globalização, então em ascensão, na década de 90. Essa, apoiada pela política econômica do neoliberalismo, surge em meio aos debates sobre a pós-modernidade, cujos meios de comunicação passam a ser interpretados como um sistema de redes e, assim, inserem-se numa sociedade informacional e comunicativa, explicada pela revolução digital.

Portanto, uma nova estrutura social vem sendo estabelecida, em escala planetária, após o advento da internet. Para teóricos como Pierry Lévy (1999), um dos pioneiros na pesquisa em cibercultura<sup>22</sup>, essa cultura transcorre o interesse de jovens desejosos por experimentar novas formas de comunicação. Com efeito, por esse “vaso comunicante” se disseminam linguagens e sensibilidades que agregam multidões de “e-leitores” e escritores, encorajados pelas cognições coletivas conectadas. Além disso, Howard Rheingold (*apud* COSTA, 2008) aponta que já nasceram as crianças que jamais usarão o computador tradicional, visto que essa geração é fruto das mídias móveis, redes sem fio, *palmtops* e *iPhones*, superando a primeira impressão de que os computadores seriam o único meio de acesso à rede.

Nesse ínterim, o ciberespaço pode ser visto como uma socioambiência tecnológica, alimentada pelo *boom* digital, gerado num presente contínuo e circulação constante. E, com esse processo narrativo ressignificado, prolifera uma escrita embasada no desenvolvimento e produção de conteúdo comunicacional, considerando os suportes tecnológicos, descentralização do produtor e horizontalidade da informação (LEMOS, 2003).

Nesse contexto surgiram as comunidades virtuais abrindo espaço para as representações subjetivas no virtual ou apenas perfis, em ajuntamentos que não levam em consideração o espaço físico ou território, e efetivamente, favorecem a emergência dos chamados amigos virtuais, de agrupamentos *on-line*.

---

<sup>22</sup>“Conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente como crescimento do ciberespaço” (LEVY, 1999, p. 17).

## 2.2 O estilo cotidiano, para entender os agrupamentos virtuais

Para compreensão desses agrupamentos virtuais, como fenômeno sociotecnológico de ajuntamento, consideramos os estudos sobre o cotidiano, do sociólogo francês Michel Maffesoli (1998; 2007; 2012), nesta pesquisa.

Antes de mais, pensamos esse cotidiano por meio de três elementos constitutivos, apontados pelo sociólogo e jornalista Wellington Pereira (2007): o “mundo da vida”, a “vida cotidiana” e a “cotidianidade”. O mundo da vida é compreendido a partir dos estudos de fenomenologia de Alfred Schutz, que apontam para o “mundo dado”, que nos é apresentado ao nascermos, no qual não interferimos, a priori. O segundo elemento se refere à vida cotidiana, a essa vida objetiva, que traduziria a vida do trabalho, a vida moderna - e por que não normativa? Nessa última estamos inseridos, tendo em vista o contexto do século XIX, período em que esse conceito surge. Um último elemento é a cotidianidade. Essa qualidade dos processos da vida cotidiana, não se refere a uma “adjetivação”, baseada nas satisfações materiais, se a compararmos à sociedade do consumo; por outro lado, aplica-se àquela “parte” do imaginário social dos povos, que compõe esse grande organismo: o cotidiano.

Essa “parte” entendemos como a linguagem do ideal comunitário, a partir dos significados da “gestão das diferenças” (WOLTON, 2004 *apud* PEREIRA, 2007) é o campo em que a comunicação atua, em conformidade com o cotidiano. Contudo, a princípio, nessas “rotas do cotidiano” (PAIS, 2003), observamos uma transitoriedade como vetor entre seus opostos: a rotina e a ruptura. A rotina que, por exemplo, compreende o fazer diário, o acessar a internet, o acompanhamento das notícias nas mídias tradicionais ou o simples ato de comprar o pão, deduzem ser esse um “conhecimento prático” (p. 28), que interpreta essas experiências como as próprias respostas.

A ruptura, a outra face da moeda, o seu extremo evidencia o rompimento. Nesse aspecto o estudo de Pais (2003) aponta o cotidiano como “uma rota de conhecimento” (p. 31), um movimento próprio da sociologia do cotidiano que desemboca nos aspectos inofensivos, porém, não estando limitados a esse, pelo contrário, perpassa-os, todavia, sem esgotá-los. Assim, nessa “sociologia passante” (PAIS, 2003, p. 29) se encontram outros aspectos, que compreendemos pelo banal, dentre esses o das representações. Esse banal não seria sinônimo de irracional, mas, estaria próximo ao não racional, a outra forma de racionalidade, que perpassa as sensações e o presente necessários para compreender as representações subjetivas, tais como: os perfis *fake*, interagindo mediados pelo computador.

Nesse contexto, Maffesoli (1995) aborda o cotidiano “em todas as suas formas de representações” (QUEIROZ; PEREIRA, 2011). O “Estilo<sup>23</sup>” do cotidiano tem seu arcabouço teórico a partir da obra de Maffesoli, o qual observa o não conceitual, que considera os paradoxos como estruturas sensíveis que sustentam a vida social e podem ser compreendidos pelo senso comum. E não se trata de algo de foro íntimo do sociólogo, mas, observado nas tribos e comunidades. Essa abordagem atravessa o âmbito sociológico apontando para a reunião do estético, do comunicacional e do presente, a fim de entender a sociedade em sua determinada época (MONTEIRO, 2010). Esse “estilo” encarna a socialidade, que inscreve “um novo princípio de unidade” da pós-modernidade.

Portanto, esse estilo cotidiano, que indica o ponto de partida e de chegada cujo percurso revela a realidade social pode ser compreendido pelo mundo das experiências individuais, dos significados que tecem o coletivo. E é por esse veio que investigamos a vida social, ancorados também nos estudos de Erving Goffman, que apontam para a compreensão da sociedade, do micro para o macro, interpretando as interações entre indivíduos, visando compreender o todo. Esses agrupamentos, organizados pelo aqui agora, são compreendidos através da organização social contemporânea.

Nessa ordem, propomo-nos a observar a relação da comunicação e do cotidiano, bem com pretendemos investigar as interações mediadas e como os indivíduos, em representação, interpretam e se interpretam nessas relações virtuais. Portanto, é neste “estar-junto” que pretendemos nos ater.

### **2.3 O interacionismo simbólico: perspectiva histórica**

A corrente sociológica do interacionismo simbólico tem inspirado “um considerável número de estudos sobre a vida cotidiana” (PAIS, 2003, p. 92). Em vista disso, pretendemos fazer uma coesão do estudo do cotidiano e da interação mediada pelo computador.

Efetivamente, a partir do conceito de Pais (2003) sobre o cotidiano, a vida cotidiana é, basicamente, interação entre pequenos grupos, o que privilegia “a subjetividade dos atores” (p. 93).

---

<sup>23</sup> “Aplica-se às formas sociais como algo organizado a partir do imaginário de cada povo. [...] De tudo o que foi dito, deve-se lembrar que o estilo pode ser considerado, *stricto sensu*, uma “encarnação” ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais maneiras de pensar e agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura” (MAFFESOLI, 1995, p.64).

Em um sucinto relato sobre as origens do interacionismo simbólico, algumas das teorias que compõem em grande parte essa teoria metodológica, variam entre o holístico e o fenomenológico. Autores como Littlejohn (1978, p. 65) apontam essa perspectiva teórica como “um excelente ponto de partida para dezenas de outras teorias de interação”.

De forma generalizada o interacionismo simbólico

[...] fornece uma introdução à teoria da comunicação [que] diz-nos que a comunicação é primordialmente um processo de interação simbólica. [O interacionismo simbólico seria] um corpo de teoria que explica mais detalhadamente essa generalização. Quase todas as teorias da comunicação se relacionam com algum aspecto da natureza simbólica da comunicação; mas, [...] o interacionismo simbólico fornece o melhor quadro unificado geral (LITTLEJOHN, 1978, p. 65).

Assim, para Herbert Blumer (s.d, p.188 *apud* TEDESCO, 2003, p. 65) o termo interacionismo simbólico se refere “ao caráter distinto da interação entre os indivíduos”, isto é aponta para a subjetividade de cada indivíduo na interação.

Blumer é um dos dois pesquisadores-seguidores que acompanharam George Herbert Mead, psicólogo social e behaviorista, autor da obra “*Mind, self and society*” - espécie de bíblia dos interacionistas - e o pai dessa corrente; o outro é Manford Kuhn. Todavia, ambos, Blumer e Kuhn fundam escolas a partir de suas perspectivas sobre a leitura dessa obra póstuma de Mead, mas por escolas divergentes. Blumer, que cunhou o termo interacionismo simbólico foi o fundador da Escola de Chicago e defendeu uma metodologia voltada para o humanismo. Manford Kuhn, mentor da Escola de Iowa seguiu a interpretação lógica da teoria de Mead, bem como agregou o método quantitativo para interpretá-la. Assim, Blumer perseguiu a perspectiva mais voltada para pesquisa qualitativa e Kuhn, a ótica da abordagem quantitativa dos estudos de George Mead.

Erving Goffman é apresentado ao interacionismo simbólico, um pouco depois, pela teoria da autorrepresentação na comunicação interpessoal. Esse sociólogo, de tradição dramaturga<sup>24</sup> observa o comportamento humano, o “que representa a copresença física do indivíduo em uma relação” (TEDESCO, 2003, p. 66), como uma “metáfora teatral”, cujas “pessoas são os atores e o contexto habitual de interação é um palco” (LITTLEJOHN, 1978, p. 218). Para Goffman, essa interação é uma “representação através da qual são projetados vários aspectos do eu” (LITTLEJOHN, 1978, p. 218).

---

<sup>24</sup> “Os dramaturgistas veem o homem como um ator num palco metafórico, desempenhando papéis em interação com outros” (LITTLEJOHN, 1978, p.78). Essa Escola é marcada por três teóricos: Erving Goffman, Kenneth Burke e Hugh Duncan. Goffman, por ter escrito extensamente sobre o “modo como os indivíduos se apresentam um ao outro” (p.78) foi considerado a parte dessa, classificado como autor da microscópica teoria da Autorrepresentação (p. 218).

O interacionismo simbólico, portanto, “procura explicar o comportamento institucional como originado na interação face a face” (TEDESCO, 2003, p. 71) visando uma compreensão da vida cotidiana; seu ponto-chave para a observação da sociedade é a comunicação interpessoal “que ocorre no contexto da interação face a face, em eventos de comunicação oral e direta” (LITTLEJOHN, 1978, p. 205)<sup>25</sup>. Entretanto, compreendemos que essa corrente vem se aproximando dos estudos de comunicação<sup>26</sup> e, mais recentemente, das abordagens sobre as mídias digitais, nas perspectivas das comunidades virtuais. Sobretudo, essa se tornou matéria-prima e tem promovido contribuições aos estudos da análise das conversações nos *sites* de redes sociais, de Raquel Recuero (2009; 2012).

Desse modo, quanto à abordagem do método proposto para essa pesquisa, o desafio é aplicá-lo no espaço digital, da cibercultura, considerando a microssociologia de Goffman (1985) como abordagem do cotidiano. No que tange o “desafio”, concordamos com Littlejohn (1978) quando afirma que “todas as teorias devem ser vistas como construções” (p. 200) por isso, a partir do conceito da teatralização e a utilização da máscara em Goffman, pelo sujeito em interação, no seu grupo social em uma comunidade virtual, propomos categorias e “ideias-chave” nesta dissertação, para demonstrar o resultado da investigação. E isso, é o que veremos no capítulo da análise.

Fazemos, ainda, uma ponte com José Machado Pais (2003) para o qual a vida parece um desfile de máscaras, sob as quais os indivíduos se escondem, para se revelarem, contudo escondendo a sua própria identidade, o seu próprio rosto. Portanto, a ideia de uma sociologia do efêmero torna a corrente metodológica do interacionismo simbólico apropriado para observação desta “nova cultura feita de vibrações, [de] contatos *face-to-face* [...], [de] tudo o que se passa agora” (PAIS, 2003, p. 94), do indivíduo e suas máscaras.

## **2.4 A socialidade: o arremate necessário**

Para compreender a vida cotidiana é preciso investigar e interpretar os meandros da vida (QUEIROZ; PEREIRA, 2011). De forma mais específica, a relação da comunicação e do cotidiano constitui esse ponto de partida e de chegada cujo percurso revelará a realidade social. Realidade essa que, segundo Michel Mafesolli (1995), aponta para a análise da

---

<sup>25</sup>As teorias envolvendo o Interacionismo Simbólico incluem os contextos de comunicação interpessoal, dos pequenos grupos, organizacional e de massa. (LITTLEJOHN, 1978, p. 205).

<sup>26</sup>Vide obra “Fundamentos da teoria da comunicação”, de Littlejohn (1978).

sociedade “em todas as suas formas de representações, não deixando de considerar aspectos como: subjetividade, alteridade, Socialidade e microssaberes” (QUEIROZ; PEREIRA, 2011).

A socialidade é um estilo estético observado no cotidiano. Traduz-se na forma das relações sociais contemporâneas no diálogo com as novas tecnologias, porém numa mudança de escala. Isto é, opõe-se à sociabilidade, no que tange a experiência coletiva baseada no racionalismo, na homogeneização e institucionalização (LEMOS, 2008). É constituída na experiência social da pós-modernidade, estabelecida na unicidade ou pelo veio do holístico, o qual é estabelecido na convivência entre elementos os mais diversos (LEMOS, 2008).

A “ética da estética” é outro conceito chave para compreensão da socialidade. Segundo Maffesoli (1990 *apud* LEMOS, 2008, p. 86) esse “paradigma estético” supera a moral universalizante, própria da modernidade e é observado por um ethos social “onde aquilo que é compartilhado com outros será primordial.” Essa nova forma de sociabilidade, portanto, vai de encontro à modernidade e explica a pós-modernidade, pois, responde à saturação e ao fim dos grandes sistemas e das macroestruturas (MAFFESOLI, 1998).

Esse paradigma estético aponta para a sociedade do ajuntamento pela vontade; é a “cultura do sentimento”, escreve Maffesoli (*apud* LEMOS, 2008, p. 85), que produz a “ética da estética” versada pelo sentido do “gosto” (MAFFESOLI, 2012).

Concordamos com Lemos (2008) quando assera que as tecnologias do ciberespaço funcionam como “vetores de comunhão de compartilhamento” (p. 86). Sobretudo, as interações observadas na comunidade virtual expressam esse conceito no sentido de que traduzem relações passageiras, porém orgânicas, que apontam para uma religação comunitária.

Com efeito, o ethos desses agrupamentos virtuais é percebido pelos gostos, pelas paixões em comum, expressas nos temas que ligam as comunidades virtuais ao Orkut. Essa “razão sensível” aponta para a coexistência entre a razão e sentimento, dando lugar a uma racionalidade que reflete a compaixão e a paixão dos agrupamentos, no aqui agora.

Nesse aspecto, observarmos o microconceito da tribalização para entendermos a cultura do sentimento sob as máscaras das “multipersonalidades” no cotidiano (LEMOS, 2008). O aspecto da identificação com a tribo aponta uma “forma massiva”, tátil, diferentemente da organização social, acorrentada à sociabilidade e suas regras normativas de convívio. Assim, o neotribalismo refaz os termos do tribalismo tradicional e é perfeitamente aplicável para entender os perfis *fake* como multipersonalidades nas comunidades virtuais.

#### 2.4.1 A socialidade: uma comunidade de ideias

A socialidade estaria ligada ainda, à noosfera, a essa comunidade de ideias, afetos e sensações, sobretudo, para a sociedade do (pós) espetáculo (da internet); funciona, portanto, como vetor de reencantamento do mundo animado pelas aparências as quais seriam ressaltadas na “profundidade que estaria oculta na superfície das coisas” (MAFFESOLI, 1998, p. 108). Portanto, a efervescência “numa dimensão afetiva e sensível” (p. 102) traduz o novo espírito do tempo em que o homem não é mais considerado isoladamente.

Dessa feita, a nossa proposição é a de que a comunidade virtual funciona se organizando pelo sensível, bem como se constitui pela prática do “estar-junto à toa” (p.111). Esse “estar-junto”, a partir de Maffesoli, ancora-se na abordagem do cotidiano e, torna-se fonte de um conhecimento próprio que analisa a astúcia dos agrupamentos humanos contemporâneos, da socialidade. (QUEIROZ; PEREIRA, 2011). Essa prática juvenil, efervescente por natureza, convida a uma nova experiência estética, que acompanha uma espécie de mover da multidão; uma união dos díspares sociais (MAFFESOLI, 2005).

É o reagrupamento que organiza o homem em tribos ou neotribalizações. As comunidades virtuais, nos *sites* de redes sociais, apresentam características de interações pelo veio da socialidade, como exemplo, o indivíduo que decide tornar-se membro ou abrir uma conta em um *site* de rede social; a bem da verdade se pode construir um ou mais de um perfil, fato esse que na modernidade, cujas instituições disciplinam e individualizam o sujeito (FOUCAULT *apud* RALEIRAS, 2007), não seria possível. Isto é, na pós-modernidade esse indivíduo, esse “eu” além de “plural e fragmentado” é “múltiplo, fluído, e constituído em interacção com uma rede de máquinas” (TURKLE, 1997 *apud* JULIO, 2005). Sobre esse “eu” fluído no contexto das novas tecnologias abordaremos no próximo capítulo.

## **2.5 Da cultura ciber**

Construída na interface da comunicação e as novas tecnologias, a internet é entendida como uma grande teia de informações. Esse potente vetor de produção de linguagem, em tempo real, acontece num ciberespaço<sup>27</sup> o qual é caracterizado, principalmente, pelo exercício da interação.

Com a expansão do ciberespaço, esse espírito contra-cultural herdado (RÜDIGER, 2013) vai de encontro aos valores impostos pela sociedade. Emerge então a cibercultura, cuja

---

<sup>27</sup> “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LEVY, 1999).

via da relação espaço-temporal, possibilita vivenciar uma sensação de tempo real e imediato, numa reorganização do espaço físico-geográfico (LEMOS, 2008).

Assim, propõe-se que a cibercultura tenha surgido “em meio ao desenvolvimento científico e tecnológico do final do século XX” (RUDIGER, 2013, p. 27) como “a formação histórica, ao mesmo tempo prática e simbólica, de cunho cotidiano, que se expande com base no desenvolvimento das novas tecnologias eletrônicas e de comunicação” (RUDIGER, 2013, p.11).

Com efeito, concordamos com Lemos (2008) sobre a cibercultura ser a socialidade como prática tecnológica, contudo herdando a contracultura<sup>28</sup> e sua ideologia de oposição à cultura da modernidade, sobretudo não recusando a tecnologia. Portanto, o desenvolvimento da cibercultura esteve aliado ao desenvolvimento das novas tecnologias, a partir dos microcomputadores e do agrupamento de pessoas, através da comunicação mediada pelo computador, em interação e ampliada. Entendemos, assim, que essa é produto da reunião de pessoas, que visionavam, nas novas tecnologias, formas democráticas de relações sociais.

Nesse arcabouço, os *sites* de redes sociais, campos em desdobramento (RÜDIGGER, 2013) da cibercultura, emergem como ferramentas utilizadas para expressarem as redes sociais *online* dos atores (RECUERO, 2009), tais como o Orkut. Esse, funciona através de perfis e comunidades (RECUERO, 2009) conectados e parece ser o único *site* capaz de comportar a estrutura de comunidades virtuais, características da rede aberta<sup>29</sup>. São alimentados, portanto, pelas conexões entre atores e as conexões em si, que por sua vez refletem os laços<sup>30</sup> entre esses.

Desse modo, entendemos esses perfis como sujeitos descentralizados (COUTO; ROCHA, 2010), como representações virtuais (RECUERO, 2012), efeito dessa ambiência tecnossocial, fruto desse processo de modificação (LYOTARD, 1988) e, compreendido através da pós-modernidade. Assim, esses perfis na comunidade “Web novelas *fake*”, pela “lógica da identificação” (MAFFESOLI, 2012, p. 45) apontam para a “fragmentação da identidade em identificações múltiplas” (MAFFESOLI, 2012, p. 45) que seriam experimentações de “eus” no Orkut. Portanto, o *fake* interagindo nessa comunidade virtual é o

<sup>28</sup> Nos anos 70, a contracultura foi “um movimento de oposição à cultura “desligante” (*déliante*) da modernidade [...], [uma vez que essa] encarnava o símbolo maior do totalitarismo da razão científica, causa principal da racionalização dos modos de vida e da dominação da natureza através da urbanização e industrialização das cidades ocidentais” (BOLLE DE BAL, 1985 apud LEMOS, 2008, p. 89)

<sup>29</sup> Entrevista concedida pelo presidente da Google no Brasil. COELHO, Fábio. "Crescimento do Facebook não nos assusta", diz presidente da *Google* no Brasil. [06 maio 2011]. **Entrevistador:** Renato Rodrigues. Entrevista concedida ao IDGNow. Disponível em: < <http://migre.me/a6uGp>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

<sup>30</sup> Os laços representam “uma conexão que é estabelecida entre dois indivíduos e da qual decorrem determinados valores e deveres sociais” (RECUERO, 2012, p. 129)

indivíduo em identificação, cuja representação é possível no contexto dessa era digital. Em vista disso, sugerimos compreender os perfis na comunidade “Web novelas *fake*” como diferentes formas de representação pela identificação eletrônica. Efetivamente, essa rede social *online* “é uma ferramenta para encontrar pessoas, seja pelo nome, seja por afinidades<sup>31</sup>.”

Quando foi lançado em janeiro de 2004, o “orkut” – que era escrito com inicial minúscula<sup>32</sup> - em apenas sete meses já possuía pouco mais de 1.300.000 (um milhão e trezentos mil) membros, sendo 51% desses, brasileiros. Contudo, anos depois, inicia-se um processo de migração dos seus membros para outros SRS’s, tais como o Facebook, seu grande concorrente. Apesar disto, uma recente pesquisa<sup>33</sup> aponta que em dezembro de 2013 o Orkut ainda detinha 6.000.000 (seis milhões) de perfis ativos. O auge do Orkut aconteceria entre os anos de 2005 e 2008 sendo superado pelo Facebook, finalmente, em 2011– ressalta-se inclusive que, tanto o Orkut quanto o Facebook completaram 10 anos, em 2014<sup>34</sup>.

Sobretudo, é notório que esse SRS vem se restringindo a um conjunto de fóruns ou de comunidades virtuais, que são, justamente, o atrativo desse *site* para conservar seus membros; e tem gerido resultados. Prova disso é que apesar desta migração dos seus membros para os diversos *sites* de redes sociais, principalmente, os que estão “na moda”, esse, ainda, é o único capaz de comportar a estrutura de comunidades virtuais. Dessa feita, os indivíduos buscam nessas comunidades virtuais seus fóruns de discussões para compartilhamento e ajuda mútua. A característica do Orkut, portanto, é ser “um espaço dos internautas, quase que exclusivamente<sup>35</sup>”, que consiste igualmente no diferencial desse.

Com efeito, a “Web novelas *fake*”, *corpus* desta pesquisa, faz parte dessa grande comunidade virtual (GOMES, 2007) que é o Orkut. Na ambiência dessa, observamos através dos diálogos entre os perfis, que há uma relação em copresença, inclusive que esses perfis apontam terem “vida fora do Orkut”, entendendo-se, a princípio, o que Couto e Rocha (2010) apontam como “identidades e vidas paralelas” (p. 24) ou formas identitárias; aquelas notadamente povoam o ciberespaço. Tanto os perfis *fake* como os não *fake* permitem, às pessoas viverem uma vida paralela, como uma espécie de válvula de escape da sua realidade.

Através dos perfis não *fake* observamos as histórias de suas vidas fotografadas e apresentadas na *timeline* de alguns SRS, sob o perfil eletrônico, nem sempre correspondendo

<sup>31</sup> Orkut! Disponível em: <<http://migre.me/i4bf3>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> Segundo a consultoria de mensuração de audiência comScore, em dezembro de 2013 seis milhões de pessoas acessaram o Orkut. Disponível em: <<http://migre.me/i4c2S>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> Idem.

a totalidade da vida “real” do indivíduo. Pelo contrário há um adorno, um ornamento calculado nas imagens e cores que ilustram suas vidas; seriam recortes da realidade que podem ser escolhidos pelo indivíduo para serem compartilhados; constitui-se numa oportunidade de compartilhar “pedaços” de sua vida que lhe aprouve contar.

Portanto, para os perfis *fake*, a máscara eletrônica do anonimato pode encobrir, tanto algo muito perigoso que possa estar escondido dentro de si, quanto ser uma válvula de escape, que manifesta o que está encoberto sob a urgência das regras sociais ou, ainda como no recorte da WNF, revelar o talento para a contação de histórias, que de outra forma não aconteceria. Sobre essa discussão abordaremos no próximo capítulo.

### 3 OBJETOS DE ESTUDO E CONTEXTOS

Neste capítulo abordaremos o *fake* e as comunidades virtuais, os dois últimos veios temáticos que constroem esta pesquisa.

#### 3.1 As comunidades virtuais: o agrupamento da pós-modernidade

Nicholas Negroponte (1995) afirma que existe uma língua comum, que permite os indivíduos se entenderem, apesar das fronteiras; descentralizada e universal é característica e efeito da vida digital cujos agrupamentos ocorrem em tempo real, sobretudo entre sujeitos alocados em diferentes ambientes físicos e com distanciamento espacial de milhares de quilômetros, entre si.

Essa afirmação de Negroponte nos remete à compreensão do conceito de agrupamentos eletrônicos. Esses superaram os limites fronteiriços da interação no “mesmo momento”, bem como do espaço e da copresença física, característicos da clássica conversação oral, contudo mediados pelo computador. Esse fenômeno popularizado como comunidades virtuais “é uma tentativa de explicar os agrupamentos sociais surgidos no Ciberespaço” (RECURO, 2009, p. 146); uma expressão da mudança da sociabilidade para a socialidade, caracterizada pela existência de agrupamentos que interagem, através da CMC. Esses grupos são percebidos nas Redes sociais *online* numa “mudança de sentido de lugar” (RECUERO, 2009, p. 135).

Com efeito são caracterizados portanto, por não terem fronteiras - apesar de sugerirem regras de comportamento entre seus membros - pela disjunção do espaço-tempo (THOMPSON, 1998) onde o “encontro” e interação superou o espaço físico entre eles. Assim, os encontros supervalorizam o momento presente através da afinidade, dos mesmos gostos e, sempre passam a ser um valor de tempo e espaço. Não obstante, a velocidade e o espaço são reorganizados, visando acompanhar essa nova realidade.

Portanto, entendemos como pertinente nos remeter à modernidade, para compreender, a princípio esse “processo de abertura de mente” (WOLTON, 2004) iniciado no século XVI e marcado pela técnica do maquinico e, num segundo momento, como se originaram esses agrupamentos. Nessa tentativa de “identificação da técnica com a máquina” (RÜDIGER, 2013, p. 84) se consolida, tanto no contexto do auge do Mercantilismo como da “pesquisa científica que não [deveria] se sujeitar a nenhuma limitação tradicional” (RÜDIGER, 2013, p. 85), asserta Galileu Galilei, cientista e pensador italiano.

De modo efetivo, os conceitos fundamentais da modernidade, tais como: liberdade, igualdade e fraternidade (WOLTON, 2004) foram baseados nas ideias iluministas que foram causa da Revolução Francesa, no final do século XVII. Consolida-se, então, como consequência dessa revolução o advento da energia elétrica, como meio de reconciliação que levaria a uma “sociedade horizontal e transparente”. Essa, com efeito, pulveriza-se da Europa para o mundo (MATTELARD, 2000), equilibrando-se entre a linha do discurso utópico versus o discurso da realidade.

Portanto, há o predomínio da tecnologia<sup>36</sup> à técnica<sup>37</sup>, já que essa dera seu passo em direção àquela, que emerge como uma reinterpretação desses meios técnicos. Nessa reinterpretação, a técnica, invenção dos modernos no final do séc. XVII passa a supor o “domínio científico do meio técnico” (MATTELARD, 2000, p. 84); e dessa forma ocorria a identificação da técnica com a máquina, conseqüentemente, emergia o homem maquínico como peça de engrenagem num grande corpo operacional.

Com efeito, no século XXI vislumbramos uma possível resposta à desintegração resultante da modernidade. Fora de encontro a essa *deliance*<sup>38</sup> moderna, excessivamente, racionalista, tecnicista e individualista (Cf. BOLLE DE BAL, 1985 *apud* LEMOS, 2002) uma *reliance*<sup>39</sup>, uma religação das relações sociais pelo sensível.

Irrrompe-se então uma interface da cibercultura e do cotidiano quando emergem as relações tecnossociais mediadas pelo computador. *Weblogs*, *webcams*, *chats* surgem como relações sociais eletrônicas (LEMOS, 2003), sobretudo essas relações constituem o alicerce da CMC, segundo André Lemos. Assim, o homem é mediado pela conexão de duas tecnologias outrora separadas: o computador e a rede de telecomunicações, sobretudo essa CMC, tanto é o caminho em que se estabelece contato quanto uma direção que mantém a distância (RHEINGOLD, 1996) entre os indivíduos, eletronicamente conectados.

É necessário voltarmos, ainda um pouco mais na história, a fim de compreender o conceito de comunidade virtual, em suas origens. Segundo o pesquisador Marcos Palácios, em mesa redonda promovida pelo Simsocial (informação verbal)<sup>40</sup>, “as comunidades são fenômenos da Idade Média e se rearticularam no século XIX, com a modernidade”. Com

<sup>36</sup> É “um conjunto de saberes que na condição de ciência, visa construir os meios para produzir efeitos previamente calculados à revelia das diferenças de talento e inclinação dos seres humanos” (p.76).

<sup>37</sup> A criação dos gregos clássicos que visa ao homem “produzir o que a natureza não lhe proporciona espontaneamente” (RÜDIGER, 2013, p. 76); um diálogo do homem com a natureza.

<sup>38</sup> No sentido de “Desintegração”

<sup>39</sup> No sentido de “Religação”

<sup>40</sup> Com o Prof. Dr. Marcos Palácios (UFBA), a Profª Dra. Adriana Amaral (UNISINOS) e a Profª Dra. Tânia Maria Hetkowski (UNEB), palestra de abertura do Simpósio de pesquisa em tecnologias digitais e sociabilidade - Simsocial/UFBA, dias 10 e 11 de outubro de 2012.

efeito, Ferdinand Tönnies (1947 *apud* RECUERO, 2009) estuda esse conceito no séc. XIX, pelas relações comunitárias (*Gemeinschaft*) que englobam toda vida social, em conjunto, íntima, interior e exclusiva, características da comunidade, em distinção à sociedade (*Gesellschaft*) - invenção da Modernidade e uma espécie de parte normativa do grupo. A comunidade, portanto, seria o estado ideal dos grupos humanos. André Lemos (2008), assim traz a discussão de que comunidades virtuais, surgidas em meados do século XX eram o sonho de J. C. R. Licklider e Robert Taylor, precursores da microinformática para os quais o desenvolvimento da informática e o desafio de reunir pessoas através da comunicação mediada, tornar-se-ia sua grande realização tecnológica social. Esses viriam, posteriormente, a se tornar o *boom* agregador social e, suas práticas tecno-comunicacionais, suas interações, passariam a ser observadas pela socialidade. (MAFFESOLI, 1998; 2009).

Estudos recentes, tal como o conceito de “*Always on*” de Sherry Turkle (2008) aponta que vivemos “*tethered*”, ou seja “amarrados”, conectados uns aos outros, através dos dispositivos ou com os dispositivos e suas ferramentas. Portanto, os indivíduos sob seus perfis eletrônicos estão sempre conectados, mesmo não estando em frente à tela do computador, *smartphone*, *tablet* ou celulares interagindo. Desse modo, compreendemos a relação na comunidade virtual “Web novelas *fake*” a partir das “relações em condição de copresença” (GOFFMAN, 1963; 1972 *apud* GIDDENS, 2009, p. 43) pela interação em copresença virtual, conforme observaremos no próximo tópico.

### 3.1.1 Sobre a semântica das interações: a interação, a copresença e o corpo

Apesar do perfil eletrônico do indivíduo “sair” ou ser desconectado do site de rede social, sua representação continua no ambiente virtual. Prova disso é que esse recebe mensagens *inbox* no Facebook, ou *DM* (mensagem direta) no Twitter ou ainda, “Depoimentos” no Orkut, mesmo não estando conectado, tão logo volta a se conectar, as visualiza instantaneamente. Desse modo, consideramos o conceito de interações em copresença física (GIDDENS, 2009) adequado para pensar essa proposição, que superou a discussão da “separação” do *on-line* e do *off-line*, na interação virtual.

Com efeito, se depreendermos esse “espaço” como “envolvimento na constituição de sistemas de interação” (GIDDENS, 2009, p. 433) haverá uma relação pela copresença não apenas pela proximidade física entre os indivíduos numa conversa, mas pelas características da apropriação do espaço pelo digital. Os perfis eletrônicos, então, seriam essa “razão de ser”

na ambiência virtual; no ambiente dos *sites* de redes sociais representariam o corpo transportado para o ambiente digital.

Por outro lado, além dos perfis eletrônicos há o contexto da conversação. Observemos uma conversa em um *chat*, por exemplo. Suas trocas são instantâneas e caracterizadas como “conversa síncrona” (RECUERO, 2012), inclusive essa instantaneidade é o formato mais comum das conversas mediadas pelo computador. Não obstante, num outro extremo, quando as trocas ocorrem quando o outro perfil não está conectado, observamos haver uma “conversa assíncrona” (RECUERO, 2012) mesmo não obtendo resposta imediata, apesar de *sites* como Facebook e aplicativos como Whatsapp oferecerem recurso que “avisa<sup>41</sup>” a quem enviou a mensagem que o seu destinatário a recebeu e leu, ou seja “visualizou”.

Portanto, se a copresença é a interação cúmplice entre dois “eus” para Goffman, no ambiente digital instrumentado pela organização dos *sites* de redes sociais (RECUERO, 2012) e seus recursos tecnológicos, prevemos outra habilidade que é da copresença pela mediação do computador. Para Goffman (1976 *apud* TEDESCO, 2003) as pessoas, em copresença funcionam como instrumentos de comunicação, não como instrumentos físicos. Deste modo, compreendemos que prevalecem as trocas comunicacionais, nas interações mediadas, estando o perfil conectado ou não. Assim, observamos a releitura do “estar sempre conectado” através do contexto da copresença mediada pelo computador.

Trouxemos ainda para a discussão sobre a semântica das interações a ideia do corpo. Antes de mais, recorremos a René Descartes quando afirma que “o corpo [...], não é algo que por si só defina o que é o homem”, por outro lado, continua, “a criatura divina que esse representa encontra sua identidade na mente (a coisa pensante)” (1637 *apud* RÜDIGER, p. 85). Assim, para Descartes o indivíduo é aprisionado pelo corpo.

Com efeito, se tempos atrás, século XVII, Descartes entendeu que o corpo nos limita, podemos pensar numa “ampliação” desse corpo através da identidade virtual, em nossa contemporaneidade. Essa identificação do “corpo” no ambiente virtual se traduz num elemento do corpo que passa a ser representado no ciberespaço, visando construir sua presença. Todavia, não entendemos o caminho para pensar o corpo pelo veio da “desvalorização moral e política”, mas, no aspecto da “desqualificação”, no contexto epistemológico de, percebê-lo além do físico, como “a razão de ser do pensamento” (RÜDIGER, 2013, p. 86), isto é, essa proposição do filósofo, aponta para o sentido de que o

---

<sup>41</sup> Ressaltamos, contudo, que não é interesse desta pesquisa, uma discussão sobre as intenções do destinatário, se o mesmo queria ou não ler, se pôde ou não responder.

corpo se desqualificaria para ser compreendido em outro contexto; logo, esta “confusão de corpos”, como propõe Maffesoli (2005, p. 144) pode ser observada como um corpo ressignificado para o uso através das novas tecnologias, tal como os perfis eletrônicos.

Portanto, essas interações observadas entre os perfis eletrônicos na pós-modernidade perpassam os aspectos da copresença virtual, bem como consideram a relação do corpo do indivíduo, sob o perfil eletrônico, como um caminho para compreensão da dinâmica das interações mediadas pelo computador. Assim, entendemos que o perfil *fake* interagindo em uma comunidade virtual, é produto dessa era digital e sobre isso analisaremos mais adiante.

### 3.2 Considerações sobre o *fake*: uma releitura social

A redescoberta de uma estética que dialoga com a razão e a imaginação (MAFFESOLI, 2007) através das expressões das máscaras, anunciam um diálogo. Surgida na antiguidade, “ligada a cerimônias religiosas e tribais”, a máscara durante a Renascença fora obrigatória às damas da sociedade de Veneza e Florença. Na Grécia, através dessa, resguardava-se a face (NASCENTES, 1972). Notadamente, ponderamos sobre o porquê desse comportamento social e, entendemos que o simples uso deste acessório, revela outro equilíbrio entre o visível e o invisível, entre a representação e o indivíduo. Sobretudo, observamos que o mascarado ou a máscara, no aspecto de uma cultura do falso, acompanha a sociedade ocidental em seus mitos, lendas e segredos.

Remontemos ao diálogo entre Eva e a serpente, narrado no livro de Gênesis, na Bíblia Sagrada. Nesse nos é apresentado um animal seduzindo a mulher, oferecendo-lhe o que outrora fora proibido por Deus, o Criador, através de uma representação: o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Ao aceitá-lo e prová-lo a primeira mulher passa a experimentar desde então, outra situação, outra realidade: a da consciência de uma condição que não havia se percebido antes, a de que estava despida. Os trechos judaico-cristãos retratam esse episódio como “a queda do homem<sup>42</sup>”.

Outro exemplo se refere ao primeiro *selfie*<sup>43</sup>. No século V a. C., um autorretrato foi doado como presente ao templo Parthenon, em Atenas. O escultor Fídeas esculpiu seu próprio

---

<sup>42</sup> “A queda do homem” é narrada no livro de Gênesis 3: 20 a 24. BÍBLIA de promessas. Bíblia Sagrada, versão Revista e Corrigida na grafia simplificada, da tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: King’s Cross Publicações, 2006.

<sup>43</sup> O *selfie* entrou para o dicionário Oxford, como palavra do ano em 2013. Disponível em: <<http://migre.me/i4czG>>. Acesso em: nov. 2013.

rosto numa pedra e fez dessa obra uma peça de decoração no templo. Portanto, esse ofereceu uma realidade pessoal sob a sua ótica, como presente.

Outro indício do *fake* perpassa os movimentos da história referentes ao vandalismo. O verbete “vândalo” discutido no “Dicionário de investigação do cotidiano: elogio da palavra no jornalismo impresso” ou *vandali*, data do século V A.D, na sociedade romana e, se referia ao sujeito “integrante de uma tribo germânica de bárbaros, *wandel*, a qual invadiu esse império”, no referido século (PEREIRA, 2011, p. 55). No sentido atual da palavra, o adjetivo francês *vandalisme* se refere a “pessoas que depredam bens públicos ou privados, objetos valiosos ou históricos” (p. 56), bem como a quem se utiliza do expediente da brutalidade apenas por prazer.

A autora deste verbete Juliana Freire incorre que esse “termo, por vezes, é utilizado imprópriamente” (p. 57). Sobretudo, Freire aponta ainda que no decorrer da apropriação desse, tanto pela linguagem jornalística quanto jurídica e cotidiana, houve uma confusão na sua interpretação, haja vista serem conceitos parecidos. Assim, depreendemos que o *fake* acompanha as interpretações observadas nos movimentos da história legitimadas pelas áreas do saber.

Portanto, fenômenos envolvendo o falso, tais como esses são percebidos sobre e sob a máscara e sempre estiveram presentes no entorno da vida social. Inclusive, seu discurso pode ter sido construído e legitimado com narrativas do imaginário mítico do senso comum. A “Lenda de Anastasia” ou a “Maldição de Anastasia”, a partir da história trágico-verídica da Dinastia dos Romanov seria um exemplo. Filha do último Czar<sup>44</sup> Nikolái Alieksándrovich Románov ou Nicolau II, que assumiu o reinado na Rússia no final do século XIX, a Grã-Princesa Anastásia Nikolaevna Romanov ou Anastácia Romanov (em Português) foi assassinada aos 17 anos, juntamente, com sua família e funcionários, por membros da Guarda Vermelha, em 17 de julho de 1918. O corpo de Anastasia e do seu irmão não tinham sido encontrados.

Muitos afirmavam que por este fato, a grã-princesa ainda estaria viva, à época. Muitas mulheres se diziam ser Anastasia ou descendentes desta, ao longo de quase um século, até 2007. Nesse ano, restos mortais do seu corpo foram encontrados em um local não muito longe da vala próxima a Yekaterinberg, local onde foram colocados nove dos onze corpos dos Romanov, dentre membros e funcionários da família. E em 2009 testes conclusivos de DNA

---

<sup>44</sup> Título do soberano russo (no tempo do império), in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <<http://migre.me/i4cFB>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

confirmaram que os ossos encontrados eram de Anastasia e do seu irmão<sup>45</sup>. Entrementes, sua morte foi considerada um dos maiores mistérios do século XX.

Observamos outro indício de uma cultura *fake* agora na ficção. O personagem “*V for Vendetta*” usa uma “máscara que sorri para seus opressores”. Essa, se tornou um símbolo que permeia o imaginário libertário de ativistas e é utilizado pelo personagem anarquista de HQ’s, criada por Alan Moore e ilustrada por David Lloyd. Esses quadrinhos foram inspirados na história de Guy Fawke, soldado inglês e católico fervoroso do séc. VII, que objetivava matar o então Rei Jaimes I, que era protestante.

Fawke que havia lutado pela Espanha católica durante a “Guerra dos Oitenta Anos”, tornou-se habilidoso e especialista em explosivos. Planeja, então, uma revolta que ficou conhecida como a “Conspiração da Pólvora”, cujo objetivo era explodir o Parlamento Inglês, no dia 05 de novembro de 1605. Contudo, ao ser descoberto Fawke, foi encurralado junto com os barris de pólvora que seriam utilizados para o ataque ao Parlamento. Após uma semana de tortura, informa seu verdadeiro nome e a identidade de todos os demais envolvidos no caso, inclusive o do seu chefe. Enforcado, teve suas entranhas expostas no local onde pretendia atacar.

A máscara de Guy Fawke foi e continua sendo replicada, contudo associada a símbolos de protesto em todo o mundo. O *Anonymous* é um desses grupos cuja máscara é um dos seus símbolos: “Somos uma idéia (sic) que surgiu em 2004 e sempre seguiu uma linguagem de memética e muitas sátiras. Hoje, *Anonymous* é uma idéia de mudança, um desejo de renovação” explicam em seu portal<sup>46</sup>. Não obstante, o símbolo<sup>47</sup> desses é uma imagem de um recorte de busto, provavelmente de homem, vestindo terno, blazer e calça escuros, camisa clara e uma gravata também escura, com ambos os braços para trás e o sinal de interrogação no local da cabeça; seu lema é: “O conhecimento é livre. Nós somos *Anonymous*. Somos uma legião. Nós não esquecemos. Nós não perdoamos. Aguardem!”<sup>48</sup> (Tradução livre). No entanto, a ideia desse grupo de *hackers* está associada à máscara de Fawke para o senso comum, haja vista esses, em seus pronunciamentos por vídeo, aparecem usando-a.

---

<sup>45</sup> “DNA testing ends mystery surrounding Czar Nicholas II children”. Disponível em: <<http://migre.me/i4cTN>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

<sup>46</sup> *Anonymous* Brasil. Disponível em: <<http://migre.me/i4dxa>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> “*Knowledge is free. We are anonymous. We are legion we do not forgive. We do not forget. Expect us.*” Idem

A cultura do falso segue, ainda, no sentido da vida sociopolítica. Os *Black block's*<sup>49</sup> são exemplos disso. Esses mascarados estiveram inseridos na onda de protestos pelo Brasil, em forma de manifestações conhecidas por “Jornadas de junho”<sup>50</sup>. Essas tiveram seu auge, na semana de 17 a 21 do referido mês, no ano de 2013. Com camisas escondendo seus rostos, esse movimento surgia sob a estratégia de se revelarem utilizando a máscara, deixaram exalar sua indignação ocultando seus rostos físicos, dando lugar a uma espécie de rosto social.

Abrangendo o universo acadêmico, observamos o evento de um falso artigo ter sido publicado em 157 revistas científicas<sup>51</sup>. Ou ainda no âmbito econômico um reflorestamento a base de “tinta verde”, como ocorrido em um município chinês, que pintou suas montanhas para economizar dinheiro e o esforço de reflorestar.<sup>52</sup> No aspecto religioso circulou na internet um *post* contendo um suposto discurso do Papa Francisco falando sobre Adão e Eva como sendo mitos e que não existiria o céu.

Houve, também, um intérprete da linguagem de sinais no velório de Nelson Mandela<sup>53</sup>, Thamsanqa Jantjie, 34, que gesticulava numa cerimônia de importância internacional, na presença de lideranças influentes, tal como o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Jantjie estava lá compondo a cena, mas, não conhecia a linguagem de sinais: era *fake*. De certo, havia um homem “interpretando” a linguagem própria para surdos. Todos viram.

Traduzido como “hipócrita”, “ator”, o *upokritos*, é estabelecido como papel social na Grécia clássica, e surgia com o desenvolvimento do “Drama”. Etimologicamente, *upokritos* implica o “que julga de uma posição inferior”; originalmente, se refere ao “que responde as perguntas”, ao ator (KERCKHOVE, 2009). Esse mascarado identificava o personagem interpretando e, assim, constituía-se uma peça essencial para o seu desempenho em cena. Compreendemos, portanto, esse comportamento pelo conceito de *persona*, da máscara que os atores utilizavam ao encenar nos teatros gregos (TAVARES, 2010).

---

<sup>49</sup> Estratégias utilizadas por movimentos populares anarquistas que apontam na direção ideológica de destruir todos os símbolos relacionados ao capitalismo.

<sup>50</sup> Cf. Maricato E. **Cidades rebeldes**. Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. Boitempo, Carta treze, São Paulo 2013.

<sup>51</sup> Artigo falso publicado em 157 revistas. Disponível em: <<http://migre.me/i4dH0>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

<sup>52</sup> Município chinês pinta montanha de verde para fingir reflorestamento. Disponível em: <<http://migre.me/i4dUv>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

<sup>53</sup> A cerimônia do funeral do ex-líder sul-africano, Nelson Mandela, falecido em 05 de dezembro de 2013, contava com tradução simultânea da linguagem de sinais para surdos, durante sua transmissão internacional. Contudo, o seu intérprete era falso, pois desconhecia a linguagem de sinais. Disponível em: <<http://migre.me/i4dZd>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

Assim, entendemos que esse uso da máscara foi ressignificado pela mediação do computador e o *persona* passa a ser observado, então, sob a máscara do anonimato dos perfis eletrônicos *fake*. Atentemos para o atendimento virtual do exemplo a seguir.

O indivíduo digita uma combinação de números que originam uma chamada telefônica que o direciona a URA<sup>54</sup>. Então, ouve-se uma voz simulada pela tecnologia de reconhecimento de voz que oferece alguns números, espécie de atalhos virtuais, que conduzem o sujeito ao assunto que lhe é desejado. Ocorre que essa voz é produzida em um microcomputador: o cliente conversa com uma simulação de voz.

Já na interface<sup>55</sup> dos portais, geralmente se encontra o *link* “fale comigo”. Ao acessá-lo, o interagente<sup>56</sup> é conduzido para um perfil eletrônico, que conversa com ele, a fim de sanar suas dúvidas. Como exemplo, temos o portal “Voe gol”; ao acessá-lo, o cliente é direcionado para um *chat* e, prontamente, um perfil simulado nomeado *Gal*, apresenta-se. Havendo uma demora do cliente na pergunta inicial, o perfil virtual se descreve como sendo um robô “capaz de responder muitas dúvidas sobre os serviços<sup>57</sup>”. Portanto, o *fake* aparece através das relações simuladas pela máquina interagindo com o indivíduo; isto é, podemos explicar que um indivíduo A programa um computador para que esse interaja com o indivíduo B; diferente da situação de dois indivíduos A e B interagindo, mediados pelo computador. Assim, o perfil *fake* pode ser entendido como expressão de uma cultura do falso mediado pelo computador.

### 3.2.1 O que não é *fake*?

Para uma abstração sobre o que não é *fake* ponderamos sobre o conceito de realidade. Esse está construído em todo o universo do conhecimento em que estamos inseridos e do qual fazemos parte. Contudo para conhecer a realidade, resta-nos compreender como a conhecemos. Essas interpretações realistas e antirrealistas sobre a realidade perpassam a filosofia da ciência. Desse modo, a realidade física material é outro aspecto<sup>58</sup> dessa.

---

<sup>54</sup> Unidade de resposta audível, uma espécie de “menu eletrônico” que visa otimizar o atendimento ao cliente. Disponível em: <[Wikipedia.org](http://Wikipedia.org)>. Acesso em: jul. 2013.

<sup>55</sup> “Dispositivo (material e lógico) graças ao qual se efetuam as trocas de informações entre dois sistemas”. “**interface**”. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [online], 2008-2013. Disponível em: <<http://migre.me/i4e82>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

<sup>56</sup> Esse conceito emerge a ideia de interação, ou seja, a ação (ou relação) que acontece entre os participantes. Interagente, pois, é aquele que age com outro. (PRIMO, 2003).

<sup>57</sup> Portal Voegol. Disponível em: <<http://migre.me/fErYV>>. Acesso em: jul. 2013.

<sup>58</sup> Videoaula da Redefor Filosofia, Módulo 4, Disciplina 8. Disponível em: <<http://migre.me/i4arO>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

Entendemos que é a ferramenta principal de nossa relação com o mundo; também é estática e é algo que apreendemos. A realidade não está acima de determinadas leis, apesar de essas serem provisórias, contudo fatores humanos que a alteram – como o surgimento de outro tipo de tecnologia, por exemplo - existem e têm o seu impacto. Há realidade também, no saborear, sentir, gostar, que não passam de sinais elétricos que o cérebro interpreta<sup>59</sup>.

A realidade também é intangível. Platão abordou-a pelo veio do “físico” ou “tangível” e das “ideias”, do “suprassensível” que reside na essência das coisas. Para os escolásticos da Idade Média, a verdade estava na realidade, logo, o sujeito estaria subjugado ao intelecto, que se adaptaria à ideia da realidade em Deus e Sua criação. Com efeito, a ciência nos dá a sua interpretação da realidade, porém não como de fato ela é. A realidade, portanto, estaria nos indivíduos, em suas ideias. Portanto, o que não é realidade? Parmênides (s/d *apud* BOCAYUVA, 2010) em seu poema “*alétheia*” aponta o caminho da realidade que perpassa o descobrimento do ser. Assim, o “não-ser é”, pois, “só há o ser”. Não há como escapar ao ser.

Se dissermos “não-ser”, “relativamente a qualquer coisa que seja, isso só pode ser ilusão, pois o que assim é nomeado, está já mergulhado na dimensão do ser” (BOCAYUVA, 2010). Entendemos, portanto que Parmênides indica que “tudo ‘está-junto’ (no sentido de poder ser tudo) no *logos*: tudo somente ‘é’ o que ‘é’ em contínua ligação com o que isso mesmo não é”, e que a coisa está em estreita relação com seu contrário.

Há o não falso. Bocayuva pondera, sobre a proposição de Parmênides, ser uma questão de lógica, mas seria o próprio caminho para encontrar a verdade. Portanto, entendemos o “não *fake*” como “contrário” do *fake*, logo, o “não *fake*” não é possível uma vez que, o *fake* é. Assim, entendemos que o não falso, estaria implícito no próprio falso.

### 3.2.2 Ser um perfil fake, na comunidade virtual “Web novelas fake”:

Raquel Recuero<sup>60</sup> (Arquivo pessoal) indica que o “*fake* seria o perfil falso, não necessariamente anônimo, porque traz um nome.” Porque eu posso criar alguém que não existe e posso evitar nominar aquele perfil. Para Adriana Amaral<sup>61</sup> (Arquivo pessoal) “o *fake* seria um momento de ruptura e também lúdico”.

<sup>59</sup> Diálogo entre Morpheus e Neo, protagonistas do filme Matrix, quando aquele apresenta a esse a realidade em que vivia a qual o herói não enxergava. Disponível em: <<http://migre.me/i4ewt>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

<sup>60</sup> Entrevista concedida durante o II Simpósio em tecnologias digitais e sociabilidade (Simsocial), na Universidade Federal da Bahia (UFBA), 09 a 11 de outubro de 2012.

<sup>61</sup> Idem.

Essa relação do *fake* com a cibercultura é entendida no contexto das dinâmicas das relações sociais cotidianas. Essas relações foram apropriadas pelo computador, no que tange haver imagem, som e escrita durante a conversação entre indivíduos, bem como digitalizadas, quando transformadas em bites e *bytes*. Inclusive, nessas interações emergem as representações subjetivas no anonimato, ou perfis *fake* que foram observados interagindo em determinadas comunidades virtuais.

Erika Cotrim (2009) aponta que os perfis *fake* foram inventados para jogos de relacionamento virtual no Orkut. Dessa forma, esses perfis não emergiram na cibercultura, mas carregam uma associação semântica muito forte com as mídias digitais (MARX, 2004 *apud* PAVLÍČEK, 2005). A grande velocidade e fácil acesso através da internet também seriam características que favorecem a sua popularização.

Para o senso comum, os perfis *fake* possuem conotação negativa, pois, em SRS's, tais como o Orkut se posicionam em sua maioria, apresentando opiniões contrárias e, de forma belicosa sobre os assuntos postos em discussão nas comunidades, por exemplo; esses, colocam-se muitas vezes de forma agressiva, trollando<sup>62</sup> ou provocando os demais participantes.

Na comunidade “Web novelas *fake*” no entanto, essa máscara virtual é apreendida de outra maneira. Sobretudo, porque a interação acontece em um grupo de perfis *fake*. Esses “perfis que têm um nome” querem compartilhar, mas não querem ser identificados. Assim, essa pesquisa problematiza entender esse perfil no contexto da proposta dessa comunidade, levando em consideração o fato de que seus membros se adéquam ao princípio de ser um *fake* para interagirem.

Entendemos, a princípio, que esses perfis *fake* compreendem uma identidade subjetiva que possui características de flexibilidade e conteúdo moral, de “multiformalidade” (LIFTON *apud* TURKLE, 1997) apesar de serem anônimas. Isto é, esses perfis *fake* nessas interações misturam ficção e vida real, formando um “mundo” a parte.

### 3.3 O perfil *fake* e a abordagem a partir de pseudonimato e anonimato

Para compreender esses perfis que não querem se identificar nas suas interações, *apropriamo-nos dos* conceitos de anonimato e pseudonimato de Pavlíček (2005), haja vista

---

<sup>62</sup> “Troll é aquele usuário que inflama uma discussão ou participa da discussão de forma a provocar os demais. Normalmente, refere-se a alguém mal-intencionado. [...] O termo ‘trollagem’ passou a ser usado como um sinônimo de fazer graça à custa de outro” (RECUERO, 2012, p. 165, NR)

nas interações, os perfis *fake* se utilizam das máscaras virtuais para se legitimarem. Entendemos que o ponto que amplia essa pesquisa é a relação direta do *fake* com o pseudonimato.

Pavliček (2005) afirma que o anônimo seria “um nome” ou “com um nome desconhecido”. Além disso, a questão ética desse é trazida quando os autores Frisch, Peirano e Rogaway (2006) discutem o “sem nome” e apontam que o anonimato pode servir como uma máscara para esconder identidades e ações. Em outras palavras, o anônimo segundo Pavliček (2005) seria o “não-nomeado” ou “não- identificado.” Uma privacidade que garante revelar muito mais do que se faria sem a máscara.

Diferente do anônimo, o pseudonimato implica nas muitas formas de se usar a máscara do anonimato, aliado à tecnologia moderna. O pseudonimato se refere ao uso de “um nome falso” visando esconder a sua própria identidade, embora essa possa vir a ser definida (PAVLÍČEK, 2005) apesar da máscara. Portanto, o anônimo seria o mascarado, o que utiliza um nome desconhecido e o pseudonimato, as possibilidades de uso dessa máscara, aliadas à tecnologia.

Como exemplo de pseudônimos observamos as irmãs Brontë<sup>63</sup>, no século XIX. Abordamos, também os heterônimos<sup>64</sup> do poeta Fernando Pessoa e o dramaturgo Nelson Rodrigues, no século XX. Logo o pseudônimo também estaria associado à trajetória da literatura folhetinesca no Brasil.

As irmãs Brönte, inglesas no século XIX, utilizavam um pseudônimo masculino, os “irmãos Bell”. Essas amavam escrever, mas, por serem mulheres não podiam exercer esse ofício à época, então criaram esse *fake*. Seus leitores se encantavam pelos Bell, contudo, com o passar do tempo essas acabaram se revelando e seus fãs descobrindo que os irmãos, na verdade, eram mulheres.

Remetamo-nos a Fernando Pessoa - que escrevia através de suas personalidades literárias - e seus heterônimos. Dentre suas quatro personagens destacamos Alberto Caeiro, descrito como um homem simples e da natureza, que vivia pelas sensações e o Álvaro de Campos, conhecido como seu alter ego, que expressava sua vontade e voracidade em escrever. Parecia que esse personagem conduzia o indivíduo, Pessoa, em sua profissão.

Outro literato que se detinha a depreender o universo feminino foi Nelson Rodrigues, que dialogava através dos personagens, heterônimos “Suzana Flag” e “Myrna” que respondiam cartas enviadas por suas leitoras. Portanto, entendemos que exemplos como esses

<sup>63</sup> EYRE, Jane. Charlotte Brontte [S.l.]: Macmillan Readers, [19--?].

<sup>64</sup> “Personagens fictícios no qual o escritor depositava a autoria da obra.” (DINIZ, 2009, p. 90).

apenas reforçam que esses poetas, escritores mesmo sendo reconhecidos em suas identidades, também o foram conhecidos pelos seus personagens e que a representação virtual *fake* não surgiu direta e conjuntamente ao desenvolvimento das mídias digitais, mas é nessa ambiência que esse fenômeno adota novos formatos. Por isso, o perfil *fake* é produto de uma mudança social nos relacionamentos mediados pelo computador e o ambiente das novas tecnologias, o legítima.

Portanto, falar em anonimato é falar sobre o *fake*? Não necessariamente. Contudo compreendemos que o percurso para entender o perfil *fake* perpassa a subdivisão entre anonimato e pseudonimato, contextualizado na mediação do computador.

### 3.3.1 Entendendo as identidades virtuais através da interação mediada pelo computador

A máscara no ambiente virtual remete à representação para os demais envolvidos na interação. Com efeito, atores no ciberespaço seriam compreendidos como os indivíduos que agem através de “[ferramentas] e *nicknames*” (RECUERO, 2009, p. 28); e “todo o tipo de representação de pessoas pode ser tomado como um nó numa rede social *online*: *weblogs*, perfis no Orkut, *fotologs*, *nicknames*”, entre outros (p. 28). “As redes sociais *online* são organizadoras das apropriações, das representações e extensões do espaço social dos atores” (p. 29) “cuja variação altera a estrutura desses grupos” (p. 30), isto é, as RSO são a extensão da nossa vida social no ambiente mediado pelo computador.

Entendemos a interação sujeito-computador como novo espaço de encenação. Raleiras (2007) aponta que a utilização de *softwares* sociais como o Orkut surtiram impacto na estruturação da vida socioafetiva das pessoas. Esse tipo de *software* convida a uma “apresentação de si”; isto é, nesses tempos pós-modernos as novas gerações, adequam-se a esse ambiente de desenvolvimento socioafetivo e de relação subjetiva e íntima com a tecnologia (RALEIRAS, 2007) mais precisamente, com os computadores, *smartphones* entre outros dispositivos digitais e as possibilidades de interações nesses.

As redes sociais *online* assim são “mantidas pelo interesse dos atores em fazer amigos, dividir suporte social, confiança e reciprocidade” (p. 95); são centradas na interação, do tipo mútuo (PRIMO, 2003 *apud* RECUERO, 2009, p.96); e o “sentir-se parte” são laços constituídos pelo pertencimento relacional (p. 96 e 97). Os SRS’s assim, constituem-se em / como espaços utilizados para as expressões das redes sociais, na internet (p. 102); possuem mecanismos de individualização; mostram a rede de cada ator de forma pública e possibilitam que os mesmos construam interações, nesses sistemas (p.103).

Subdivididas em SRS de apropriações (sistema utilizado para manter rede social e dar-lhe sentido) e estrutura (principal característica é a exposição pública da rede dos atores) em si, os SRS são apenas sistemas. Rede social é definida com um conjunto de dois elementos: atores e suas conexões (WASSERMAN *apud* RECUERO, 2009, p. 24); “uma metáfora para observar o padrão de conexão de um grupo social, a partir das conexões entre os diversos atores; entendido a partir da estrutura social” (p. 24).

No decurso, através da criação de redes de amigos, nas descrições sobre si próprio fora dos *avatares*, esses *sites* se impõem cada vez mais como um espaço de encenação do sujeito. Neste caso, tratam não de criar personagens virtuais, mas, antes de construir a sua própria identidade *on-line*, selecionando o que se mostra e o que se silencia, seguindo práticas comuns (RALEIRAS, 2007).

Portanto, torna-se cada vez mais difícil uma separação entre o homem e a máquina, devido às abordagens das novas tecnologias. Sobretudo, o computador seria um espelho do nosso *self*. Nessa conversação virtual é a máquina quem media uma conversa entre interagentes, separados a milhares de quilômetros de distância, esse indivíduo “projeta nos ecrãs as ficções pessoais” (RALEIRAS, 2007, p. 37).

Desse modo, um indivíduo sob o perfil *fake* se compreende num ambiente que é parte integrante da sua fantasia. Nesse processo são percebidas características que catalogamos, tanto positivas quanto negativas, tais como a necessidade de ser criativo para se viver e interagir num mundo abstrato. Assim, a socialidade explica esse momento de interação social mediada em que estamos inseridos; entendido, a partir dessa observação, que é pelo presenteísmo, pelo aqui agora, que caminha a humanidade. Portanto, observamos que esse membro-escritor, promove interação social.

## 4 “WEB NOVELAS *FAKE*”: UMA ANÁLISE

O último capítulo é o analítico. Inicia apresentando o resgate histórico da webnovela como gênero e, em seguida, aborda o que seria a webnovela. Posteriormente, apresenta a análise, organizando-a em duas perspectivas: a primeira é a da interpretação do conteúdo da entrevista realizada com cinco perfis *fake*, autores de webnovelas na comunidade virtual, visando compreender como esses interpretam o ambiente desta conversação; a segunda perspectiva, deu-se por meio da observação da interação entre os membros-leitores e o membro-escritor, durante a postagem da webnovela “*Rented Boyfriend*”. Não obstante, como orientação da análise evocamos a microssociologia de Erving Goffman (1985) modificada nesta pesquisa, em categorias arroladas a partir da observação dos símbolos interacionais, entre os membros.

### 4.1 A webnovela: gênero literário apropriado pelo digital

Entendemos que, antes de mais, os gêneros discursivos se prestam às mais diferentes abordagens conceituais, pois “são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano” (MARCUSCHI, 2003 *apud* DINIZ, 2009). Não obstante, na Grécia Clássica, nas origens do gênero literário, Aristóteles em “A arte poética” aponta elementos, tais como: a “imitação”, que marca a rotina social representando os costumes da época e a “mímica” de Sófron de Siracusa, século V a. C que representava o cotidiano da época. Esse gênero era composto de elementos da tragédia e da comédia.

A tragédia nasceria então do culto ao deus Dionísio, final do séc. VI a. C. Nesse contexto, o governo patrocina esses espetáculos e, é a partir daí, que a cultura da polis mais prospera, Péricles (440 a 404 a.C).

Esse trágico grego é o fundamento do melodrama por apontar a “mimetização verossímil da realidade social” (DINIZ, 2009). O melodrama - o “teatro do povo” (SANTOS, 2005) e o folhetim recriam a tragédia; no entanto aquele é caracterizado por “abordar perspectivas opostas: luta do bem contra o mal e aflorar as emoções humanas” (p. 63), mas com a “função pedagógica de preparar o cidadão para a reflexão das questões que envolvem a sociedade, tais como as políticas, sociais e religiosas.” (p. 64).

A arte da imitação, contudo está bem longe da verdade, segundo Platão (DINIZ, 2009, p.19). Não obstante, Aristóteles entende essa arte pela verossimilhança de emoções, isto é,

pela representação, já que segundo esse filósofo clássico, a obra precisa suscitar os sentimentos de terror e piedade. Esse gênero narrativo, portanto, serve como expressão da imprensa para construção da fala da burguesia, independente da corte, além de sair do privado para o público. Suas três unidades fundamentais no séc. XVI eram: ação, tempo e lugar.

O trágico, então, foi recriado na Idade Moderna, séculos XV a XVIII, cuja época o melodrama massificava a sociedade. Os mitos são substituídos por protagonistas burgueses que, igualmente, são vítimas do destino, da má sorte (p. 70). É pertinente ressaltar que os autores preferem as situações trágicas cujo final é feliz.

Surge o folhetim, impulsionado pelo contexto histórico-cultural da Revolução Industrial, recria em jornal a fórmula melodramática (DINIZ, 2009, p. 73), isto é, traduz os melodramas encenados para as folhas dos impressos, de forma seriada. Ocupa o rodapé do jornal abordando, desde piadas às críticas literárias e teatrais. Posteriormente, as *Variétés*, obras literárias, tais como o Romance, começam a ser publicadas em pedaços, na França, do século XVIII, num contexto de revolução, troca de governos, conflitos sociais e de uma pretensa liberdade dos nobres, de sua subjugação. Contudo, quando as obras mudam de subjugadores, entram em cena as leis de mercado e o principal interesse passa a ser: agradar o público, seu novo financiador (DINIZ, 2009, p. 63).

Os *feuilleton* passam de espaço-físico do periódico para se tornar sinônimo de um dos gêneros narrativos mais populares do mundo. “A revolução Industrial, que começa em meados do século XVIII na Grã-Bretanha e, estende-se durante o século XIX, em todo o mundo, tem participação decisiva na estrutura e conteúdo do folhetim (p. 76).”

O folhetim revoluciona o mercado literato jornalista (p. 78 e 79) e passa a ser “produto de consumo da nova burguesia”. Contudo, décadas após, atravessa um período de queda: a pouca audiência e críticas concomitantes ao contexto dos processos histórico-políticos à época contribuíram para a sua derrocada. Contudo, no século XIX, o cinema lhe dá uma sobrevida e os irmãos Lumière, 1895 passam para a película.

Nessa direção, o gênero novela fica mais próximo da literatura de folhetim, assemelha-se ao melodrama que, de acordo com Santos (2005) era o teatro do povo.

Notadamente, a novela é um gênero narrativo ou narrativa de ficção<sup>65</sup>, em prosa classificada em verossímil ou inverossímil; é então classificada pela verossimilhança, isto é, pelo sentido de ser provável; que precisa parecer verdadeira. Na Grécia Clássica havia uma

---

<sup>65</sup>O gênero narrativo ou narrativa de ficção é uma variante do gênero épico e é caracterizada pelas representações da vida comum de um mundo mais individualizado e particularizado (NICOLA, 1998).

divisão entre poesia e prosa<sup>66</sup> nesse gênero literário. Posteriormente, subdivisões foram fixadas como critérios de classificação; quanto a sua forma, seria classificada em “prosa” e “verso” e, suas principais manifestações narrativas seriam o “romance”, a “novela” e o “conto” (NICOLA, 1998)<sup>67</sup>. Aristóteles, contudo, percebe os gêneros pela forma e conteúdo. A forma é a do verso e da prosa e o conteúdo: épico, lírico e dramático - conceitos greco- latinos de gêneros.

E mais adiante, no século XX, meios como o rádio, a televisão e a fotografia “garantem a sua permanência” (DINIZ, 2009). Essa imitação iria perdurar até os tempos contemporâneos, cuja tecnologia digital seria seu novo ambiente ressignificante, que gera as webnovelas. Com efeito, Diniz fala de um gênero discursivo internético.

Ainda sobre o processo de apropriação dos folhetins pelas tecnologias de massa, a partir do século XX, esses meios massivos corroboraram para o aumento do seu consumo. Num breve resumo, delineamos a disposição dos meios em ordem cronológica.

Na década de 30, a radionovela transmitia histórias seriadas, curtas e diurnas, mas, de longa duração que eram transmitidas pelo rádio e conhecidas como *Soap-opera*<sup>68</sup>. Suas histórias giravam em torno de “um grupo de personagens morando num determinado lugar, onde ocorrem vários acontecimentos, vivendo diferentes dramas, sem existir uma trama principal e nem mesmo um fim” (CHAVES, 2007).

Uma versão latino-americana, mais precisamente, cubana, obteve sucesso pela fusão romances-folhetins e rádio, ainda na década de 30, pois, acompanhava a narrativa do cinema de lágrimas argentino e mexicano os quais seriam reveladores da “especificidade melodramática da América Latina” (MIRA, 2003). Cuba, então foi o país produtor do primeiro sucesso internacional “*El Derecho de nacer*”, sucesso no Brasil, anos mais tarde sob o título “O Direito de nascer” (CHAVES, 2007). Na década de 40 transmitia-se pela

---

<sup>66</sup> A divisão tradicional em três gêneros literários originou-se no período do classicismo filosófico, com Aristóteles, “quando a poesia era a forma predominante de literatura” (NICOLA, 1998, p.34). Esses gêneros são lírico, dramático e épico.

<sup>67</sup> Nicola divide em quatro os gêneros literários: lírico, dramático, épico e o de ficção. Desmembra, entretanto, do gênero épico, o gênero narrativo ou de ficção, para fins didáticos. Ainda se teria um quinto gênero, o didático, que é “despido” de ficção e não identificado com a arte literária. Esse “costuma ser delimitado como gênero especial, que fica fora da verdadeira literatura” (KAYSER, 1976 *apud* NICOLA, 1998, p. 35).

<sup>68</sup> *Soap*, palavra de origem inglesa que significa *sabão* que estava ligada aos anunciantes. O termo *Opera* está ligado ao romantismo desse gênero musical (OROZ, 1999 *apud* CHAVES, 2007). O objetivo dos seus idealizadores era o de vender anúncios de empresas de sabão – as principais patrocinadoras – para as donas-de-casa, as maiores ouvintes dessas transmissões (CHAVES, 2007).

Rádio Nacional do Rio de Janeiro a primeira radionovela brasileira, “Em Busca da Felicidade”, que durou cerca de três anos<sup>69</sup>.

A fotonovela surge ainda na década de 40, na Itália, logo após a II Guerra Mundial e era constituída por uma sequência de planos presentes nos quadrinhos e também no cinema. O neorealismo, então, vigente à época “determinou as descrições quotidianas e a temática urbana e realista<sup>70</sup>” ao tom dessas histórias. As fotonovelas, a princípio, eram adaptações de filmes de sucesso ou cine-romance, tal como “O conde de monte Cristo”, cuja narrativa fotográfica teve o cinema como matriz<sup>71</sup>.

Embora o *layout* de histórias sequenciais impressas dessa narrativa fosse similar ao dos quadrinhos, um dos fatores mais importantes para a fotonovela foi o advento da fotografia (BALDASSO, 2010), invenção originada na França, no século XIX (BAEZA, 2001). A primeira publicação brasileira dessa narrativa foi na “Revista Encanto”, na década de 40 e, as principais revistas da época “Capricho” e “Sétimo céu”, entre outras, foram o veículo para essa narrativa de massa (BALDASSO, 2010).

Na década de 50, desponta a telenovela. Predominantemente feminina essa narrativa descende da radionovela (MIRA, 2003) e, a princípio, sem uma linguagem própria, o televisor servia para as transmissões ao vivo da novela radiofônica e, por um bom tempo, ficou atrelada a essa narrativa (CHAVES, 2007). Entretanto, na década de 60, com as telenovelas já com transmissão diária, foi ao ar a primeira novela brasileira, “2-5499 Ocupado” pela extinta Excelsior, mais precisamente em 1965.

Contudo, na “era Janete Clair”, uma das principais novelistas do país, buscou-se uma nova fórmula narrativa que prendesse a atenção dos telespectadores, a partir de elementos do novo e do antigo, dos primeiros tempos da radionovela, como exemplo: os “Irmãos coragem”, que foi ao ar em 1970 e reprisado na década 90 e “Selva de pedra”, outro sucesso da escritora, que obteve à época de sua exibição, 100% de audiência no Rio de Janeiro (CAVALCANTE, 2005). A telenovela seria assim uma *bricolage* narrativa, que mescla o folhetim e o melodramático.

Mais recentemente, emerge a webnovela, entre o final do século XX e início do XXI. Essa é também conhecida como “novela digital, novela da web, novela multimídia, novela na internet, ciberdrama, cibernovela e webnovela” (DINIZ, 2009) e, ainda acrescentaríamos as

---

<sup>69</sup> A HISTÓRIA do Rádio II – (anos 40 em diante...). Informação postada no portal BrasilCultura, no hiperlink Perdidos. Disponível em: <<http://migre.me/dhrcC>>. Acesso em: 09 fev. 2013.

<sup>70</sup>FOTONOVELA. In: Carlos Ceia, s.v. E-DICIONÁRIO de Termos Literários. Carlos Ceia (Coord.). Disponível em: <<http://migre.me/dhBhz>>. Acesso em: 10 fev. 2013.

<sup>71</sup>Idem.

*fanfics*<sup>72</sup>. Essa se enquadra ainda, em categorias, gêneros e formatos diferentes: textuais, gráficos, sonoros e audiovisuais. Diniz elenca, ainda, os componentes essenciais para a narrativa da webnovela: técnica, tecnologia e cibercultura.

Outro ponto é o processo de narração das histórias fictícias, também, sendo compartilhadas em *on-line*; as pausas provocadas pela escritora, propositadamente ou pelas próprias leitoras quando iniciam um assunto a partir da história da própria webnovela, igualmente, fazem parte do ambiente da narrativa, (configurando-se como / caracterizando-se como) uma conversação dentro de conversações.

Assim nossa abordagem compreende que a webnovela expressa a apropriação no digital, da narrativa ficcional escrita e postada em série, semelhantemente ao folhetim e compartilhada em tempo real. É o que analisamos no próximo subtópico.

#### 4.2 “Web novelas *fake*”: considerações iniciais

No século XIV, “Il Decameron”, novela escrita - durante o surto de peste negra - por Boccaccio, em Florença, na Itália, narra a história fictícia de dez jovens que fugiam da peste negra<sup>73</sup> (ou “a praga”) migrando da cidade para o campo, abrigoando-se na Igreja de Santa Maria Novela. No entanto, essas sete moças e os três rapazes, após decisão conjunta, resolvem continuar a jornada e então encontram um castelo desabitado e passam a morar lá (CAVALLARI, 2006).

No decorrer, todos concordam em se encontrar nas horas mais quentes do dia, no pátio desse castelo (um lugar comum a todos) para contarem as novelas que criavam, uns aos outros. Assim, cada um dos dez jovens contava uma história a cada “jornada”, perfazendo um total de 100 histórias, justificando-se então o título da obra. Notadamente, Boccaccio se propunha, por esse romance, a recriar um mundo que fora destruído pelo surto de peste.

Século XXI, ano de 2008, auge do Orkut. Uma de suas maiores comunidades virtuais<sup>74</sup>, “Eu acredito e confio em Deus” agregava membros adeptos de várias religiões para debater sobre diversos temas propostos, sempre a partir da ótica do sagrado. A partir de uma situação pontual, os debates entre boa parte de seus membros, tornavam-se acalorados, graças aos comentários advindos de um desses, sempre em tom de ironia, sarcasmo e uma boa dose de inteligência.

<sup>72</sup> São narrativas de ficção seriadas dos fãs da saga “Crepúsculo”, no Orkut.

<sup>73</sup> Um surto de peste bubônica que assolou a Europa durante o século XIV e dizimou um terço da população à época, cerca de 75 milhões de pessoas.

<sup>74</sup> À época detinha mais de cinco milhões de membros.

Líamos as publicações desse que era um perfil *fake*. A imagem da sua conta no Orkut expunha um monge com vestidos medievais, beberrão que se descrevia como enclausurado, vivendo em plena Idade Média. Criticava sarcástica e ironicamente o cristianismo em suas vertentes mais populares no Brasil: a do catolicismo e a do protestantismo. Aliás, qualquer inspiração e semelhança com a obra “Elogio da Loucura”, de Erasmo de Roterdã não deverá ter sido mera coincidência.

Contudo, por que evocamos “*Il Decameron*” para dialogar com uma comunidade virtual de perfis *fake*? Porque entendemos que ambos têm em comum o modo de agir observado na “astúcia” (MAFFESOLI, 1995), que se tornou fonte de um conhecimento próprio, o Cotidiano. Esse “estilo” aponta para as experiências das interações que vão além do arcaico e do moderno, sobretudo ganham contornos próprios do ambientes das relações mediadas pelo computador.

A comunidade virtual “Web Novelas *Fake*” foi criada em 11 de janeiro de 2006 e possui 329.098<sup>75</sup> membros. Os encontros nesse grupo são para leitura de histórias criadas pelos próprios membros do grupo e compartilhadas entre si. Os membros da comunidade, tanto acompanham quanto estimulam, em tempo real, a continuidade ou não da história postada pelos membros escritores. O autor da narrativa digitalizada, formula histórias baseadas no cotidiano ou no seu universo pessoal, compartilhando em tempo real.

O Orkut apresenta uma lista de amigos, temas, os mais diversos possíveis, bastando o interesse do usuário e um *click* num respectivo *plug-in* ou botão, para estar legitimado nesse *site*. O membro adquire legitimidade para discutir ideias, compartilhar afinidades, afetos embora essa condição não o impeça de deixar de pertencer ao grupo a qualquer momento, bastando a esse querer.

Destarte, as comunidades virtuais são apreendidas como uma metáfora do neotribalismo, em que se verifica a fluidez e a efervescência do cotidiano. Seus membros se encontram nesse espaço para dividirem as experiências da fantasia humana e os meios tecnológicos (PAIVA, 2004), dispersando-se logo mais e, posteriormente, se reagrupando.

### 4.3 A construção dos perfis: a primeira etapa

Entrevistamos cinco perfis *fake*, durante o mês de novembro de 2013, ano da análise: Aline Pomposa; Escritora! Lisa; Camila Bonatti; Aninha Mcguire e *Writer of Dreams* (É

---

<sup>75</sup> Contagem de membros atualizada em fevereiro de 2013. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/PreSignup>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

importante registrar que as nomeações dos seus perfis são divulgados porque esses são *fake*). Observamos pelas respostas às entrevistas que esses indivíduos são meninas, na faixa dos 15 a 19 anos, e que interagem como perfis *fake* há no mínimo três e, no máximo, seis anos.

A pesquisa partiu da leitura e interpretação do conteúdo das entrevistas. Em seguida, fizemos uma triagem e, neste primeiro momento da análise arrolamos duas categorias temáticas principais: 1) Entendendo o perfil *fake*: primeira catalogação, onde organizamos seis subcategorias e a 2) Sobre ser um perfil *fake* escritor numa rede social: segunda catalogação, no qual determinamos cinco subtemas, a partir das respostas mais relevantes concedidas pelos entrevistados. Assim, organizamos essa primeira etapa, compreendendo o indivíduo que se percebe como perfil *fake*.

Observamos sobretudo que os perfis *fake*, leitores e autor, conversam durante as postagens das webnovelas. Como exemplo, temos a fala da autora da webnovela “*Rented Boyfriend*” quando expõe: “não gosto de postar sozinha”. Nesta frase, observamos a partir do modelo dramático de Goffman a prática teatral e a internet; ou seja, essa autora, emitiu uma intencionalidade em sua fala através da copresença virtual, mediada pelo computador, de que queria que a audiência se tornasse visível, para que ela se sentisse estimulada a continuar postando sua história. Deste modo, a interação pode ser observada sendo considerada como uma “região de fundo”, local “onde os fatos suprimidos aparecem” (GOFFMAN, 1985, p. 106), isto é, a região que favorece toda a interação dos perfis *fake*.

Numa narrativa breve sobre a trajetória da pesquisa, a princípio ponderamos abordar o método história de vida, para colhimento dos dados, pois, além desse, originar-se da abordagem qualitativa permite uma maior liberdade de fala ao entrevistado. No entanto, a entrevista, além de ter sido mediada pelo computador, foi semiestruturada e escrita, então a descartamos.

Na continuidade, analisamos o conteúdo das respostas e observamos que os depoimentos eram sobre os indivíduos sob as máscaras que interagiam como perfis *fake*. Com efeito, permanecemos na abordagem qualitativa, contudo pelo método da entrevista em profundidade, haja vista aplicamos questionários semiestruturados, contendo dez questões subjetivas. Nossa pretensão foi a de deixá-los falar e por isso as questões permitiam aos entrevistados discorrerem o quanto quisessem.

A coleta dos dados ficou, então, pronta. O próximo passo foi organizá-los. Para tanto, buscamos interpretar os elementos relevantes envolvidos na interação, percebido no conteúdo das respostas; consideramos as suas particularidades e os organizamos em “ideias-chave”.

Ratificamos, assim, que o processo de análise compreende dois momentos da investigação. No primeiro, interpretamos o conteúdo das respostas dadas à entrevista com os cinco perfis *fake*. Posteriormente, as respostas/comentários nas conversações na comunidade virtual, em observação.

A partir do estudo empírico investigamos como as interações mediadas pelo computador são problematizadas no cotidiano, como podem ser interpretadas e qual o impacto que causam na sociedade. Sendo assim, a comunidade virtual investigada, a “Web Novelas *Fake*”, do Orkut é o *corpus* observado como ambiente favorável a interação desses grupos.

Portanto, para análise das interações utilizamos o modelo interpretativo para depreensão dessas e para isso, organizamos este momento em duas perspectivas: primeiramente, abordamos a análise dos cinco perfis *fake*, observando como esses interpretam o contexto da comunidade virtual, e logo depois analisamos a interação entre os membros-leitores e o membro-escritor, durante a postagem da webnovela “*Rented Boyfriend*”.

Em um primeiro momento questionamos como o “eu” mediado pelo computador ressignifica a interação. Para responder foi necessário compreendermos e interpretarmos as interações no ambiente virtual. Então, partimos da “significação subjetiva que os sujeitos [denotam] às suas ações” (BARROS, 2000), dos símbolos que esses perfis trazem às interações, até como esses foram interpretados e adaptados nessas trocas.

Outro símbolo que marca a interação são os *up*'s. Esses sinalizadores de audiência significam, tanto qualificar a audiência visível – porque os perfis que “aparecem” durante a interação comentam, sugerindo ideias, destino dos personagens e a continuidade da história, entre outros – como quantificar, tendo em vista que esses símbolos contabilizam muitas páginas acessadas na webnovela e a colocam no topo dos fóruns da comunidade.

Portanto, entendemos o *up* como efeito dos “usos” (RECUERO, 2012) da ferramenta Orkut. Isto é, *upar* é um neologismo emergido nas conversações no próprio SRS, e indica o gosto positivo da audiência pela história. Trata-se de um incentivo numa via de mão-dupla, visto que o autor pede *up*'s para se sentir incentivado pela audiência a continuar postando, ao passo que o leitor “upa” porque gosta da história e para que o autor se sinta animado a continuar postando.

#### 4.3.1 Entendendo o perfil *fake*: primeira catalogação

Nessa primeira perspectiva depreendemos os perfis *fake*, ou representações subjetivas anônimas, quando expuseram suas percepções na entrevista. Posteriormente a essa observação, organizamos e elencamos, para análise, as subcategorias a seguir.

##### 4.3.1.1 *Uma realidade inventada para a vida cotidiana*

O indivíduo em sua astúcia para viver em sociedade aprendeu a se relacionar mediado pelo computador, reorganizando assim as noções de espaço e tempo, as quais estamos acostumados a perceber. No âmbito desta pesquisa percebemos essas interações entre perfis *fake* numa comunidade virtual do Orkut, pelo compartilhamento de histórias. Compreendemos, a luz de Maffesoli (2007) que a interação desse agrupamento se constitui numa conversação dentro de outra conversação; num processo cíclico característico da pós-modernidade.

Observamos, que para alguns perfis “a vida *fake*” é uma realidade inventada no viver cotidiano, amparado pelas tecnologias telemáticas. Uma espécie de duplo, que separa o corpo da palavra (RECUERO, 2012) e cujo papel torna essa “duplicidade psicológica e social” (MAFFESOLI, 2010, p. 277), essencialmente, heterogênea, capaz de viver ou conviver nessa realidade contemporânea.

Com efeito, o indivíduo se apresenta como representação anônima, para interagir demonstrando seu “eu” mais verdadeiro, interpretando, assim, esse momento da interação através das “regiões de fundo”. Escritora! Lisa, um dos perfis entrevistados, diz que estar no ambiente virtual como perfil *fake* é demonstrar seus mais verdadeiros sentimentos, pois “trata-se de uma vida virtual [...] que apesar do indivíduo ser diferente fisicamente, são os seus mais reais sentimentos que são expostos.”

É relacionar-se com uma identidade criada a seu bel prazer, pois “o fake [...] nada mais é do que uma forma, de diversão, fazer-se passar por outra pessoa, relacionar-se com os demais ( que também são fakes ) com a identidade que fora propositalmente inventada”.

Para Camila Bonatti, apresentar-se como um perfil eletrônico anônimo serviu para que construísse uma família

[...] eu tinha uma comunidade onde nós jogávamos aquele joguinho do beijo ou passar , e nessa comunidade revolvemos fazer uma família , [...] só que vieram as brigas , todos nós separamos , foi onde veio a ideia do fake , onde eu poderia criar uma nova família , acabei entrando e gostando desse mundo.

Para Aninha Macguire a vida “off” era um tédio e, por isso, a meta passou a ser a conquistas de novos amigos, pois “[...] estava cansada das pessoas me julgarem e eu queria novos amigos e senti que com o fake isso poderia ser possível (sic).”

#### 4.3.1.2 Lugar de diversão

Para *Writer of Dreams*, outra entrevistada, o *fake* é sinônimo de perfil *fake* quando em sua fala diz: “bem, se olhar pelo significado, fake para mim é falso. Mas para falar a verdade fake para mim sempre foi o meu lugar de diversão, há bastante tempo eu usava o ‘fake’ para me divertir e conhecer gente nova, mas hoje em dia já não faço mais isso”.

Entendemos assim, que o fenômeno de identidade subjetiva eletrônica anônima é um uso do *fake*<sup>76</sup>, no sentido do *persona* (TAVARES, 2010), no ambiente virtual.

Esse ambiente de conversação também é apontado como um lugar propício para diversão, passar o tempo, fazer novos amigos, relacionar-se com outras pessoas e preservar as amizades que foram feitas. Apolinne Pomposa diz “[...] quando este [perfil *fake*] não quer entrar eu logo [aceso o perfil] no original. [As amigas] continuam, sempre. Procuro manter uma amizade. Já até troquei cartas. <333”.

#### 4.3.1.3 Possibilidade de outras identidades virtuais

Escritora! Lisa em sua entrevista afirma que é um perfil *fake* desde os 13 anos e que já teve “inúmeras identidades”

criei meu primeiro perfil fake no ano de 2007 aos 13 anos de idade, desde então tive inúmeras identidades virtuais. Dentre elas, a que me fora mais memorável chamava-se Bonnie Mackenzie, uma moça que virtualmente tinha família e muitos amigos. Usufruí de tal identidade por cerca de 3 anos, religiosamente todos os dias, dando-lhe vida, voz e principalmente sentimentos.

Assim, essa possibilidade do indivíduo apresentar vários “eus” ou várias personas é expressão da apropriação das interações mediadas pelo computador.

---

<sup>76</sup> Segundo o “*Online etymology dictionary*”<sup>76</sup> a palavra *fake* é anterior ao século XVIII. Uma fonte provável para seu significado é a palavra *feague* de origem alemã que significa “para enfeitar por meios artificiais [...] (tradução nossa).” *Fake*, assim, é uma palavra de origem inglesa “relacionada à falsificação, fingido”.

#### 4.3.1.4 Copresença virtual

O conceito de copresença física em Goffman acentua o encontro presencial, constituído de interações (TEDESCO, 2003). Para Thompson (1998) distinta da interação face a face, a interação mediada pode ocorrer “em contextos espaciais e temporais distintos” (p. 79), inclusive pela mediação, pois “implica o uso de meios técnicos” (p.78). Para o autor, a escrita nessa ambiência é acentuada e isto incorre numa interação em copresença limitada, bem como favorece ambiguidade na comunicação.

Contudo, nessa pesquisa, atemos-nos a compreender que interações mediadas pelo computador, apropriaram-se da copresença e, hoje, há interação no ambiente virtual, que emula a tecnologia da câmera e do teclado e seus *emoticons*. Observemos o depoimento a seguir de Escritora! Lisa

no meu último ano como Bonnie [ uma das identidades virtuais que foi mais memorável para este perfil. Tratava-se de uma moça que virtualmente tinha família e muitos amigos], namorei um rapaz, também fake que morava no estado de São Paulo. Até então eu morava no Rio de Janeiro e ficamos ‘juntos’ por cerca de 7 meses. Nunca vi quem ele realmente era, nem ao menos sei como aparentava, porém o tempo gastado em frente à um computador, na ilusão de que vivia um relacionamento saudável me fizera amadurecer absurdamente como mulher, dar valor à minha realidade e finalmente compreender que podemos transformar nossa realidade em um sonho, basta querermos.

#### 4.3.1.5 Relações amicais: construindo laços digitais, reforçando os laços físicos ou se perdendo no tempo

Os perfis *fake* buscam fazer novas amizades nesses ambientes virtuais é o que fala a Escritora! Lisa

[...] no meu perfil Bonnie Mackenzie fiz amizades que se tornaram reais e o mais interessante é que você se expõe mais com esses novos amigos, pois eles têm a capacidade de entender melhor a sua vida de uma maneira abrangente. Não se limitam às mesmices cotidianas porque também são aderentes de uma vida alternativa.

Sobretudo, esse ambiente proporciona construir amigos virtuais, mas que, provavelmente, não conheceremos fisicamente. Outro fator é a perda de interesse por essa rede social pelos amigos virtuais. Para Apolinne Pomposa muitos de seus amigos perderam o interesse pelo Orkut e a encorajam a não continuar com seu *profile*.

Contudo apesar de afirmar que “não há nada que prenda a maioria dos internautas aqui” essa diz que continua “pelo interesse da leitura e os amigos que adquiri ao longo dos

anos”. Apolinne confessa que a sua primeira *fanfic* foi um vexame, mas conheceu “uma das [...] melhores amigas por meio disso”; elas se falam há quase quatro anos.

Camila Bonatti levou essas amizades para a “vida em off (vida fora do *fake*)” ou seja, para os laços físicos, embora quase não fale com suas leitoras. Camila diz, inclusive, que duas leitoras tem acesso ao seu perfil original. Já a Escritora! Lisa, que fez amigos virtuais, migrou junto com esses para outros *sites* de redes sociais. “Agora mais maduros”, diz a Escritora!, comunicam-se através do Facebook, “que é também uma rede social, porém mais pessoal e porque não restrita?” Já com Aninha Macguire ela afirma que ficou amiga de uma garota que com o tempo “parou de entrar [acessar o perfil do Orkut]” então, Aninha mudou de perfil (e perderam contato).

A utilização constante de termos do cotidiano físico, tais como “nos vimos”, “nos falamos” é também recorrente nesse ambiente. Entendemos, portanto que, trata-se de um processo de construção e formação de seus mundos, tendo em vista que são expressas mediadas pelo computador. Esta proposição é evidenciada no próximo subtópico.

#### 4.3.1.6 *Estar seguro sob a máscara*

Entendemos que uso das máscaras alimenta as interações no cotidiano, seja esse mediado pelo computador ou não. Antes de mais, a origem da palavra máscara é incerta, pois pode ser de origem italiana *maschera*, derivada do latim medieval *masca*: espectro, máscara, pesadelo ou talvez do árabe *maskhara* “palhaço, bufão.<sup>77</sup>” A palavra máscara como substantivo, denotaria significados ocultos, escondidos, não revelados, próprios de algo que oferece mais dúvidas que respostas. Já o sentido do mascarado, qualidade de quem utiliza a máscara, pode ser entendido como uma condição, um modo de se relacionar que foi apropriado pelas novas tecnologias.

Apolinne Pomposa, em sua fala, exemplifica a complexidade que é compreender essas relações como mascarados, quando afirma que essas acabam se tornando relações de confiança, justamente, por não conhecer o outro: “[...] É muito difícil você separar o *fake* do real. Às vezes é até mais fácil você confiar em alguém que nunca viu na vida do que confiar em uma pessoa que conhece há vários anos”.

---

<sup>77</sup> CONSULTAS e artigos com a palavra máscara. **Origem da palavra – site de etimologia.** Disponível em: <<http://migre.me/i4kDD>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

A partir dessa experiência de Apolinne, podemos entender que a relação de trocas entre os perfis eletrônicos *fake* estaria relacionado ao comportamento do indivíduo apropriado pelos meios tecnológicos digitais e pelos seus recursos favoráveis ao anonimato.

E, parece-nos fazer sentido resgatar a proposição de que tudo existe dentro de um conjunto de tecnologias, que experienciamos tecnologia em nossa vida, conforme aponta Godfrey Reggio<sup>78</sup> diretor e criador da trilogia “Qatsi”, que propõe essa discussão no filme “Koyaanisqatsi”, primeiro da série. Em certo ponto assimilamos e entendemos essa forma de se relacionar pela proposição da vida cíclica, em Maffesoli, cuja comunicação e suas apropriações interferem na vida das pessoas enquanto essas estão vivendo seu cotidiano.

Observamos, ainda, que parece haver uma sensação naturalizada de manipular o destino nesse ambiente, a partir da fala da Escritora! Lisa

[...] a grande diferença entre ser quem você é virtualmente e ser um fake é que você pode ser quem quiser ser sem ser criticado, rotulado. Acima de tudo, sua imagem estará preservada, nada poderá lhe acontecer. É uma forma facilitada de viver, sem contratempos.

Analisamos também que na perspectiva contextualizada desse ambiente essas relações envolvem sentimentos reais. A partir das falas da Camila Bonatti essas interações entre perfis *fake*, além de perpassar “um mundo diferente que escolhemos” traduz possibilidade de sentimentos novos “que nascem dentro de nós, numa vontade de mudar algumas coisas dentro de nós mesmo, e a buscar da felicidade no caso”.

Em uma fala da Escritora! Lisa, essa diz que dedica o dia a outras atividades, após seis anos como escritora sob um perfil *fake* e que hoje, prefere falar com os amigos de coisas da realidade e não mais ilusórias.

Dessa feita, entendemos que as representações subjetivas no ambiente virtual podem ser entendidas pela “experiência do corpo separado da palavra” (RECUERO, 2012), possível através da compreensão de uma contemporaneidade cibernética. Entendemos assim, o *fake* como uma experiência própria desta era, que é possível pelo veio do mascarado.

#### 4.3.2 Ser um perfil *fake* escritor numa rede social: segunda catalogação

Nessa segunda perspectiva, observamos que alguns dos membros-escritores não tinham o hábito da leitura, tampouco da escrita e alegam que, desenvolveram-no nesse ambiente. Vejamos a análise da interação, a seguir, e os subgrupos arrolados.

<sup>78</sup> Trilogia Qatsi. Disponível em: <<http://www.koyaanisqatsi.com/>>. Acesso em: 01 fev 2014.

#### 4.3.2.1 O gostar de escrever e o Orkut

Analisamos a entrevistada *Writer of Dreams*, que já escrevia fazia quatro anos quando diz: “eu simplesmente amo escrever, [...] e espero um dia ser escritora profissional. Escolhi essa comunidade porque achei que seria uma forma legal e fácil de mostrar minhas histórias a outras pessoas”.

Observamos que o “gosto” pela escrita precede a curiosidade inicial de se entrar numa comunidade virtual de perfis escritores. Sobretudo porque, mesmo que novos gêneros da escrita surjam, tais como a Wikipedia, a norma culta ainda prevalece, assim, o gosto por escrever se traduz numa possibilidade de mostrar a arte desses, pelo veículo digital. É o que diz Apolinne Pomposa

[...] comecei a entrar por curiosidade em uma comunidade chamada *Twilight Fanfictions*, que é nada mais que uma comu [abreviação para comunidades virtuais] de histórias criadas por fãs direcionados a Saga Crepúsculo. Iniciei somente com a leitura aos doze anos e após tanto ler me empolguei o suficiente para escrever.

Portanto, a cultura escrita é um espaço de ligação social, em que geramos e trocamos informações, sentimentos e ideias<sup>79</sup>. Assim, nesta comunidade entendemos que ser *fake*, seria um “detalhe”. Apolinne Pomposa pede para sua mãe ler suas histórias “eu faço a minha mãe ler. KKKKKKK. E os meus amigos são muito ‘crianças’ para quererem ter apreço por algo que eu escreva”.

Observamos, ainda, um agrupamento cujo espaço preserva a escrita tradicional, contudo lida num contexto de velocidade e espaço reconfigurados. Raquel Recuero (2012) fala de uma hibridização da cultura oral e da escrita, no ambiente das comunidades virtuais. Nessa direção, será que a escrita, no âmbito dessa CV tem alguma pretensão de se inovar, juntamente, com os recursos tecnológicos que lhes acompanham? Ou apenas o objetivo de que os perfis autores sejam motivados pela audiência que lê a suas histórias: “O real motivo foi por eu ser uma escritora e por lá ter muitos leitores. Queria mostrar minha história.” (Aninha Macguire).

Há, contudo, os que estão sob a máscara do anonimato para serem lidos, pois, sonham em publicar suas histórias como pudemos observar na fala da Escritora! Lisa

<sup>79</sup> Reportagem “A internet e a cultura escrita.” Disponível em: <<http://migre.me/i4sNu>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

[...] No presente momento, possuo um perfil falso que se chama Escritora! Lisa. Lhe dei vida no intuito de expor minha imaginação em forma de estórias, contos e mini-livros. Fora uma ideia vaga, sem grandes propósitos tendo ciência de que se não desse certo, ou seja, se ninguém lesse meus projetos, eu poderia desfazer o perfil e nada seria acontecido à minha imagem verdadeira.

#### 4.3.2.2 Por que a “Web novelas fake”?

A escolha da “Web novelas *fake*”, para Aninha Macguire foi por acaso “[...] eu apenas encontrei por acaso a comunidade e virei leitora, depois comecei a escrever.” Outro aspecto é que esse ambiente também é considerado um ponto de encontro de perfis *fake*: “Eu acredito que lá [na comunidade virtual “Web novelas *fake*”] seja meio que um ponto de encontro dos *fakes* e dos não *fakes*, onde podemos conhecer escritores e também leitores, sendo eles *fake* ou não”.

Essa comunidade é percebida, portanto, como voltada para escritores amadores, que expõem seus trabalhos e isso se torna um atrativo para esses perfis, que já estão habituados a um contexto de leitura e escrita, como ocorre com Escritora! Lisa: “sempre gostei de ler, quando descobri que existia uma comunidade para escritores amadores [...], fiz questão de me tornar membro e buscar por uma estória que me simpatizasse”.

Lisa ainda opina que as técnicas utilizadas por outra escritora chamaram sua atenção e a motivaram a escrever na “Web novelas *fake*”:

encontrei uma ótima web-novela (sic) sobre uma atriz de filmes adultos que se apaixonara por um colega de cena. Era de um enredo não muito interessante e bem previsível, porém a desenvoltura com que a autora conduzia era tão sensacional que o que tinha tudo para ser uma estória de baixo calão, tornara-se uma web espetacular.

A escolha de ser um perfil *fake*, popularmente, denota um “medo de ser descoberto”, de ser pego fazendo algo errado ou ilegal. No entanto, entendemos que o uso da máscara revela talentos outrora escondidos. Desse modo, observamos ser pertinente atualizar esses perfis no conceito de pseudonimato (PAVLÍČEK (2005), por se apresentarem, bem como suas webnovelas, ao público, sob uma máscara que protege o indivíduo, mas revela a pessoa muito mais do que esconde.

Relembramos as irmãs Brontë que utilizavam o pseudônimo masculino, “irmãos Bell”, para revelarem-se como escritoras, até o momento em que foram descobertas, como indivíduos. Por isso, não consideramos esses perfis como heterônimos, pois eram personagens que tinham vontade, “vida própria”, tais como as personalidades literárias de

Fernando Pessoa. Inclusive através da fala da Escritora! Lisa observa-se a similaridade do perfil *fake* com o pseudonimato:

assim, depois de ler tal conto, tive coragem de transcrever meus pensamentos para o papel e dar vidas à vários personagens. Quando percebi que eu realmente possuía um talento singular para criar estórias, decidi então criar um perfil *fake* de uma escritora, assim camuflaria minha imagem e ao mesmo tempo mostraria minhas obras aos leitores.

#### 4.3.2.3 De um perfil falso para personas reais: a imagem do perfil

No âmbito da cultura digital os perfis *fake* escondem e revelam indivíduos que entendem como os perfis reais os percebem. Afinal, esses também são perfis reais, mesmo sendo *fake*, haja vista o fato de a interface deste perfil anônimo ser, aparentemente, igual ao de um perfil real. Escritora! Lisa diz que “a foto do perfil é o cartão de visitas, não só de uma falsa pessoa, mas também para uma pessoa real. A imagem retratará indiretamente quem você é.” Assim, é importante apresentar uma boa imagem.

**Figura 4.1** – Capa do perfil *fake* “Writer of Dreams”



Fonte: Orkut (2014)

Neste aspecto nos chamou atenção a disposição da escolha e utilização das fotos nesses perfis. No exemplo da **Figura 4.1** temos a imagem da capa do perfil *fake* *Writer of Dreamns*, com fotos do ator britânico, Robert Pattinson.

Obviamente, não é Pattinson quem escreve as suas histórias tampouco é o indivíduo “por trás” do perfil. Inclusive, segundo *Writer* sobre a escolha das fotos, no “*fake* não costumamos colocar nossas fotos pessoais”. Contudo, o critério utilizado pela escritora para a escolha do ídolo adolescente protagonista da saga *Twilight* ou “Crepúsculo” – traduzido para o português - é devido ao fato de ser “fã dessa pessoa”, e continua “é isso que fazemos, colocamos fotos de artistas que admiramos (sic)”.

Outro aspecto curioso observado é o da busca por imagens novas no Google, evitando repetir as mesmas pessoas outrora escolhidas: “eu nunca escolho foto da mesma menina, posso até escolher (sic) mais eu não fico usando várias fotos naquela mesma pessoa, e eu sempre pego de meninas loiras, agora que eu estou usando morena, mais eu te falo que as fotos variam do meu humor”, afirma Camila Bonatti.

O humor e a personalidade também são expressos no espaço das imagens. Apolinne Pomposa que na vida “real” é “fã de rock, alargadores nas orelhas, cabelos coloridos” prefere “avatars de fumantes e de garotas tatuadas”. Observamos, ainda, que quando Apolinne se refere a “*avatars* subliminares” significa que expressa a sua “mente desvirtuada,” continua dizendo que “tudo tem a ver com a minha personalidade” e, finaliza registrando que nunca iremos vê-la “com *avatar* ‘contido’. KKKKKK”.

#### 4.3.2.4 Perfis fake “do bem” existem?

O imaginário em torno do *fake* no ambiente virtual é cercado pelo espectro do “mal”, do prejudicial, do esconderijo, por não mostrar quem se é “de verdade”. No entanto, em uma observação simples nos comentários nas páginas dos portais de notícias, que se hospedam no Facebook, por exemplo, não é o perfil anônimo que propaga o *haterismo* ou a “cultura do ódio”, no ciberespaço; pelo contrário, os perfis reais, expressam-se *trollando*<sup>80</sup> os portais, bem como os demais perfis que comentam as notícias. Observamos, sobretudo, que isso ocorre em uma *site* que prima pela não presença de contas de perfis *fake*.

Na “Web novelas *fake*”, o perfil *Writer of Dreams* afirma que “existem pessoas que mentem sem dó”, o que contribuiu para não ter amigos na comunidade. Inclusive, o perfil Escritora! Lisa registrou que “fazer-se passar por uma pessoa é crime” embora que:

no mundo virtual ainda não temos uma lei regularizada que pune ou bane a criação de uma identidade personalizada, assim, não é rara as vezes que pedófilos criam contas clandestinas para aliciar jovens, hackers invadem contas de pessoas importantes para tirar vantagens de informações pessoais, bancos são invadidos.

Sobretudo, diz Apolinne Pomposa que “sempre [tem] aquele fake que quer causar intrigas”, o que não seria o caso desta: “Eu mesma não sou muito pro lado das famosas ‘tretas’. Inclusive, essa acha que a maioria dos perfis é da paz.

---

<sup>80</sup> “*Troll* é aquele usuário que inflama uma discussão ou participa da discussão de forma a provocar os demais. Normalmente, refere-se a alguém mal-intencionado. [...] O termo ‘trollagem’ passou a ser usado como um sinônimo de fazer graça à custa de outro” (RECUERO, 2012, p. 165, NR)

Não obstante, *Writer of Dreams* e Escritora! Lisa concordam sobre esta característica da “Web novelas *fake*” ser estruturada em perfis *fake* “da paz” e sugerem que a motivação de quem se torna membro dessa é a leitura ou postagem das histórias.

*Writer*, diz que “a maior parte das pessoas que estão ali, somentequerem (sic) ler ou postar história, nada de má relação ou qualquer tipo de maldade.” Lisa, acrescenta que “a comunidade é direcionada para o público leitor e, complementa dizendo que as “pessoas [...] são habituadas a ler e procuram contos novos, originais [bem como,] também há pessoas como eu, que mostram o seu trabalho, sem retorno financeiro apenas a fim de divertir-se”.

Em todo lugar vai (sic) existir pessoas que fazem o bem e o mal, só porque e uma comunidade de web novelas, não quer dizer que não exista (sic) pessoas do mal ali, porque e uma competição, tem web que são mais famosas que outras já olhou por esse lado? Bom eu não fico reparando em que tem mais web ou leitoras que eu, mas tem pessoas que olham isso!

Na afirmação acima Camila Bonatti utiliza o termo “competição” no sentido do “conflito”, que gera “hostilidade, desgastes e rupturas na estrutura social” (RECUERO, 2009, p. 81). Contudo a competição, nem sempre ocorre em meio a antagonismos e muitas vezes gera a cooperação em grupos. Desse modo, ambos são fenômenos oriundos das redes sociais, de acordo com Recuero (2009), embora sejam distintos em seu sentido. Assim, a competição contribui para o fortalecimento da estrutura social. Neste sentido, conforme Bonatti afirma, entendemos que, tal como um ambiente de interações, os membros da “Web novelas *fake*” preservam a boa convivência entre si.

#### 4.3.2.5 *Pseudonimato: um atalho para ser o que quiser ser*

Por trás dos perfis *fake* da comunidade existem indivíduos que se expressam pelo anonimato. Pode parecer antagônica essa proposição, contudo é reveladora dessa forma de interação entendida como uma válvula de escape, um atalho que Maffesoli (2012) conceitua como “astúcia” da sobrevivência.

Para Camila Bonatti, quando você é “*off*” (vida fora do *fake*) poucas pessoas se interessam. Longe de parecer a fala de algum perfil com característica depressiva ou suicida, observamos que a entrevistada denota estar consciente de onde está inserida. Especialmente, porque está se autorreferindo como escritora “muito antes de ser *fake*”.

Observamos, contudo que a escolha pela comunidade “Web novelas *fake*” foi uma migração de outra *fanfic* por “estar começando a ‘flop’<sup>81</sup>” conforme relato do perfil Apolinne Pomposa.

O fator relacionamento também foi diferencial na migração para a comunidade. O compartilhar de textos, bem como de angústias, são observadas em dois lados da extremidade da reta da interação na comunidade. A fala da Escritora! Lisa aponta para o que denomina “pontos extremos” do universo falso, os quais aplicamos para analisarmos esse quesito. Primeiramente, pontua negativamente que

um adolescente com problemas de separação dos pais na vida real, por exemplo, [que] se prende ao mundo inventado para escapar do sofrimento vivido em casa, camuflar o que sente o que se passa a sua volta. Não foram raras as vezes que li depoimentos de internautas que repetiram de série em suas respectivas escolas por vício ao mundo abstrato. Uma extremidade negativa, pois interfere negativamente na vida pessoal (real) do indivíduo.

Não obstante, num outro extremo, considerando os pontos positivos, Lisa se refere “ao fato de comunicar-se com pessoas de várias regiões, ter coragem de expor o que sente, ser criativo.”

A fala do perfil Apolinne Pomposa aponta “o *fake* na minha concepção é um lugar onde vocês se entretêm (sic), faz novas amizades e querendo ou não, aprende mais. Acabei pegando gosto pela escrita por ter entrado nesse mundo a parte do real”. Com efeito, destrinchamos da fala desse perfil uma interpretação do contexto do ambiente de interação do *fake* como um lugar para aprender mais. Portanto, esse “eu” que entendemos como *persona* é utópico e, composto de utopias quando o indivíduo afirma: “ah, eu consigo ser eu mesma” ou “quero procurar novos amigos” ou ainda “[quero] desenvolver o gosto pela escrita”. Contudo, isso pode ser proporcionado pelo *fake*, como perfil ou pelo ambiente da comunidade virtual que lhe seja favorável.

Apolinne, relata ainda que é normal ser um perfil *fake* e aponta a característica da sua permanência no Orkut, ser devido às amizades que fez

normal?! Risos. Não é algo chocante como... "nossa, ela tem um *fake*". Mentira. É sim. kkkk [...] Eu mesma só permaneço pelo interesse da leitura e os amigos que adquiri ao longo dos anos.

---

<sup>81</sup> É quando o lugar deixa de ser movimentado, quando os membros aparecem raramente.

Assim, propomos um entendimento sobre o perfil *fake* tendo em vista, ter perpassado a curiosidade inicial de como é ser um perfil *fake*. Desse modo o interpretamos pelo pseudonimato, uma vez que esse autor, apresenta-se na comunidade como anônimo por ser regra dessa, contudo não parece ser pretensão sua, esconder-se ou ser um mistério sob a máscara virtual. Inclusive, observamos que havendo confiança durante a interação, ou seja havendo visitas regulares à comunidade, por parte dos membros-leitores, para acompanhar as web's durante suas postagens, há conversações, onde são compartilhadas informações mais pessoais, tal como o link que dá acesso a outros SRS's do autor, conforme observado por *Writer of Dreamns*.

Investigamos, portanto haver uma diferença entre ser um perfil *fake* e ser uma escritora que possui um perfil *fake*, sobretudo no contexto das comunidades virtuais. Nessa, a representação virtual pelo pseudonimato pode ser entendida como uma identidade contemporânea (COUTO; ROCHA, 2010, p.16), porque os “eus” se relacionam e emergem em tempos de pós-modernidade.

Os perfis entrevistados são escritores anônimos que anseiam uma oportunidade de divulgar sua arte sob a máscara do pseudonimato. Inclusive se aventuram num espaço anônimo de interação para postarem com seus pseudônimos. É o que pode ser observado na fala da Escritora! Lisa

[...] o falso universo criado por internautas de uma rede social chamada orkut diz respeito a uma vida à parte, uma realidade inventada, ilusória. O *fake*, que é genuinamente aderido por pré-adolescentes e adolescentes nada mais é do que uma forma de diversão, fazer-se passar por outra pessoa, relacionar-se com os demais (que também são *fakes*) com a identidade que fora propositalmente inventada.

Sobre os perfis *fake*, Turkle (1997), até em tom solene, relembra o efeito, no âmbito psicológico, causado pela possibilidade de viver uma segunda vida, em detrimento do contexto dramático que as comunidades virtuais possam despertar. Nessa direção, a próxima fala que segue aponta sensações, tais como: “ilusão”, “relacionamento”, “realidade” e “sonho”. Inclusive essa realidade não é física, por outro lado, entendemos que caminha no mundo das ideias (PLATÃO). Seria assim, uma substituição da experiência do que é tátil, por outra que não chega a suprir nem a si, nem ao outro completamente. Escritora! Lisa expõe uma experiência de autorreflexão como indivíduo, sob a máscara do perfil *fake*

atualmente eu tenho 19 anos de idade, faço faculdade de serviço social e trabalho, ou seja, antes eu era apenas uma estudante do ensino médio com grande parte do dia livre para viver uma vida virtual, hoje em dia o tempo que tenho é dedicado à outras atividades, da mesma maneira acontece com as amizades que construí no *fake*. Passamos da fase de virar noites em frente um computador, sem grandes

responsabilidades, agora mais maduros, nos comunicamos através do FACEBOOK, que é uma também rede social, porém, mais pessoal, e porque não restrita? Local onde de fato conhecemos todos nossos amigos (ou deveríamos), falamos de coisas da realidade e não mais ilusórias.

Com efeito, os membros-escritores dividem as experiências da sua vida real, quando escrevem essas narrativas e a comunicação mediada possibilita a conversação, pelo “fato de [poder] comunicar-se com pessoas de várias regiões, ter coragem de expor o que sente, ser criativo.”

Efetivamente, o se comunicar com outras pessoas sem se expor, deixa o *fake*<sup>82</sup> mais confiante. Observamos, pelas entrevistas, como alguns tiveram coragem de escrever e postar suas histórias nessa comunidade, justamente, por serem um perfil *fake*.

Assim, ser perfil *fake* é diferente de ser *fake*. *Writer of Dreams* em sua fala a partir da entrevista expressa de maneira concisa e clara

acho que isso varia de pessoa, para mim eu nunca usei o termo "*fake*" como uma forma de realmente ser falso, **eu era eu mesma, apenas usava um perfil diferente para conhecer gente nova e ter familiares ou gente conhecida em meu perfil.** (grifo nosso).

Esses novos hábitos de se conviver através da cultura do falso, com o computador e a possibilidade de nos revermos (TURKLE, 1997) nos traz algumas questões. O que hibridizamos e transformamos em oralidade – escrita e oral – ou o que reescrevemos de outros ou, ainda, por que nos apresentarmos como outro para os outros nos atrai como se essa fosse nossa extensão? Seria o perfil *fake* uma extensão do eu? Seria uma projeção a fim de se colocar no mundo pelas possibilidades da cibercultura?

Dessa modo, entendemos que perfil *fake* “corporiza” (TURKLE, 1997) os anseios por entretenimento, por conversar “sendo você mesmo” sob outro “eu”. Mas, o que está escondido na internet que já não está, implicitamente, revelado? Pode estar revelado, mas não acessível no *surface* da internet, um local de acesso para todos.

Observamos que há uma cultura do anonimato latente à cultura do virtual. Sobretudo, Lifton (*apud* TURKLE, 1997, p. 386) observa que essa multiformidade do eu “na ausência de um princípio de coerência, [...] se dispersa em todas as direções.” Não obstante, considerando o aspecto do “‘eu’ multiforme saudável”, acreditamos que esse pode se referir aos perfis *fake*, na comunidade virtual WNF.

---

<sup>82</sup> Aqui utilizamos a palavra *fake* substituindo o termo perfil *fake*.

Esses indivíduos em suas representações *fake* são multiformes, no entanto aportam numa “perspectiva moral” por serem integrados, como já foi abordado. *Writer* afirma que queria ser enxergada sem ser julgada na “vida longe do *fake*.” Curiosamente, quando a autora se refere a vida “*off*” - vida fora do *fake* - não se discorre sobre uma vida fora do computador ou da internet, mas a uma vida longe do perfil *fake*. Por que? Haveria uma aproximação do *fake* como característica da comunicação? Estar no perfil *fake* é estar se comunicando dentro da comunidade “Web novelas *fake*”?

Entendemos que as histórias, no sentido de conteúdo e estrutura, são construídas na relação do escritor com o ecrã (TURKLE, 1997) e que essa relação expressa um ambiente favorável a essa forma de escrita e de comportamento. Apolinne Pomposa resgata o lúdico de escrever, compartilhar e ser *fake* nessa comunidade

já tive vários nomes, muitos trocadilhos bobos e sem graças, porém já estou com o Apolinne há um ano, [...] embora o “pomposa” do meu nome deixe a desejar. Isso faz parte de mim. Pomposas é uma liga, então existe (sic) mais garotas com esse sobrenome. Tem um significado bem especial.

Outro aspecto é quanto ao processo de construção da história. Parte deste entendemos partindo do “pilhamento” da informação (LEVY, 1999). Por esse olhar, o *fake* pode escrever a sua história em um editor de texto, ouvir uma música pela web rádio, assistir vídeos no Youtube, incluir *links* durante a postagem de suas histórias e desenvolver seu hábito de leitura e escrita, estimulado nesse ambiente. E é sobre esse processo que abordaremos na segunda etapa desta análise.

#### **4.4 A interpretação das interações na webnovela “*Rented Boyfriend*”: a segunda etapa**

Nesta segunda etapa analisamos a interação entre os membros-leitores e o membro-escritor e como são adaptados e interpretados seus símbolos. A partir dessa investigação organizamos cinco ideias-chave: 1) Da escritora para a leitora: as pausas e ausências; 2) Das leitoras para a escritora: pausas e ausências; 3) *Up's*, capitalizando a interação; 4) Das características próprias das interações e 5) Interações mediadas na comunidade virtual: grupos e conversações. Essa última foi organizada em dois subgrupos 5.1) Conhecendo os grupos e 5.2) Interações como conversações.

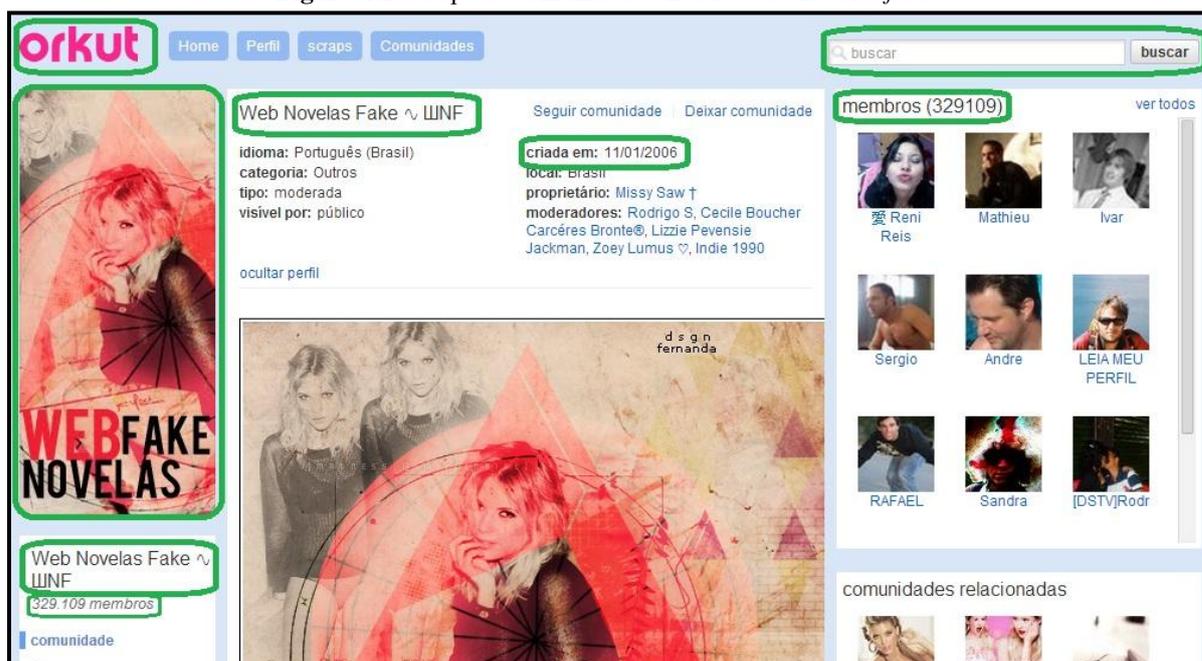
Para tanto escolhemos analisar uma webnovela, intitulada: “*Rented Boyfriend*”, de autoria do perfil *fake* *Writer of Dreams*. Esse folhetim virtual foi postado em duas

temporadas. A primeira teve início em 26 de abril de 2013 e perdurou até 09 de agosto de 2013. Devido aos pedidos da audiência a autora escreveu a 2ª temporada, que iniciou em 11 de agosto de 2013 e finalizou em 02 de fevereiro de 2014. Não obstante, analisamos a 1ª e a 2ª temporada da história.

A novela teve exatas 1118 páginas escritas e 11171 respostas – incluindo as postagens, *up's* e comentários dos leitores e da escritora - e por isso, se adéqua às condições para se submeter a análise: ser detentora de uma história recente e que essa obtenha, no mínimo, cinco mil *ups*.

A **Figura 4.2** – Capa da comunidade virtual “Web novelas *fake*” - é a imagem da interface ou a capa da comunidade virtual analisada. A apresentação desta é composta de texto (linguagem verbal) e imagem (linguagem não-verbal).

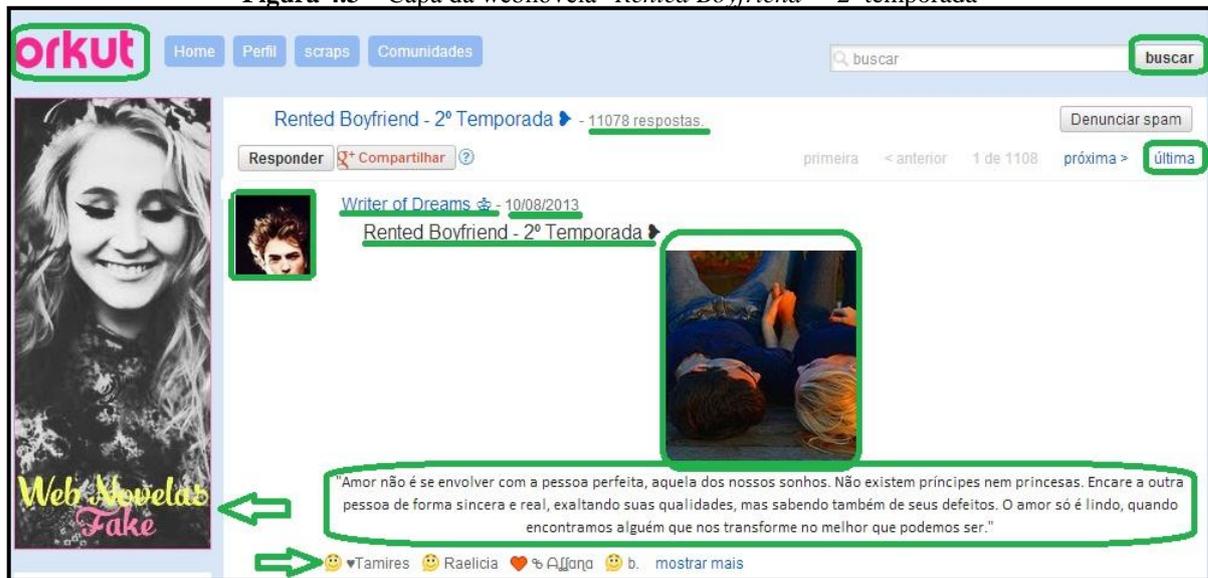
**Figura 4.2** – Capa da comunidade virtual “Web novelas *fake*”



Fonte: Orkut (2013)

Na capa estão disponibilizadas informações, tais como o nome da comunidade, número de membros, perfil da comunidade, data de criação, *links* que dão acesso a outros ambientes, bem como o buscador do Orkut. O *site* organiza a informação de modo a facilitar, para qualquer usuário da internet, a navegação e a busca no *site* com facilidade, conforme a AI (Arquitetura da Informação) (MORVILLE; ROSENFELD, 2006).

**Figura 4.3** – Capa da webnovela “Rented Boyfriend” - 2ª temporada



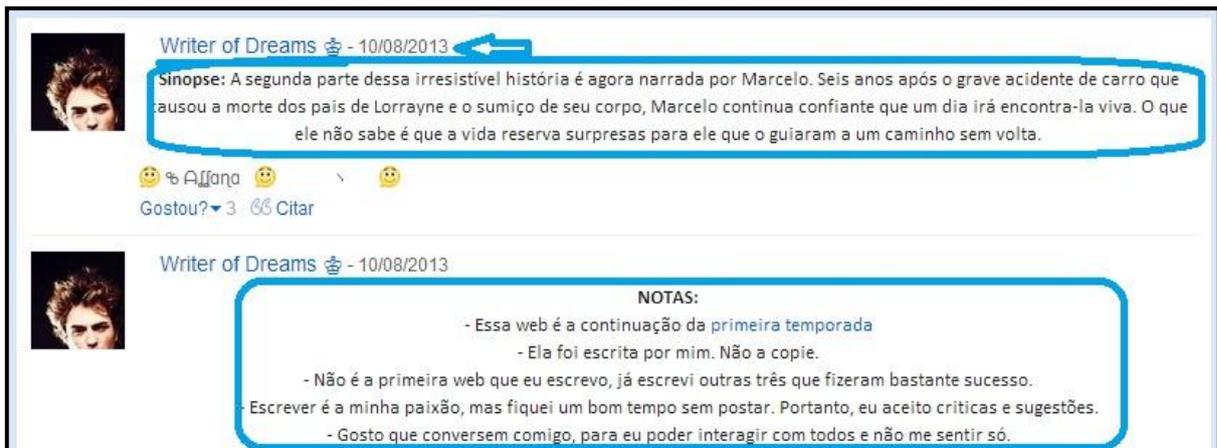
Fonte: Orkut (2014)

A **Figura 4.3** apresenta a interface da webnovela analisada, que adota os recursos próprios do *site*, bem como apresenta as informações sobre o próximo folhetim a ser postado. Observamos uma imagem com dois jovens deitados e olhando um para o outro, de mãos dadas, numa alusão à temática e ao gênero do folhetim. Além do título há um subtítulo com o seguinte texto:

amor não é se envolver com a pessoa perfeita, aquela dos nossos sonhos. Não existem príncipes nem princesas. Encare a outra pessoa de forma sincera e real, exaltando suas qualidades, mas sabendo também de seus defeitos. O amor só é lindo, quando encontramos alguém que nos transforme no melhor que podemos ser.

A história gira em torno do amor entre dois jovens, Lorryne e Marcelo. Na primeira temporada, a protagonista Lora - como é chamada pela família e amigos - guarda um segredo que a acompanha por quase toda a trama. Marcelo, a princípio, não gosta da garota por terem personalidades diferentes; todavia, no decorrer da narrativa, ele acaba ajudando-a e por conta desse segredo, aceita ser seu namorado de aluguel. Então, a amizade acaba se transformando em paixão. A primeira temporada é narrada por Lorryne e termina com um evento trágico envolvendo a sua família e ela é dada como morta.

**Figura 4.4** – Sinopse – Webnovela “*Rented Boyfriend*” - 2ª temporada



Writer of Dreams 🌟 - 10/08/2013

Sinopse: A segunda parte dessa irresistível história é agora narrada por Marcelo. Seis anos após o grave acidente de carro que causou a morte dos pais de Lorryne e o sumiço de seu corpo, Marcelo continua confiante que um dia irá encontra-la viva. O que ele não sabe é que a vida reserva surpresas para ele que o guiaram a um caminho sem volta.

😊 % Affana 😊

Gostou? ▾ 3 🗨 Citar

---

Writer of Dreams 🌟 - 10/08/2013

**NOTAS:**

- Essa web é a continuação da primeira temporada
- Ela foi escrita por mim. Não a copie.
- Não é a primeira web que eu escrevo, já escrevi outras três que fizeram bastante sucesso.
- Escrever é a minha paixão, mas fiquei um bom tempo sem postar. Portanto, eu aceito críticas e sugestões.
- Gosto que conversem comigo, para eu poder interagir com todos e não me sentir só.

Fonte: Orkut (2014)

A autora da webnovela *Writer of Dreams*, por várias vezes, comenta que deu seu nome à protagonista e que essa possui suas características. *Writer* discorre, ainda, que sonhou – e sonha – com as histórias e os personagens, antes de escrevê-las. Na **Figura 4.5** logo abaixo, seguem as imagens, que representam um dos protagonistas da trama, de anônimos; essas, portanto, expressam o imaginário da autora, de como seriam ou poderiam ser os personagens do seu folhetim.

**Figura 4.5** – Webnovela “*Rented Boyfriend*” - 2ª temporada - Marcelo, o protagonista



**PERSONAGENS:**

😊 % Affana 😊

Gostou? ▾ 2 🗨 Citar

---

Writer of Dreams 🌟 - 10/08/2013



Marcelo Junior – Agora com 26 anos. Marcelo ficou desamparado após o sumiço do corpo de sua namorada, mas ele tem si o objetivo de procurar ela e acredita que irá encontra-la ainda viva. Ele agora trabalha e mora com Stefan, que ficou com a guarda de Bruno. Eles passam a maior parte do tempo viajando. Quando ele está livre passa um tempo com seu pai biológico e com seu irmão Leonardo. Não namorou depois de Lorryne, e nem pretende namorar.

❤️ % Affana ❤️

Gostou? ▾ 4 🗨 Citar

bruna

Fonte: Orkut (2014)

**Figura 4.6** – Webnovela “*Rented Boyfriend*” – 2ª temporada vídeo apresentação



Fonte: Orkut (2014)

A 2ª. temporada da “*Rented Boyfriend*” foi acompanhada por 87 perfis *fake* que responderam por *up's*, interagindo com a autora ou clicando no botão “gostar”. Acompanhamos que a expectativa das leitoras, quanto à história, fica evidenciada nos comentários postados. A autora, a princípio posta a sinopse, a imagem dos personagens amadurecidos e até um vídeo editado com o enredo da história, que estão apresentados, respectivamente, nas **Figuras 4.4, 4.5 e 4.6.**

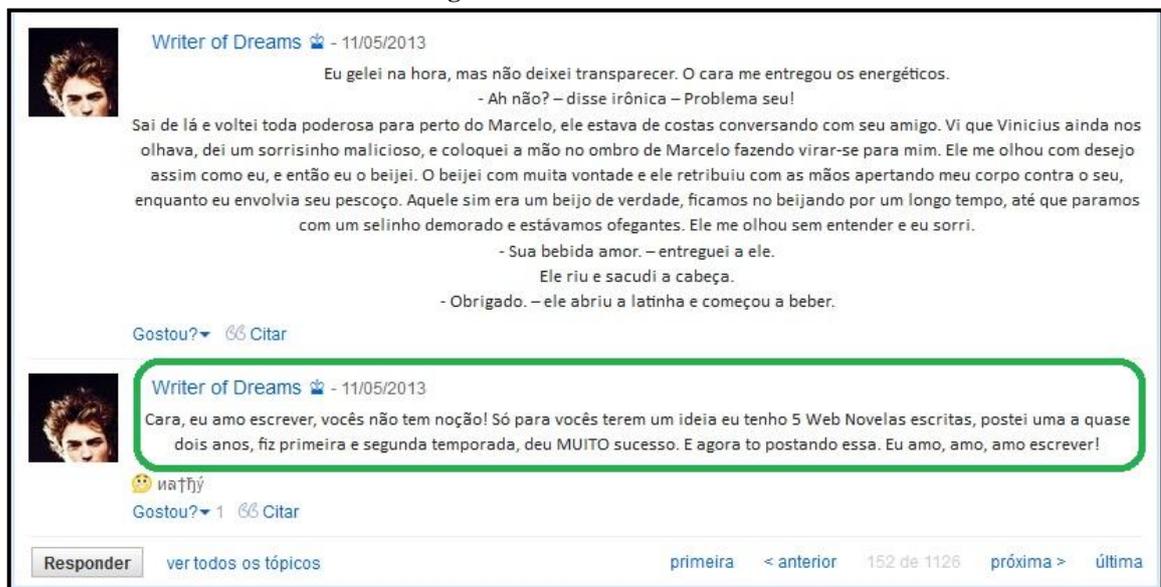
#### 4.4.1 Identificando as ideias-chave: as cinco catalogações

Organizamos os dados coletados da observação da webnovela em cinco “ideias-chave”, as quais nos auxiliaram na compreensão do conteúdo das interações observadas entre os entrevistados. Sobretudo, porque os procedimentos de observação e descrição, bem como o levantamento de dados ajuda no mapeamento da análise até o ponto em que se quereria chegar, isto é, em como se interpreta os símbolos na interação mediada pelo computador, nessa comunidade virtual.

#### 4.4.1.1 Da escritora para as leitoras: as pausas e ausências

Um ponto observado são as pausas, durante a postagem da história, promovidas pela autora (ver **Figura 4.7**).

**Figura 4.7** – Pausa da autora



Fonte: Orkut (2014)

Durante a postagem, *Writer of Dreams*, interrompe abruptamente para confidenciar que “ama escrever” e que isso se traduziu na produção de cinco webnovelas de sucesso, tal como a atual. O que nesta pesquisa chamamos de pausa, evidencia o prévio diálogo entre o membro-escritor e os membros-leitores, que aparecem, identificam-se e interagem, como “audiência visível.” (RECUERO, 2012).

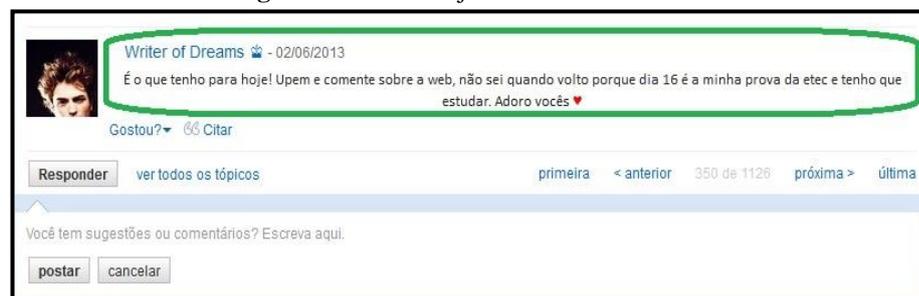
Outro momento que merece especial atenção, refere-se ao paradoxo nesse processo de postagens. De um lado: satisfações e excesso de atenção às suas leitoras (tais como, na impossibilidade de postagem, enviar a continuação da história, por e-mail, e pedir para uma prima ou amigas “fifas” – amigas na ambiência física – de sua confiança, postarem por ela); por outro lado, oposto a esse, torna-se comum a ausência repentina dela. O último período em que a autora precisou se ausentar, nessa webnovela, ocorreu na 2ª temporada, entre 15 e 29 de janeiro de 2014. Ao retornar às postagens *Writer* alegou que nem ela, nem sua amiga, nem sua prima estavam conseguindo acessar o Orkut.

Outro fato curioso, nesse aspecto de ausência e pausas, deu-se no último mês de agosto. *Writer* havia ficado sem postar e passou alguns dias sem dar notícia. Retorna

informando que no dia 27 do mês de agosto houve o desabamento de um prédio no bairro em que mora - de fato, havia desabado um prédio em São Paulo, no bairro de São Mateus. *Writer* não estava no momento da queda, mas declarou que o “clima” não estava favorável para postagens.

A **Figura 4.8**, logo abaixo, apresenta a fala da autora, quando finaliza a postagem dos capítulos do dia, ocorrida em 02 de junho de 2013 e a autora informa não saber quando voltaria, pois teria uma prova no dia 16 do mesmo mês e precisaria estudar.

**Figura 4.8** – Autora justificando a ausência



Fonte: Orkut (2014)

Outro fator relativo à interrupção acontece até pela própria estrutura de conversação mediada, pois, o membro-escritor, além de estar escrevendo e/ou postando suas histórias, detém-se em outras atividades, tanto no computador quanto fora dele. Vejamos o exemplo na **Figura 4.9**.

**Figura 4.9** – Membro-escritor “multimeios”



Fonte: Orkut (2014)

Observamos que *Writer of Dreamns* realiza múltiplas atividades simultaneamente. Através desse post, percebe-se que está digitando, postando as histórias, fazendo a lição da escola e cuidando do seu irmão mais novo. A leitora nomeada como Julieta Ballardí Kawazzi então lhe dá conselhos: “bota (sic) teu irmão para dormir, tá na hora de criança estar na cama. tvd: não tá na hora de vê kk ta na hora de postar então grava e vê depois, se não der, esquece, sempre repetem depois. quando (sic) a lição de casa, tu pode pegar emprestado antes da aula. Problemas resolvidos! kk podemos voltar aos posts”?

#### 4.4.1.2 Das leitoras para a escritora: pausas e ausências

Observamos na interação captada na **Figura 4.10** que há um dialogo entre a escritora *Writer of Dreams* e uma leitora, Lolinha Biasi, apresentado fora de ordem, pelo menos no que se refere ao momento da postagem da história e à temática do *post*. Entendemos, então, que se trata de uma pausa que compõe a própria dinâmica do *site*. Porque um leitor além de ler a webnovela, acessa outros *sites*, simultaneamente e, observamos esse processo inerente ao ambiente dos perfis eletrônicos.

**Figura 4.10** – Pausa da leitora



Fonte: Orkut (2014)

Como exemplo, analisamos o perfil *fake* Lolinha Biasi quando comenta “Ai, como eu queria a Demi aqui no Rio :(”. Nesta fala a leitora expressa que gostaria que a atriz norte-americana Demi Moore, em viagem ao Brasil, tivesse ido ao Rio de Janeiro, provavelmente, cidade onde mora. E a partir daí inicia um diálogo com a escritora, durante a postagem.

Para observação dessa pausa, sob uma ótica mais ampla, temos um indivíduo que assiste a um programa televisivo, tal como um clássico futebolístico, por exemplo, e que acessa o seu SRS para tecer comentários e compartilhar informações com os amigos e essa rede social, que também estão *on-line*. Lances polêmicos, fofocas de bastidores inerentes ao jogo fazem parte do assunto. Esse tipo de conversação vem se tornando comum, principalmente, entre usuários de *sites* de redes sociais que acompanham esses programas televisivos, conectados com seus amigos. Assim, entendemos que as pausas nas conversações como efeito das interações entre as leitoras na webnovela analisada fazem parte de uma conversação maior, que é a comunidade virtual “Web novelas *fake*.” Sobre esse processo veremos mais adiante.

Na **Figura 4.11** observamos que escritoras de outras webnovelas fizeram suas divulgações nas postagens “mais populares” ou nas que detinham um grande número de “respostas” - equivalentes ao *plug in* “comentar” do Facebook - ou *up's*. Assim, outra observação propõe o Orkut como uma grande conversação, composta de pausas. Portanto, essas respostas se tornam moeda de troca entre as leitoras e a autora, objetivando a continuidade da postagem da história. Sobre isso, discutiremos no próximo tópico.

**Figura 4.11** – Pausa de outras escritoras



Danielle Castelman - 19/10/2013  
Gostou? Citar

Regina Mills † - 19/10/2013

**Just Believe**

... that my love for you is true. We were made for each other. And that after any storm comes the rainbow.

**Sinopse:** após sofrer um acidente de carro, no qual seu irmão mais velho morre tentando salvar a sua vida, Juliana é acusada há 8 terríveis meses e prisão por homicídio culposo, quando não há intenção de matar. Quando sai, sua vida se torna um grande inferno: seu pai não quer mais saber dela como filha. Sua mãe, apesar de ainda amá-la muito, sente-se magoada por perder seu filho predileto e não deixa que Juliana ver sua irmã mais nova, Jéssica, ao qual apelida carinhosamente como Jess, uma garotinha de nove anos que diz ver o seu irmão morto com frequência. Na maioria das vezes, mandando recados para Juliana. Mas, mesmo diante de toda dificuldade que ela passa a enfrentar, uma luz no fim do túnel, chamada Daniel, aparece. Ele é um jovem carinhoso, que perdeu a mãe e a irmã aos 5 anos de idade. Foi mandando ao internato, mas logo foi adotado por uma família muito rica. Quando finalmente descobre suas origens, a convivência com seus "pais" se torna quase impossível.

Medo, angústia, mistérios e muita paixão passam a fazer parte da vida desses jovens de 20 anos que se fundem em um só sentimento: O **desespero**.

**Link:** <http://www.orkut.com.br/Main#CommMgs?cmm=7712203&tid=5935304599410015237&na=1&npr=1&nid=>

**Obs: desculpa a divulgação. Qualquer coisa retribui ou pede que apago :D**

Gostou? Citar

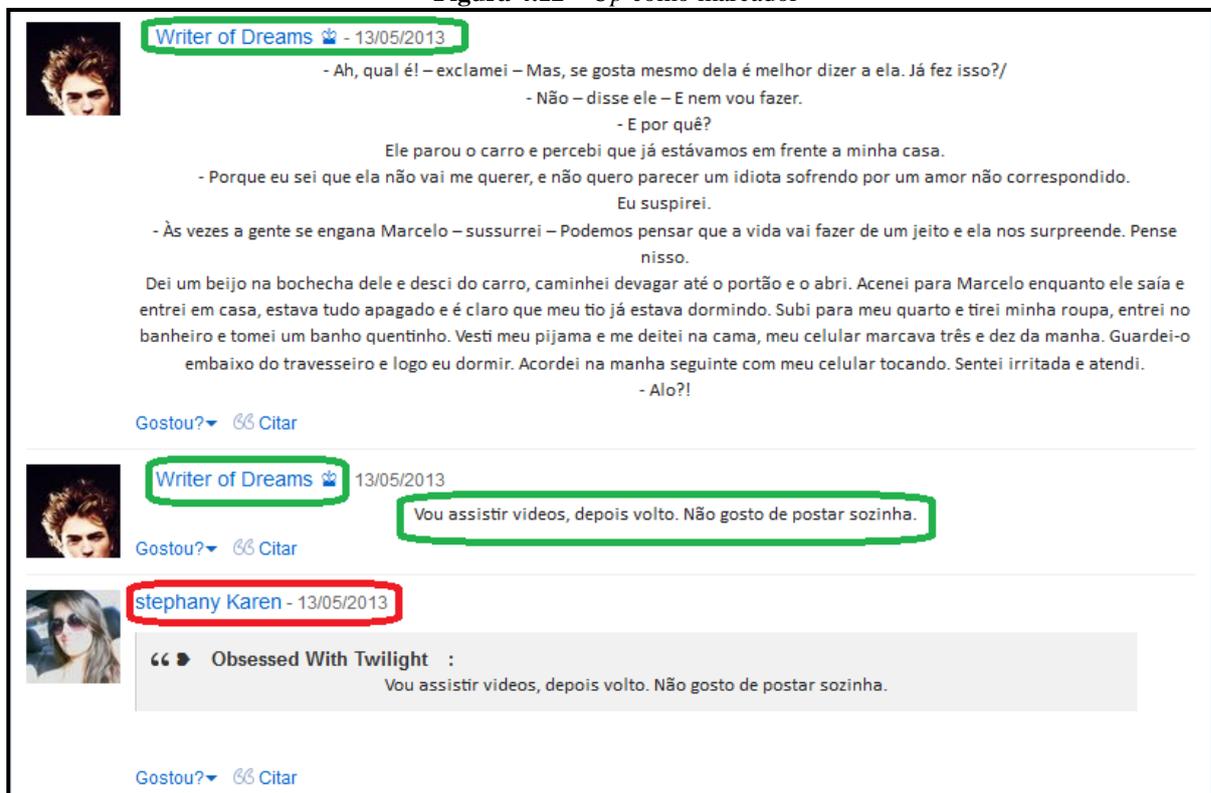
Fonte: Orkut (2014)

#### 4.4.1.3 Up's, capitalizando a interação

Outro símbolo que marca a conversação são os *up's* espécies de “sinalizadores”, que quantificam a audiência visível<sup>83</sup>.

Observamos que a autora da webnovela “*Rented Boyfriend*”, por diversas vezes, pausa ou finaliza a postagem porque estaria “postando sozinha”. No exemplo que segue, *Writer of Dreamns* publicou parte da história e, então avisou “vou assistir vídeos, depois volto. Não gosto de postar sozinha.” E, então, a audiência passa a ficar visível, marca<sup>84</sup> a fala da autora ou *upa*. Deprendemos, assim, um estímulo recíproco. Vejamos o exemplo da **Figura 4.12**.

**Figura 4.12** – *Up* como marcador



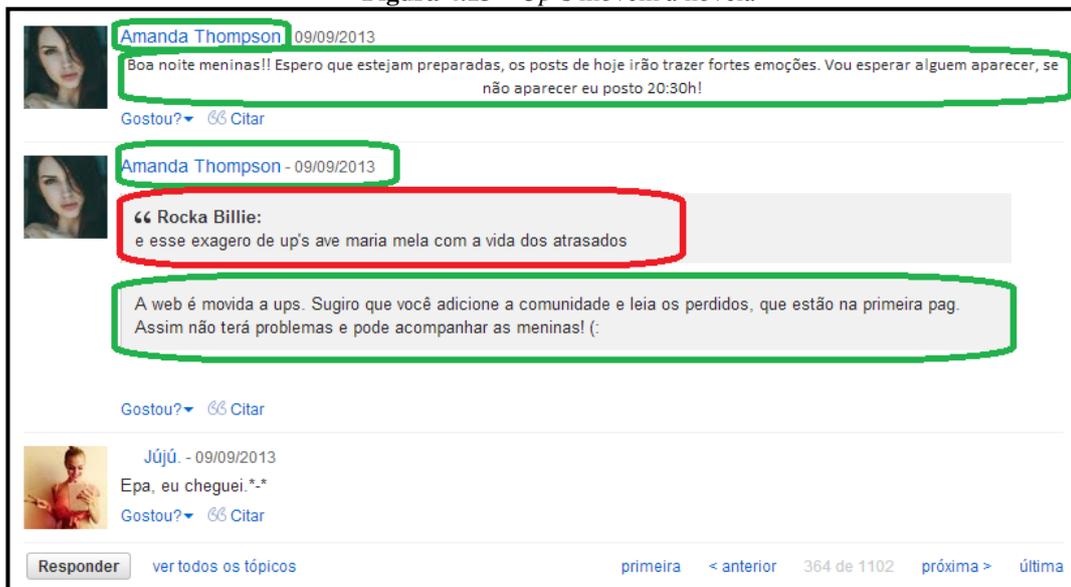
Fonte: Orkut (2014)

*Up*ar é um neologismo surgido nas conversações, no próprio Orkut e indica o gosto positivo da audiência pela história, “capitaliza” a novela (quando há muitos *up's* ocorre uma “promoção” para os primeiros lugares do fórum) e ainda, incentiva o autor a continuar, como exemplo da **Figura 4.13**.

<sup>83</sup> Audiência visível porque os perfis *fake* “aparecem” durante a interação (RECUERO, 2012).

<sup>84</sup> O recurso de “marcar” utiliza a mesma “resposta”, ou o comentário, do destinatário para respondê-lo.

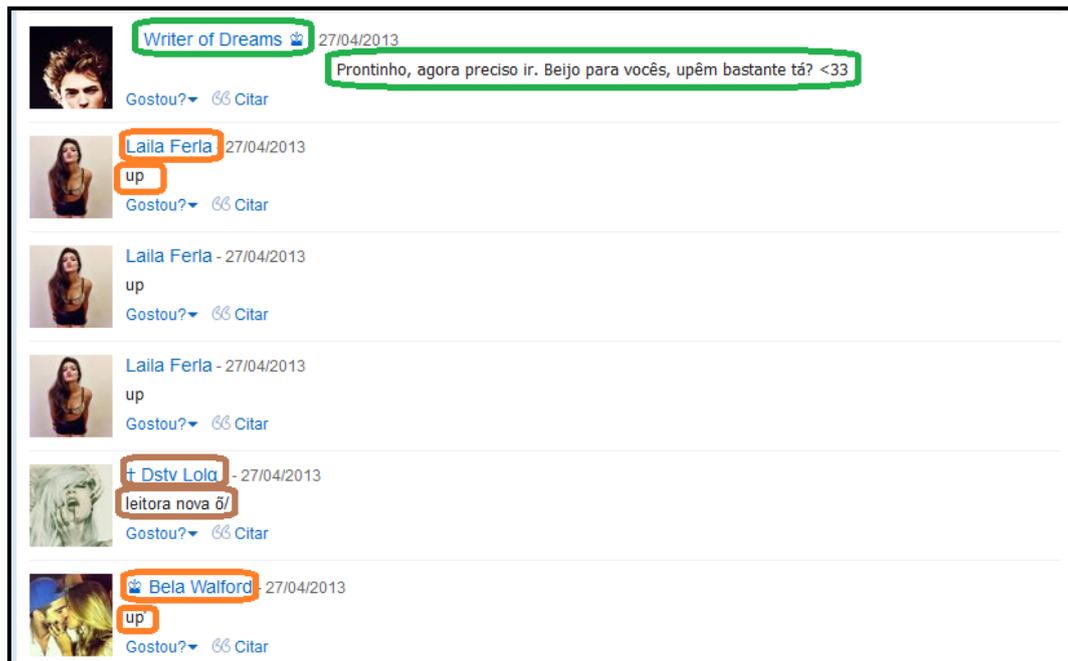
**Figura 4.13 – Up’s movem a novela**



Fonte: Orkut (2014)

Na dinâmica das interações do Orkut, algumas marcações são efeito e causa. Como a de alguns membros-escritores que se incentivam pela postagem de *up`s*. Não obstante, alguns membros-leitores, uma vez identificado seu gosto pela novela *upam* ou “se tornam visíveis” identificando-se como “leitoras novas”, como exemplo da **Figura 4.14**.

**Figura 4.14 – Leitora nova postando**



Fonte: Orkut (2014)

#### 4.4.1.4 Das características próprias dessas interações

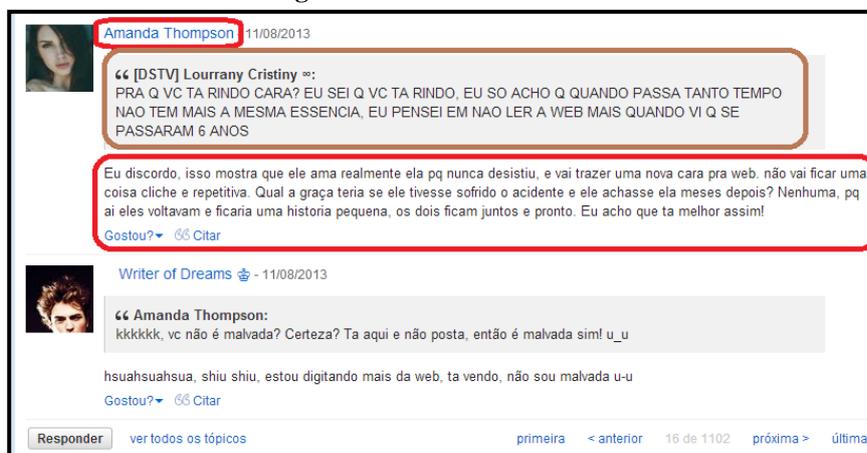
As leitoras interpretam a interação na “Web novelas *fake*” pela reorganização do tempo e do espaço (THOMPSON, 1998). Isto é, não diferindo dos demais SRS’s, o recurso tecnológico da interação em tempo real entre perfis distintos, favorece as trocas postando de localidades diferentes, num mesmo ambiente de leitura.

Assim sendo, as leitoras da webnovela elogiam, em grupo, a autora, bem como trocam confidências entre si, durante a postagem da história e, ainda tecem comentários. Nas **Figuras 4.15** e **4.16** respectivamente, as leitoras, em situações distintas de interação na comunidade, expõem sua opção sobre a sinopse da história, discordando do comentário anteriormente postado. Inclusive demonstram chateação com a autora pelo andamento que deu à história, na segunda temporada.

Na próxima Figura, uma leitora, Alícia Moondray, comenta que “[...] às vezes da vontade de viver essa vida fake hahaha afff”. A partir dessa fala evidenciamos que a ficção é ulterior ao cotidiano; na qual / em que, como afirma Maffesoli (2010) cada um para existir conta uma história. Essa fala de Mondray expressa essa proposição e nos reporta a frágil construção do eu.

Assim, no aspecto da ambiência virtual da comunidade observada, a pessoa<sup>85</sup> exprime uma vontade que esconde outra forma de viver. Perpassaria a esquizofrenia que se expressa no rompimento com a realidade, contudo por outra abordagem: pelo aspecto de viver em uma harmonia entre a “vida real” e a vida anônima, voltada para escrita e leitura de histórias ficcionais, desses perfis *fake*. Assim, para Mondray é natural querer viver como um *fake*.

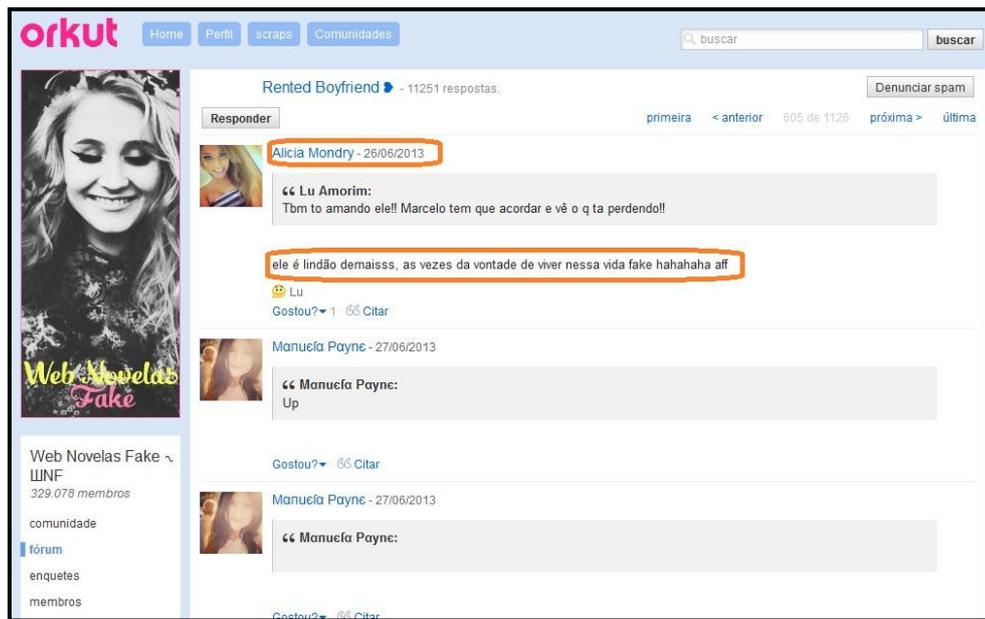
**Figura 4.15 – Leitoras discordando**



Fonte: Orkut (2014)

<sup>85</sup> Para Maffesoli (2010) a pessoa opõe-se ao indivíduo; aquele “pertence a um conjunto mais vasto”, na dimensão da *persona* e esse, seria da ordem do particular, do ser homogêneo.

Figura 4.16 – Leitora em interação



Fonte: Orkut (2014)

#### 4.4.1.5 Interações mediadas na comunidade virtual: grupos e conversações

Entendemos a comunidade virtual “Web novelas *fake*” como uma grande conversação dentro de uma conversação maior, o Orkut. Com efeito, a estrutura de um *site* de rede social, de um modo geral é organizada por atores e conexões, conforme afirma Recuero (2012), por prescrições técnicas e sociais, que através dessas apontaria modelos de conversação. No entanto no enfoque do Orkut, especificamente oportuna aos grupos, transitar membros, com interesses diferentes, na maioria dos participantes dos fóruns. Já no aspecto macro é compreendida como um modelo cíclico onde os perfis *fake* estariam dispostos dentro das webnovelas (que são os fóruns) que por sua vez, pertencem à “Web novelas *fake*” (a comunidade virtual), e essa pertence ao Orkut, que se estabelece como mais um *site* de rede social organizado por redes sociais. É nesse sentido que entendemos este “formato” de conversação.

##### 4.4.1.5.1 Conhecendo os grupos

Os grupos agregados à comunidade “Web novelas *fake*” são de perfis *fake*, embora com diferentes abordagens. Encontramos agrupamentos denominados: “Agência de Amizade Fake {AAF}”, “Avatares Barbie”. Observamos, também que, quando o autor e os leitores não pausam, propositadamente, o processo de postagem de suas histórias favorece isso, devido a

própria estrutura da comunidade. E, talvez, pela própria estrutura deste SRS, o entendamos como rede aberta, uma vez que funciona nos moldes do indivíduo criar as comunidades e essas poderem agregar grupos, segundo Recuero (2009).

#### 4.4.1.5.2 Interações como conversações

Outra observação é quanto às interações serem observadas como conversações, a partir do conceito de conversação em rede, de Raquel Recuero (2012). Antes de mais, a conversa é uma prática de linguagem, genuinamente, cotidiana (RECUERO, 2012 p. 9). Conversar é se relacionar com o contexto imediato. A conversação faz parte da interação e é o gênero mais básico da interação humana (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974 *apud* RECUERO, 2012).

Deste modo, a conversação clássica oral ocorre, usualmente, num mesmo ambiente. Para nos auxiliar na compreensão da conversação, tomamos emprestado da Arquitetura o entendimento do espaço físico e do ambiente. Observamos, por exemplo, que o espaço da casa é um só, mas os ambientes podem ser diversos, a exemplo dos quartos, sala, cozinha. Nesse espaço físico a conversa, também, pode acontecer em ambientes diferentes, mas com uma maior incidência de obstáculos e ruídos, tais como: as paredes ou a distância entre um ambiente e outro, respectivamente.

Contudo, com as novas tecnologias as conversações acontecem, porém, podem se estender (RECUERO, 2012) pelo tempo que os perfis desejarem. Neste ambiente, uma conversa pode se alongar, tal como no *e-mail* e, ser retomada, tal como nos comentários aos *posts* do Facebook ou serem, predominantemente, instantâneos como em *chats*, MSN, “bate-papo” do Facebook ou Whatsapp, cujas características são as respostas instantâneas.

Entendemos, ainda, que a interação numa comunidade virtual possa acontecer além da copresença física. A compreensão desse tipo de conversação, sem o outro estar presente fisicamente, *a priori*, pode ser complexo, no entanto no ambiente digital o tempo e o espaço estariam reorganizados, isto é, seguindo outra lógica.

Em suma, a conversação clássica oral, apropriada pelas tecnologias digitais, ganhou novos contornos em *bits* e *bytes*. Nessa, o momento é ressignificado como acontecimento; os atos de fala são observados como atos de troca, frutos da hibridização da linguagem oral e escrita (RECUERO, 2012). A mediação pelo computador está na ordem da proximidade física e do contexto do imediato, construído e negociado entre os atores, acontecendo no mesmo momento, passando da mediação construída e adaptada para ser estendida pelo tempo

desejado pelos atores. Os atores físicos passam a ser representados e se tornam perfis eletrônicos anônimos ou não anônimos. Assim, as trocas são observadas ao invés das falas.

A partir dessa estrutura social proporcionada pelo Orkut, podemos entender essa dinâmica das interações, que compreendemos por conversas dentro de uma grande conversa? Como uma grande conversa dentro de uma conversa maior. Com efeito, observamos que as leitoras são a alma e o incentivo à postagem das webnovelas, gerando as conversações. Além disso, a audiência quando interage, torna-se um diferencial na dinâmica de postagem das histórias e de todo o processo envolvido nessa comunicação. Assim, utilizamos a análise do micro (os perfis *fake* dos leitores e escritores) para entender o macro - o Orkut - como a grande rede de conversação.

## 5 CONCLUSÕES

Havia uma inquietação. Ponderávamos sobre a compreensão do impacto das relações mediadas pelo computador na sociedade; questionávamos até que ponto essas relações influenciavam a vida social cotidiana. Assim, tínhamos uma missão: compreender o cotidiano através das interações virtuais. Com efeito, a vida cotidiana abraçou essa mediação, não apenas pelo veio do trabalho na modernidade, cujo contexto do maquínico esteve sempre presente. Essa vida mediada pelo computador, adequou-se ao cotidiano de milhões de pessoas ao redor do planeta.

A geração dos nossos avós que não conviveram com essa inovação, hoje, consultam o computador, mesmo que com o auxílio de terceiros, para ou buscar informações ou apenas digitar um simples texto. Faz-se necessário. Não obstante, a telemática doméstica vem superando também a barreira econômica; não apenas ricos têm acesso à internet. As classes C, D e E estão adquirindo computadores com internet e acessando a rede do interior de suas residências.

Todavia, as gerações mais jovens, que cresceram concomitantes à popularização dessas máquinas têm uma convivência naturalizada com esses dispositivos, e esses já fazem parte do seu cotidiano. É comum ouvirmos adolescentes dizerem que não conseguiriam viver sem um computador com internet. Entendemos que essa maneira de viver expressa uma cotidianidade já que os jovens aprenderam a “se virar” e se relacionar e trocar informações a qualquer hora e em qualquer lugar, devido a possibilidade de conectar pessoas em qualquer lugar do mundo superando o espaço e a distância físicos, em tempo real.

E é assim que observamos as interações entre *personas* mediadas pelo computador numa comunidade virtual do Orkut, a “Web novelas *fake*”. Trata-se de um agrupamento de perfis que gostam de escrever e que através desse podem postar e compartilhar seus escritos. No entanto, como a pessoa não precisa ser identificada, isso faz dela um perfil *fake*.

Observamos o emergir dos recursos linguísticos do pseudônimo e heterônimo nessa comunidade, que auxiliam a compreender esse perfil anônimo. Assim, um membro pode ser um *fake* e interagir, trocar informações, ajudar-se e confidenciar situações particulares. Para tanto, trouxemos as irmãs Brönte, inglesas no século XIX e seu pseudônimo masculino, os irmãos Bell. Essas amavam escrever mas, por serem mulheres, não podiam exercer esse ofício à época, então criaram esse *persona*. Seus leitores se encantavam pelos Bell, contudo, com o

passar do tempo essas acabaram se revelando e, seus fãs descobrindo que eram mulheres. Esse recurso é possibilitado pelo pseudonimato, em suas várias formas de usar máscara.

Não obstante, o pseudonimato prevê a revelação do indivíduo sob a máscara; o anonimato não. No entanto, no contexto da “Web novelas *fake*” há uma coexistência entre o anonimato e o pseudonimato; quando os seus membros, por exemplo, durante as conversas, revelam assuntos pessoais, muitas vezes até os seus nomes.

Assim, entendemos os perfis *fake*, como uma releitura do binômio verdadeiro e falso no contemporâneo. Essas representações subjetivas anônimas se expressam pelo viés da “astúcia” (MAFFESOLI, 2012) do viver social apreendida pelo cotidiano e o modo de conviver na pós-modernidade. Com efeito, esses perfis são, antes de tudo, indivíduos verdadeiros – com perdão do trocadilho. Haja vista, esses dialogam na “Web novelas *fake*” não por serem *fake*, mas como perfis *fake*.

Notadamente, pela sociedade ocidental perpassa uma cultura *fake*, desde as máscaras usadas em bailes pelas damas de Veneza, os personagens reais, tais como os *Black block's* até os fictícios, como o *Anonymous*. Símbolos, mitos, comportamentos sociais já foram construídos e legitimados através de nossa cultura do obscuro. Notadamente, essa foi apropriada pelo computador e ressignificou indivíduos em *personas*. Essa teatralidade sugerida por Goffman, ressignificou-se em interações e conversas no ambiente digital.

Assim, as práticas de perfis escritores anônimos interagindo foram apropriadas pelo digital e através das webnovelas *fake* são expressos esses diálogos, uma vez que pertencem a um *site* de rede social voltado para os agrupamentos em efervescência, nômades e provisórios explicados pelo ethos da socialidade (MAFFESOLI), o pelo “estar-junto”, sendo a comunicação a principal “cola” desses processos pós-modernos.

Por isso, propomo-nos a estudar a comunidade “Web novelas *fake*” lançando um olhar sobre as interações entre seus membros, bem como investigamos o porquê desses serem perfis *fake*. Essa “Web novelas *fake*” que possui mais de 300 mil membros e está no “ar” desde 2006, hospeda-se no *site* de rede social Orkut e funciona a base de fóruns, respostas/*up's* e comentários. Seus membros, em sua maioria, são perfis *fake*. Com efeito, entrevistamos cinco perfis pela abordagem da entrevista em profundidade, com um questionário semiestruturado contendo dez questões subjetivas, no sentido de levar esses perfis se expressassem livremente.

Através da observação não participante na segunda etapa da análise observamos as interações numa webnovela que foi escolhida a partir dos cinco membros-escritores entrevistados. Consideramos a que estava em andamento e a que obteve mais de cinco mil postagens – inclusive esses eram pré-requisitos para que a webnarrativa fosse analisada – e o

recorte foi feito na “*Rented Boyfriend*” cuja trama gira em torno do amor entre dois jovens. A partir dos cinco perfis observamos que a audiência visível era composta em sua totalidade de meninas, entre 13 e 20 anos que gostam de ler ou escrever histórias.

Portanto, as relações virtuais vêm sendo legitimadas pela sociedade, sobretudo nas interações sociais através do ambiente virtual. Para esses indivíduos, jovens da comunidade virtual “Web novelas *fake*”, há uma necessidade de se estar seguro sob a máscara. Esse “papel do duplo” ao qual Maffesoli (2010) se refere, abarca essa possibilidade de coexistência entre o “eu” e o que “eu gostaria de ser”. Isto é, sob o Orkut circulam as *personas fake* em suas conversações expressas na comunidade “Web novelas *fake*”. Essas reproduzem essas interações, sob uma nova abordagem. Entendemos portanto que o perfil *fake* perpassa um paralelo entre o cotidiano e a comunicação (MAFFESOLI, 2010) e que suas trocas interpessoais e intrassociais transformam nesse contexto o indivíduo e suas particularidades em *personas* em seus agrupamentos.

Com efeito, Pierry Lévy (1997) faz uma crítica sobre a semântica do impacto social orquestrado pelas tecnologias, e questiona através da “metáfora da balística” se a sociedade seria, apenas, uma espécie de alvo da “bala”, chamada tecnologia. Lévy, aponta que, pelo contrário, essas tecnologias não são externas, tampouco podem ser compreendidas separadamente da sociedade, tendo em vista serem intrínsecas a essa. Não obstante, compreendemos a partir dessa proposição de Lévy, que nas relações simples do cotidiano, na rotina da vida social a comunicação e as novas tecnologias seriam interlocutoras de fenômenos sociotécnicos irreversíveis, tais como a conversação mediada pelo computador.

Como exemplo, há 15 anos quando cursei minha graduação, agendávamos grupos de estudo para a prova, ou para organização de seminários e, ficávamos limitados ao espaço físico, já que eram encontros presenciais. Não obstante a telemática estar em ebulição na década de 90, era dispendioso seu uso residencial e, por isso essa era distribuída institucionalmente. Desse modo, acessávamos a internet de dentro dos laboratórios de informática da Universidade, e, com hora marcada. Com efeito, a organização do tempo do usuário em frente ao ecrã era destinada parte para a impressão de trabalhos, para algumas consultas no buscador “Cadê” e para tentar bater papo no *ICQ* (*software* pioneiro no mundo em comunicação instantânea), arriscando as primeiras experiências de conversação mediada.

Hoje, podemos organizar grupos de estudos, em qualquer local do planeta, através de softwares gratuitos, tal como o Skype<sup>86</sup>, que pode ser instalado em *lap tops* ou dispositivos móveis, tais como tablets e *smartphones* para conversar através da escrita e webcam.

Portanto, é perceptível uma ampliação do espaço geográfico, que gera aproximação e velocidade na transmissão das informações, que interferem no simples da vida social: a forma e o contexto da conversação. Assim, essas podem ser compreendidas através da microsociologia de Erving Goffman (1985), quando se analisa os símbolos interacionais, observados na análise.

Por isso, sugerimos caminhos visando contribuir para o estudo da comunicação na interdisciplinaridade com a sociologia a partir da investigação do fenômeno das interações mediadas pelo computador. A ideia reflexiva a partir da observação do emprego das teorias e da análise do material empírico ganha significado e corpo e lança um olhar sobre a interação entre perfis anônimos como uma nova abordagem conversacional cujo *fake* fala, constrói narrativas, estimula diálogos e promove conversações.

Esse anônimo conversa sob a máscara e essa, revela a *persona* protegendo o indivíduo. Escapismos, fuga da realidade ou necessidade de chamar atenção? Entendemos que, pelo contrário, os jovens que pertencem a esse agrupamento buscam uma válvula de escape para criar e interagir; para viverem.

---

<sup>86</sup> <http://www.skype.com/pt-br/what-is-skype/>

## REFERÊNCIAS

- AGRELA, Lucas. Orkut completa 10 anos com seis milhões de brasileiros ainda ativos. **Exame info**, São Paulo, jan. 2014. Tecnologia pessoal. Disponível em: <<http://migre.me/i4c2S>>. Acesso em: 04 fev. 2014.
- ALBERGARIA, Danilo. A internet e a cultura escrita. **Comciência**, Campinas, 2009. Reportagem. Disponível em: <<http://migre.me/i4sNu>>. Acesso em: 01 fev. 2014.
- BAEZA, Pepe. **Por una función crítica de la fotografía de prensa**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- ANONYMOUS Brasilcom. Por que os anônimos usam máscaras? Disponível em <<http://migre.me/i4dxa>>. Acesso em: 05 fev. 2014.
- BALDASSO, Vagner. As fotonovelas: uma história de ascensão e queda. *As Fotonovelas: uma paixão*, 2010. Disponível em: <<http://migre.me/dhsbr>> Acesso em: 09 fev. 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, E. P. Maffesoli e a “investigação do sentido” – das identidades às identificações. **Ciências Sociais Unisinos**, n. 03, set/dez. 2008. Disponível em: <<http://migre.me/i4xtq>>. Acesso em: 27 jan. 2014.
- BÍBLIA de promessas. **Bíblia Sagrada**, versão Revista e Corrigida na grafia simplificada, da tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: King`s Cross Publicações, 2006.
- BOVAYUVA, Izabela. Parmênides e Heráclito: diferença e sintonia. **Kriterion: Revista de Filosofia**, n. 122, jul/dez. 2010. Disponível em: <<http://migre.me/i4xsf>>. Acesso em: 02 fev. 2014.
- CAVALCANTE, M. I. Do romance folhetinesco às telenovelas. **Revista OPSIS – Revista do NIECS**, Catalão, Goiás, semestral, vol.5, n. 01, 2005. Disponível em: <<http://migre.me/dhsn7>>. Acesso em: 10 fev. 2013.
- CHAVES, G. R. G. **A radionovela no Brasil: um estudo de Odette Machado Alamy (1913-1999)**. 2007. Dissertação (Mestre em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Belo Horizonte, MG, 2007. Disponível em: <<http://migre.me/dixIU>>. Acesso em: 10 fev. 2013.
- COELHO, Fábio. "Crescimento do *Facebook* não nos assusta", diz presidente da *Google* no Brasil. [06 maio 2011]. **Entrevistador**: Renato Rodrigues. Entrevista concedida ao IDGNow. Disponível em: <<http://migre.me/a6uGp>>. Acesso em: 05 mar. 2013.
- CONSULTAS e artigos com a palavra máscara. **Origem da palavra – site de etimologia**. Disponível em: <<http://migre.me/i4kDD>>. Acesso em: 01 fev. 2014.
- COSTA, Rogério da. **A cultura digital**. São Paulo: Publifolha, 2008.

- COTRIM, Erika. Comunidades Fakes do Orkut: uma análise folkcomunicação. In: XII CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO, 2009, Taubaté. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Umesp, 2009. Disponível em: <<http://migre.me/fEgd0>> Acesso em: set 2010.
- COUTO, E. S.; ROCHA, T. B. **A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais** (Org.). Salvador: EDUFBA, 2010.
- DARAIA, Vanessa. Em pegadinha, artigo falso é publicado em 157 revistas. **Exame info**, São Paulo, out. 2013. Ciência. Disponível em: <<http://migre.me/i4dH0>>. Acesso em: 27 jan. 2014.
- DELEUZE, Gilles. Controle e Devir. In: **Conversações (1972 – 1990)**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992
- DINIZ, J. A. Navio negreiro. **A recriação dos gêneros eletrônicos analógico-digitais: radionovela, telenovela e webnovela**, 2009. Disponível em: <<http://migre.me/i4Tqp>>. Acesso em: 31 jan. 2014.
- EFE. China finge reflorestamento com tinta verde. **G1**, Rio de Janeiro, fev. 2007. Ambiente. Disponível em: <<http://migre.me/i4dUv>>. Acesso em: 27 jan. 2014.
- FEATHERSTONE, Mike. **O Desmanche da Cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: Livros Studio Nobel Ltda., 1997.
- FERREIRA, G.M et.al. (Org.). **Teorias da comunicação: trajetórias investigativas**. Porto Alegre: EdPUCRS, 2010. Disponível em: <<http://migre.me/i4Ezk>>. Acesso em: 25 jan. 2014.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2012.
- FRISCH, Brianna; PEIRANO; D. J.; ROGAWAY, Phillip. **Mask of Technology: How the Perceived Anonymity of Technology Affects Ethical Decisions**. UC Davis Computer science. 2011. Disponível em: <<http://migre.me/dhsLG>>. Acesso em: 02 jan. 2013.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 1985.
- GOL linhas aéreas inteligentes. Gal: Olá, eu sou Gal. Qual a sua dúvida? Disponível em <<http://migre.me/fErYV>>. Acesso em: jul. 2013.
- GOMES, M. S. Orkut, a identidade virtual: Um estudo do fenômeno comunicacional no cotidiano. **Revista Eletrônica Temática**: Paraíba, ano 4, nº. 11, nov. 2008. Disponível em: <<http://migre.me/dhti4>>. Acesso em: 18 jan. 2013.
- HARVEY, David; MARICATO, Ermínia; ŽIŽEK, Slavoj; DAVIS, Mike. et. al.. **Cidades rebeldes**. Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, Carta treze, 2013.

INTERFACE In. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [online], 2008-2013. Disponível em: <<http://migre.me/i4e82>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

JÚLIO, B. G. O. Identidade e interação social em comunicação mediada por computador. **BOCC - Biblioteca on-line de ciências da comunicação**, Lisboa, 2005. Disponível em: <<http://migre.me/fu7Pk>>. Acesso em: 14 jul. 2013.

KERCKHOVE, Derrick de. **A pele da cultura**. São Paulo: Annablume, 2009.

LEMOS, André; CUNHA; Paulo. (Org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEMOS, André, **Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Porto Alegre, Sulina, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1999.

\_\_\_\_\_. O inexistente impacto da tecnologia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 ago. 1997. +Mais! Disponível em: <<http://migre.me/mcvYc>>. Acesso em: out. 2014.

LIBERTE-SE do sistema. Youtube. Mensagem enviada e postada em 30 jul. 2012 sem hora. Disponível em: <<http://migre.me/i4auL>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

LITTLEJOHN, S. W. **Fundamentos teóricos da comunicação humana**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

LYOTARD, J. F. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1988.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

\_\_\_\_\_. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998b.

\_\_\_\_\_. **A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. São Paulo: Zouk, 2ª ed., 2005.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. **O mistério da conjunção**. Ensaios sobre a comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MATTELARD, Armand. **A globalização da comunicação**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

MAUGH II, T. H. **DNA testing ends mystery surrounding Czar Nicholas II children.** Los angeles times, Los Angeles, mar. 2009. Mysteries. Disponível em: <<http://migre.me/i4cTN>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

MIRA, M. C. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. **Cad. Pagu**, Campinas, n.21, 2003. Disponível em: <<http://migre.me/dhsOy>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

MONTEIRO, Patrícia. **Dos contornos do corpo às formas do eu: a construção de subjetividades femininas na revista “Sou + eu!”**. 2010. Dissertação (Comunicação e Culturas midiáticas) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas, João Pessoa, PB, 2010. Disponível em: <<http://migre.me/i4xGv>>. Acesso em: 02 fev. 2014.

MORVILLE, Peter; ROSENFELD, Louis. **Information Architecture for the world wide web.** 2 ed. Sebastopol: O'Reilly Media, Inc., 2006.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário ilustrado da língua portuguesa**, vol. IV. Rio de Janeiro: Bloch Editores, Academia brasileira, 1972.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NICOLA, José de. **Literatura brasileira: das origens aos nossos dias.** São Paulo: Scipione, 1998.

NOGUEIRA, Marcos. Orkut! **Super interessante**, São Paulo, set. 2004. Tecnologia. Disponível em: <<http://migre.me/i4bf3>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

PAIS, J. M. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações.** São Paulo: Cortez, 2003.

PAIVA, Cláudio. **Vida, trabalho e linguagem na Cultura das redes: elementos para uma antropológica do ciberespaço**, 2004. Disponível em: <<http://migre.me/fEhKd>> Acesso em: ago 2008.

PAVLÍČEK, Antonín. **Anonymity on the internet and its influence on the communication process.** 2005. Dissertação (Media Studies) – Charles University, Institute of Communication Studies and Journalism, Praga, RepúblicaCheca, 2005. Disponível em: <<http://migre.me/dhsQZ>>. Acesso em: 02 jan. 2013.

PEREIRA, Wellington. A comunicação e a cultura no cotidiano. In: **Revista Famecos.** Porto Alegre, nº 32, abril, 2007.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Dicionário de investigação do cotidiano: elogio da palavra no jornalismo impresso.** João Pessoa: Ideia, 2011.

PESQUISADORA italiana estuda o fake na sociedade do espetáculo. **Agência universitária de notícias**, São Paulo, dez. 2013. Arte e cultura. Disponível em: <<http://migre.me/i497R>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

PRIMO, A. F. T. **Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva.** São Leopoldo: Fronteiras: Estudos Midiáticos, v. 5, n. 2, 2003.

PRIMO, Alex (org.). **Interações em Rede.** Porto Alegre: Sulinas, 2013.

QUEIROZ, Poliana; PEREIRA, Wellington. Semiárido e a Construção das formas sociais: uma Reflexão sobre Mídia e Cotidiano. In: XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2011, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: Unicap, 2011. Disponível em: <<http://migre.me/i4xMU>>. Acesso em: 02 fev. 2013.

RALEIRAS, Mónica. Recensão da obra “A vida no écran. A identidade na era da internet”, de SherryTurkle [1997]. Lisboa: Relógio d’ Água. **Sísifo/ Revista de ciências da educação**, Lisboa, 03, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://migre.me/fu89s>>. Acesso em: 09 jul. 2013.

RECUERO, R. C. Redes Sociais na internet: considerações iniciais. **BOCC - Biblioteca on-line de ciências da comunicação**, Lisboa, 2004. Disponível em <<http://migre.me/fEtcU>> Acesso em: ago. 2008.

\_\_\_\_\_. Orkut x Facebook: de novo. 2011. Postado em: 16 maio 2011 no **Blog Social Media**. Disponível em: <<http://migre.me/cUzQY>> Acesso em: out. 2012.

\_\_\_\_\_. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

\_\_\_\_\_. **A conversação em rede:** Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulinas, 2012.

REIS, Carlos; LOPES, A. C. M. **Dicionário de teoria da narrativa.** São Paulo: Ática, 1988.

RHEINGOLD, Howard. **A Comunidade Virtual.** Lisboa: Gradiva, 1996.

ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio da Loucura.** Atena Editora, s.d. 2002.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura:** perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa:** projetos para Mestrado e Doutorado. São Paulo: *Hacker* Editores, 2001.

SANTOS, R. S. **A ficção científica na teledramaturgia: o caso de O Clone.** 2005. Dissertação (Mestre em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira, Florianópolis, SC, 2005. Disponível em: <<http://migre.me/dhsTQ>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

SBARAI, Rafael. "Selfie" é nova maneira de expressão. E autopromoção. **Veja**, São Paulo, nov. 2013. Redes sociais. Disponível em: <<http://migre.me/i4czG>>. Acesso em: nov. 2013.

SILVA, D. B. Youtube. Mensagem enviada e postada em 19 jul. 2011 sem hora. Disponível em: <<http://migre.me/i4ewt>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

TASSINARI, Ricardo. Youtube. Mensagem enviada e postada em 26 abr. 2013 sem hora. Disponível em: <<http://migre.me/i4arO>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

TAVARES, J. L. **A construção do persona digital: nova identidade assumida pelos integrantes da web 2.0**, 2010. Disponível em <<http://migre.me/i4xS6>> Acesso em: nov. 2011.

TEDESCO, J. C. **Paradigmas do cotidiano**: introdução à constituição de um campo de um campo de análise social. Santa Cruz do Sul: EDUNISC: Passo Fundo: UPF, 2003.

THE qatsi trilogy. Disponível em: <<http://www.koyaanisqatsi.com/>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã**. A identidade na era da internet. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

\_\_\_\_\_. Always-on/Always-on-you: The Tethered Self. In: **Handbook of Mobile Communication Studies**. JAMES, E. K. (Ed.). Massachusetts: MIT Press, 2008. p. 121-137. Disponível em: <<http://migre.me/mcu20>>. Acesso em: out. 2014.

UGARTE, Pedro. **Intérprete para surdos no funeral de Mandela era farsante**. Veja, São Paulo, dez. 2013. África do Sul. Disponível em: <<http://migre.me/i4dZd>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

WEB NOVELAS FAKE. Orkut. Mensagem enviada e postada sem data. Disponível em: <<http://migre.me/i3Xzg>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

WEB NOVELAS FAKE. Orkut. Mensagem enviada e postada em 11 jan. 2006 sem hora. Disponível em: <<http://migre.me/i3YE6>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

WEB NOVELAS FAKE. Orkut. Mensagem enviada e postada em 10 ago. 2013 às 14:14. Disponível em: <<http://migre.me/i3XB5>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

WEB NOVELAS FAKE. Orkut. Mensagem enviada e postada em 10 ago. 2013 às 14:15. Disponível em: <<http://migre.me/i3XB5>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

WEB NOVELAS FAKE. Orkut. Mensagem enviada e postada em 10 ago. 2013 às 14:21. Disponível em: <<http://migre.me/i3XB5>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

WEB NOVELAS FAKE. Orkut. Mensagem enviada e postada em 11 ago. 2013 às 13:49. Disponível em: <<http://migre.me/i3YVd>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

WEB NOVELAS FAKE. Orkut. Mensagem enviada e postada em 11 maio 2013 às 22:37. Disponível em: <<http://migre.me/i3ZYJ>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

WEB NOVELAS FAKE. Orkut. Mensagem enviada e postada em 02 jun. 2013 às 20:52. Disponível em: <<http://migre.me/i424J>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

*WEB NOVELAS FAKE*. Orkut. Mensagem enviada e postada em 09 maio 2013 às 21:36. Disponível em: <<http://migre.me/i40oK>>. Acesso em: 02 fev. 2014.

*WEB NOVELAS FAKE*. Orkut. Mensagem enviada e postada em 13 out. 2013 às 23:17. Disponível em: <<http://migre.me/i45mb>>. Acesso em: 02 fev. 2014.

*WEB NOVELAS FAKE*. Orkut. Mensagem enviada e postada em 19 out. 2013 às 19:33. Disponível em: <<http://migre.me/i45zB>>. Acesso em: 02 fev. 2014.

*WEB NOVELAS FAKE*. Orkut. Mensagem enviada e postada em 13 maio 2013 às 20:52. Disponível em: <<http://migre.me/i40iN>>. Acesso em: 02 fev. 2014.

*WEB NOVELAS FAKE*. Orkut. Mensagem enviada e postada em 09 set. 2013 às 20:09. Disponível em: <<http://migre.me/i43I6>>. Acesso em: 02 fev. 2014.

*WEB NOVELAS FAKE*. Orkut. Mensagem enviada e postada em 27 abr 2013 às 20:39. Disponível em: <<http://migre.me/i47N7>>. Acesso em: 19 jan. 2014.

*WEB NOVELAS FAKE*. Orkut. Mensagem enviada e postada em 11 ago. 2013 às 13:57. Disponível em: <<http://migre.me/i42Pn>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

*WEB NOVELAS FAKE*. Orkut. Mensagem enviada e postada em 26 jun. 2013 às 21:43. Disponível em: <<http://migre.me/i42FG>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

ZAMONER, Airo. Crônica, Conto, Romance, Novela. **Editora Protexoto**, Paraná, s/d. Artigos. Disponível em: <<http://migre.me/dhsZg>>. Acesso em: 02 jan. 2013.

## APÊNDICE A – Entrevistas com os cinco perfis *fake*

### 1) ENTREVISTA COM “*WRITER OF DREAMS*”

Olá Siméia, perdão pela demora, mas estava ocupada com algumas coisas e não pude entrar aqui, vou responder as suas perguntas!!

#### 1) Para você, o que é o *fake*?

**R:** Bem, se olhar pelo significado, *fake* para mim é falso. Mas para falar a verdade *fake* para mim sempre foi o meu lugar de diversão, há bastante tempo eu usava o "fake" para me divertir e conhecer gente nova, mas hoje em dia já não faço mais isso.

#### 2) Como é ser um perfil *fake*?

**R:** Acho que isso varia de pessoa, para mim eu nunca usei o termo "fake" como uma forma de realmente ser falso, eu era eu mesma, apenas usava um perfil diferente para conhecer gente nova e ter familiares ou gente conhecida em meu perfil.

#### 3) Por que você quis se apresentar na rede social Orkut, como *fake*? Fale o que quiser sobre isso.

**R:** Primeiro porque fui apresentada a isso como um divertimento, a grande maioria dos meus amigos tinham e achei que fosse interessante. Eu queria que as pessoas me conhecessem ser me julgar pela minha foto ou pelo que eu postava na minha vida off (é como chamamos nossa vida longe do *fake*)

#### 4) Por que você escolheu a comunidade Web novelas *fake*? Por ser *fake* ou teria alguma relação com o fato de você ser uma escritora?

**R:** Total relação com eu ser escritora. Eu simplesmente amo escrever, já faz quatros anos que escrevo e espero um dia ser escritora profissional. Escolhi essa comunidade porque achei que seria uma forma legal e facil de mostrar minhas histórias a outras pessoas.

#### 5) Por que escolheu aquela foto par seu perfil? Existe algum critério, para escolha de uma foto num perfil *fake*?

**R:** No *fake* não costumamos colocar nossas fotos pessoais, escolhi aquela foto porque sou fã dessa pessoa e é isso que fazemos, colocamos fotos de artistas que admiramos

#### 6) Poderia dizer que a comunidade Web novelas *fake* agrupa perfis *fake* “do bem” – já que existe um tabu com relação a um perfil *fake*, de modo geral, no mundo da internet?

**R:** Sim, pode-se dizer que sim. A maior parte das pessoas que estão ali, somente querem ler ou postar história, nada de má relação ou qualquer tipo de maldade.

#### 7) Você conhecia algum perfil da comunidade antes de se tornar membro?

**R:** Não que eu me lembre.

#### 8) Você tem amizades no mundo real, como os perfis *fake* ou membros da comunidade que lêem suas histórias?

**R:** Sim, tenho sim. Meus amigos também tinham *fake* e sempre leram minhas histórias.

**9)E o oposto? Com seu perfil *fake*, você fez alguma amizade com outro perfil que foi transportada para o mundo real?**

**R:** Já tentei, mas deu muito certo. Existem pessoas por aqui que mentem sem dó.

**10)E perfil original, você tem? Se sim, seria em outra rede social além do Orkut? Se houve amizades após comunidade, essas amizades continuam em outras redes sociais?**

**R:** Orkut eu costumava ter, agora não mais. Tenho sim outras redes sociais, mas nenhum amigo que fosse aqui do fake, só os meus amigos que já eram amigos meus antes do fake.

Mais uma vez perdão pela demora, espero ter ajudado!! Beijos!! *Life is a dream* ♥

## 2) ENTREVISTA COM “ESCRITORA! LISA”

Olá querida,

Tudo em Paz?

Tenho interesse, na verdade, em entender o universo do *fake*. Então, gostaria de saber algumas coisas, tipo:

### 1) Para você, o que é o *fake*?

*Partindo do sentido etimológico da palavra que significa ‘falso’, o falso universo criado por internautas de uma rede social chamada Orkut diz respeito a uma vida à parte, uma realidade inventada, ilusória.*

*O fake, que é genuinamente aderido por pré-adolescentes e adolescentes nada mais é do que uma forma de diversão, fazer-se passar por outra pessoa, relacionar-se com os demais ( que também são fakes ) com a identidade que fora propositalmente inventada.*

*Impossível deixar de mencionar os pontos extremos que a ‘vida virtual’ pode trazer ao indivíduo, como prender-se de forma negativa à um mundo abstrato em busca de uma ‘libertação’ do mundo real, uma válvula de escape.*

### 2) Como é ser um perfil *fake*?

*Criei meu primeiro perfil fake no ano de 2007 aos 13 anos de idade, desde então tive inúmeras identidades virtuais.*

*Dentre elas, a que me fora mais memorável chamava-se Bonnie Mackenzie, uma moça que virtualmente tinha família e muitos amigos. Usufruí de tal identidade por cerca de 3 anos, religiosamente todos os dias, dando-lhe vida, voz e principalmente sentimentos. É exatamente à isso que me referido quando digo: Pontos extremos do universo falso. Trata-se de uma vida virtual ( já que muitos fakes adultos foram crianças, dentro de uma família organizada ) que apesar do indivíduo ser diferente fisicamente, são os seus mais reais sentimentos que são expostos. Assim, um adolescente com problemas de separação dos pais na vida real, por exemplo, se prende ao mundo inventado para escapar do sofrimento vivido em casa, camuflar o que sente o que se passa a sua volta. Não foram raras as vezes que li depoimentos de internautas que repetiram de série em suas respectivas escolas por vício ao mundo abstrato. Uma extremidade negativa, pois interfere negativamente na vida pessoal ( real ) do indivíduo.*

*Do outro extremo tente-se o fato de comunicar-se com pessoas de várias regiões, ter coragem de expor o que sente, ser criativo. No meu último ano como Bonnie, namorei um rapaz, também fake que morava no estado de São Paulo. Até então eu morava no Rio de Janeiro e ficamos ‘juntos’ por cerca de 7 meses. Nunca vi quem ele realmente era, nem ao menos sei como aparentava, porém o tempo gastado em frente à um computador, na ilusão de que vivia um relacionamento saudável me fizera amadurecer absurdamente como mulher, dar valor à minha realidade e finalmente compreender que podemos transformar nossa realidade em um sonho, basta querermos.*

**3) Por que você quis apresentar-se na rede social Orkut, como *fake*? Fale o que quiser sobre isso.**

*Anteriormente ao criar meu perfil falso, eu já era aderente ao Orkut com o meu perfil verdadeiro. Descobri a façanha de se passar por outra pessoa através de uma prima que também possuía uma conta fake.*

*A grande diferença entre ser quem você é virtualmente e ser um fake é que você pode ser quem quiser ser sem ser criticado, rotulado. Acima de tudo, sua imagem estará preservada, nada poderá lhe acontecer. É uma forma facilitada de viver, sem contratempos.*

*No presente momento, possuo um perfil falso que se chama *Escritora! Lisa*. Lhe dei vida no intuito de expor minha imaginação em forma de histórias, contos e mini-livros. Fora uma ideia vaga, sem grandes propósitos tendo ciência de que se não desse certo, ou seja, se ninguém lesse meus projetos, eu poderia desfazer o perfil e nada seria acontecido à minha imagem verdadeira.*

**4) Por que você escolheu a comunidade Web novelas *fake*? Por ser *fake* ou teria alguma relação com o fato de você ser uma escritora?**

*Sempre gostei de ler, quando descobri que existia uma comunidade para escritores amadores exporem seus trabalhos, fiz questão de me tornar membro e buscar por uma história que me simpatizasse. Encontrei uma ótima web-novela sobre uma atriz de filmes adultos que se apaixonara por um colega de cena. Era de um enredo não muito interessante e bem previsível, porém a desenvoltura com que a autora conduzia era tão sensacional que o que tinha tudo para ser uma história de baixo calão, tornara-se uma web espetacular. Assim, depois de ler tal conto, tive coragem de transcrever meus pensamentos para o papel e dar vidas à vários personagens.*

*Quando percebi que eu realmente possuía um talento singular para criar histórias, decidi então criar um perfil fake de uma escritora, assim camuflaria minha imagem e ao mesmo tempo mostraria minhas obras aos leitores.*

**5) Por que escolhei aquela foto par seu perfil? Existe algum critério, para escolha de uma foto num perfil *fake*?**

*Sem dúvida nenhuma. A foto do perfil é o cartão de visitas, não só de uma falsa pessoa, mas também para uma pessoa real. A imagem retratará indiretamente quem você é, se possui uma foto sensual, provocativa, será adicionada ( seguida ) por certo tipos de pessoas, se utilizares de uma foto dita 'comportada' serás seguida por um público diferente.*

*Na imagem em que dou um rosto para a *Escritora! Lisa* vê-se uma mulher bonita, de feição singela e sorriso honesto. Uma imagem semelhante à que escritoras profissionais exibem em seus livros.*

**6) Poderia dizer que essa comunidade Web novelas *fake* agrupa perfis *fake* “do bem” – já que existe um tabu com relação a um perfil *fake*, de modo geral, no mundo da internet.**

*Sem dúvidas. Fazer-se passar por uma pessoa é crime. No mundo virtual ainda não temos uma lei regularizada que pune ou bane a criação de uma identidade personalizada, assim, não é rara as vezes que pedófilos criam contas clandestinas para aliciar jovens, hackers invadem contas de pessoas importantes para tirar vantagens de informações pessoais, bancos são invadidos, enfim, a comunidade Web Novela Fake é direcionada para o público leitor. Pessoas que são habituadas a ler e procuram contos novos, originais. Também há pessoas como eu, que mostram o seu trabalho, sem retorno financeiro apenas a fim de divertir-se.*

**7) Você conhecia algum perfil da comunidade antes de se tornar membro?**

*Tornar-me membro da comunidade foi fruto de um acaso. Não me fora recomendada por nenhum perfil já que até então eu não tinha o hábito de ler contos virtualmente ou escrevê-los.*

**8) Você tem amizades no mundo real, que são membros da comunidade, como perfis fake para lerem suas histórias?**

*Infelizmente não. No meio social em que estou inserida, poucas pessoas sabem que escrevo. As que sabem me incentivam a dar continuidade ao projeto, porém nunca o leram.*

*O medo da reprovação me impede de divulgar o meu trabalho. Exatamente por isso que tenho um perfil falso, pelo receio de receber críticas diretamente à minha pessoa pelas estórias que crio.*

**9) E o oposto? Como perfil fake, você fez alguma amizade com outro perfil que foi transportada para o mundo real?**

*Sim. No meu perfil Bonnie Mackenzie fiz amizades que se tornaram reais e o mais interessante é que você se expõe mais com esses novos amigos, pois eles têm a capacidade de entender melhor a sua vida de uma maneira abrangente. Não se limitam às mesmices cotidianas porque também são aderentes de uma vida alternativa.*

**10) E perfil original, você tem? Se sim, seria em outra rede social além do Orkut? Se houve amizades após comunidade, essas amizades continuam em outras redes sociais?**

*Atualmente eu tenho 19 anos de idade, faço faculdade de serviço social e trabalho, ou seja, antes eu era apenas uma estudante do ensino médio com grande parte do dia livre para viver uma vida virtual, hoje em dia o tempo que tenho é dedicado à outras atividades, da mesma maneira acontece com as amizades que construí no fake. Passamos da fase de virar noites em frente um computador, sem grandes responsabilidades, agora mais maduros, nos comunicamos através do FACEBOOK, que é uma também rede social porém mais pessoal, e porque não restrita? Local onde de fato conhecemos todos nossos amigos ( ou deveríamos ), falamos de coisas da realidade e não mais ilusórias.*

Obrigada!

### 3) ENTREVISTA COM “CAMILA BONATTI”

Olá querida,

Tudo em Paz?

Obrigada por colaborar com essa pesquisa. Bom, tenho interesse em entender o universo do *fake*. Então gostaria de saber algumas coisas, tipo:

#### **1) Para você, o que é o *fake*?**

O que é o *fake* , acho que é uma coisa que não tem como explicar com palavras , vou dar o exemplo do amor , você apenas sentir e vive aquele momento , o *fake* não é apenas um mundo diferente que escolhos é sim um sentimentos novo que nasce dentro de nós , uma vontade de mudar algumas coisas dentro de nós mesmo , é a buscar da felicidade no caso.

#### **2) Como é ser um perfil *fake*?**

No começo foi estranho , porque eu não sabia nada sobre o mundo *fake* , o legal foi descobri tudo sozinha , não tem como eu te dizer como é ser um perfil *fake* , porque é uma coisa que sei lá , são sentimentos diferentes , pensamentos diferente , porque para mim e normal ser um perfil *fake* , já para outras pessoas é loucura!.

#### **3) Por que você quis se apresentar na rede social Orkut, como *fake*? Fale o que quiser sobre isso.**

Tudo começou uma ideia da minha amiga , eu tinha uma comunidade onde nós jogávamos aquele joguinho do beijo ou passar , e nessa comunidade revolvemos fazer uma família , fizemos e essa família e acabamos nós apegamos uns aos outros , só que vieram as brigas , todos nós separamos , foi onde veio a ideia do *fake* , onde eu poderia criar uma nova família , acabei entrando e gostando desse mundo.

#### **4) Por que você escolheu a comunidade Web novelas *fake*? Por ser *fake* ou teria alguma relação com o fato de você ser uma escritora?**

Eu já escrevia muito antes de ser *fake* , já postava as minhas webs mais eu te falo , quando você é off poucas pessoas se interessam , e não uma escolha não teve nada haver com a outra , tanto que eu conheci a escreve agora depois de quase 3 anos de *fake* , alias quando eu sai do

munod fake eu revolvi escreve a web , como eu sabia que com o meu perfil normal eu não conseguiria chamar tanta atenção fiz um perfil fake , no acaso “ Camilia ” e só realmente para escreve as webs

**5) Por que escolheu aquela foto par seu perfil? Existe algum critério, para escolha de uma foto num perfil *fake*?**

Existe eu nunca escolho foto da mesma menina , posso ate escolhe mais eu não fico usando varias fotos naquela mesma pessoa , e eu sempre pego de meninas loiras , agora que eu estou usando morena , mais eu te falo que as fotos variam do meu humor.

**6) Poderia dizer que a comunidade Web novelas fake agrupa perfis *fake* “do bem” – já que existe um tabu com relação a um perfil *fake*, de modo geral, no mundo da internet?**

Em todo lugar vai existir pessoas que fazem o bem e o mal , só porque e uma comunidade de web novelas , não quer dizer que não exista pessoas do mal ali , porque e uma competição , tem web que são mais famosas que outras já olhou por esse lado? Bom eu não fico reparando em que tem mais web ou leitoras que eu , mas tem pessoas que olham isso!.

**7) Você conhecia algum perfil da comunidade antes de se tornar membro?**

Não.

**8) Você tem amizades no mundo real, como os perfis *fake* ou membros da comunidade que lêem suas histórias?**

Sim todas as pessoas que eu fiz amizade aqui eu levei para a minha vida em of , sobre as minhas leitoras eu mal falo com elas , mas tem 2 meninas que tem o meu perfil original.

**9)E o oposto? Com seu perfil *fake*, você fez alguma amizade com outro perfil que foi transportada para o mundo real?**

Bom que eu disse ali em cima eu acabei fazendo amizade com todos as pessoas que eu conheci , e transportei essa amizade para o mundo real.

**10)E perfil original, você tem? Se sim, seria em outra rede social além do Orkut? Se houve amizades após comunidade, essas amizades continuam em outras redes sociais?**

Não eu não uso o Orkut faz alguns anos no meu perfil original só uso as redes sócias atualizadas.

#### 4) ENTREVISTA COM “ANINHA MACGUIRE”

Olá querida,

Tudo em Paz?

Obrigada por colaborar com essa pesquisa. Bom, tenho interesse em entender o universo do *fake*. Então gostaria de saber algumas coisas, tipo:

Oi amor, espero poder ter te ajudado. Aqui estão minhas respostas:

1- 1-Ser fake pra mim não é apenas se esconder atrás da imagem de outra pessoa, é criar uma segunda vida e uma nova personalidade.

2- 2- É legal, porque as pessoas podem me conhecer de verdade sem que possam me julgar pela a minha aparência.

3- 3- Porque minha vida “off” - termo que usamos para a pessoa atrás do perfil - estava um tédio, estava cansada das pessoas me julgarem e eu queria novos amigos e senti que com o fake isso poderia ser possível.

4- 4- Um pouco dos dois, mas o real motivo foi por eu ser uma escritora e por lá ter muitos leitores. Queria mostrar minha história.

5- 5- Na verdade não existe nenhum critério para as escolhas das minhas fotos, na maioria das vezes a primeira que encontro no google eu coloco.

6- 6- Eu acredito que lá seja meio que um ponto de encontro dos fakes e dos não fakes, onde podemos conhecer escritores e também leitores, sendo eles *fake* ou não.

7- 7-Não, eu apenas encontrei por acaso a comunidade e virei leitora, depois comecei a escrever.

8- 8-Tenho sim, duas amigas. Elas descobriram de algum jeito que eu estava escrevendo e passaram a ler.

9- 9-Sim, uma vez. Mas a garota parou de entrar, eu mudei de perfil e nunca mais nos vimos.

10- 10- Tenho um perfil original no Orkut e em outras redes sociais também. Em comunidades, já tive uma também, conversei com ela de vez em quando em outra rede social.

## 5) ENTREVISTA COM “APOLINNE POMPOSA”

Olá querida,

Tudo em Paz?

Tenho interesse, na verdade, em entender o universo do *fake*. Então, gostaria de saber algumas coisas, tipo:

### 1) Para você, o que é o *fake*?

O *Fake* na minha concepção é um lugar onde vocês se entretêm, faz novas amizades e querendo ou não, aprende mais. Acabei pegando gosto pela escrita por ter entrado nesse mundo a parte do real.

### 2) Como é ser um perfil *fake*?

Normal?! Risos. Não é algo chocante como... "nossa, ela tem um *fake*". Mentira. É sim. kkkk Muitos dos meus amigos acham desnecessário o fato de eu ter um profile, acho eu que é por o Orkut já ter perdido seu interesse. Não há nada que prenda a maioria dos internautas aqui. Eu mesma só permaneço pelo interesse da leitura e os amigos que adquiri ao longo dos anos.

### 3) Por que você quis se apresentar na rede social Orkut, como *fake*? Fale o que quiser sobre isso.

Ãn... Para início de conversa eu não entrei como um *fake*. Usava meu próprio perfil, com meu nome real e a minha foto. Comecei a entrar por curiosidade em uma comunidade chamada *Twilight Fanfictions*, que é nada mais que uma comu de histórias criadas por fãs direcionado a Saga Crepúsculo. Iniciei somente com a leitura aos doze anos e após tanto ler me empolguei o suficiente para escrever. A minha primeira *fanfic* foi um vexame, confesso. Risos. **Mas adquiri leitores** por incrível que pareça e conheci uma das minhas melhores amigas por meio disso. Nós falamos a quase três anos. Mudei-me para o *fake* por estar ficando cada vez mais raso os números de *offs* logando. Me sentia como um peixe fora d'água. KKK. Já tive vários nomes, muitos trocadilhos bobos e sem graças, porém já estou com o Apolinne há um ano. Como eu era inexperiente, cometi muitos erros. Há aquela coisa de perfil "cocota" e perfil "cult". Um tempo atrás eu era das cocotas; não falava direito, não pontuava adequadamente e vivia dizendo asneira. Aprendi com o tempo a ter uma escrita melhor e um aperfeiçoamento

do meu profile para mais "sério", embora o "pomposa" do meu nome deixe a desejar. Isso faz parte de mim. **Pomposas é uma liga**, então existe mais garotas com esse sobrenome. Tem um significado bem especial.

**4) Por que você escolheu a comunidade Web novelas *fake*? Por ser *fake* ou teria alguma relação com o fato de você ser uma escritora?**

Foi mais pelo fato da TF estar começando a flopar e eu estar tendo algumas "discussões" com alguns seres. Na WNF eu comecei a fazer amizade aos poucos, sempre um pouco escondida, mas observando tudo a minha volta. Só fui escrever uma web pra valer esse ano. O que eu gostava/gosto é escrever fanfics para Twilight. As ideias correm mais rápido. Porém eu já me acostumei com "web novelas".

**5) Por que escolheu aquela foto par seu perfil? Existe algum critério, para escolha de uma foto num perfil *fake*?**

Eu acho que isso vai de cada um. Por exemplo eu sou muito fã de avatares de fumantes ou de garotas tatuadas. Esse é meio que o meu estilo na vida real. KKKK Fã de rock, alargadores nas orelhas, cabelo colorido. Já os avatares "subliminares" é a minha mente desvirtuada querendo causar. Tudo tem a ver com a minha personalidade. Você nunca irá me ver com avatar "contido". KKKKKK

**6) Poderia dizer que a comunidade Web novelas fake agrupa perfis *fake* "do bem" – já que existe um tabu com relação a um perfil *fake*, de modo geral, no mundo da internet?**

Ah, a sempre aquele fake que quer causar intrigas. Eu mesma não sou muito pro lado das famosas "tretas". Então eu acho que sim, a maioria dos perfis são da paz.

**7) Você conhecia algum perfil da comunidade antes de se tornar membro?**

Tem uma amiga que eu conheci na TF (sem ser a que citei anteriormente) e nós nos falamos a quase quatro.

**8) Você tem amizades no mundo real, como os perfis *fake* ou membros da comunidade que lêem suas histórias?**

Amigos em Off que leem as minhas histórias, é isso? Bom, eu faço a minha mãe ler. KKKKKKK. E os meus amigos são muito "crianças" para quererem ter apreço por algo que eu escreva.

**9)E o oposto? Com seu perfil *fake*, você fez alguma amizade com outro perfil que foi transportada para o mundo real?**

Ah, sempre. É muito difícil você separar o *fake* do real. As vezes é até mais fácil você confiar em alguém que nunca viu na vida do que confiar em uma pessoa que conhece há vários anos.

**10)E perfil original, você tem? Se sim, seria em outra rede social além do Orkut? Se houve amizades após comunidade, essas amizades continuam em outras redes sociais?**

Tenho, quando este não quer entrar eu logo no original. Continuam, sempre. Procuro manter uma amizade. Já até troquei cartas. <333

**APÊNDICE B** – Fala do Prof. Dr. Marcos Palácios e da Profa. Dra. Adriana Amaral, em mesa redonda na abertura do Simsocial/UFBA, dias 10 e 11 outubro 2012.

**Profa. Dra. Adriana Amaral**

...E instrumento de pesquisa, ou seja, ferramenta pra coleta de dados. Então, essa triplica característica aí, ela coloca várias tensões nas questões teórico-metodológicas. Então, a partir disso, basicamente esse foi nosso primeiro ponto de partida da onde a gente começou a pensar sobre isso e eu já vinha há um bom tempo também me dedicando a principalmente trabalhando com abordagens etnográficas, que depois eu vou falar um pouco mais sobre isso. (Me avisa aí do tempo pra eu não me passar). Então num primeiro momento assim, o que me chama atenção em relação à internet é a primeira dificuldade seja de construção de uma amostra, né? (Isso vinha muito das discussões que tinha com os meus orientandos “Ó, ok, eu vou recortar na comunidade x, mas por que, que relevância tem essa comunidade? Sei lá é melhor focar em algo que tenha 1100 (mil e cem) participantes ou 50 (cinquenta). E essas perguntas começavam a pipocar assim na hora da orientação, né? E a gente começou a discutir bastante coisas assim, em relação a isso, né? E eu acho que uma das primeiras...uma das primeiras questões que a gente tem que pensar, quando a gente pensa em metodologia e em internet é a questão da flexibilidade, né? É uma coisa que eu venho defendendo e a questão de uma certa “não rotulação”, mas ao mesmo tempo tendo uma perspectiva histórica e/que comparada em relação a outros métodos e a outras abordagens que já foram feitas com outros objetos dos estudos de mídia, dos estudos de comunicação. E...então assim, um pé lá no passado, que é esse meu lado arqueológico que eu tenho e um outro pé tentando... Pensar isso de uma forma que não aprisione, de certa forma, o objeto. Eu até brinco, às vezes que...ah! O pessoal que estuda lá cinema vai lá tirar um DVD, o DVD é o mesmo de 10 (dez) anos, a não ser que lancem uma versão do diretor, né? É o mesmo filme, né? Que eu vou fazer, sei lá, a análise fílmica ou etc., e é o mesmo filme. Agora a internet de 98, a internet de 2001, a internet de hoje não é a mesma internet, com toda certeza. Então esse ponto, que é um ponto dessa materialidade do objeto, é um ponto central pra se pensar isso, tá? Então, não só a questão interpretativa crítica, mas como é...a interpretação...a questão da própria materialidade, de como essas ferramentas vão...vão se apresentar. Vão se auto-apresentar e vão permitir num é? Determinados arranjos, que vão nos dar resultados diferentes, de acordo com o que a gente for observar. É...então, também pensando não só essa idéia, né? Dos...dos atores sociais, dessas apropriações, como a Raquel falou antes, por exemplo das *hashtags* do Twitter, mas como o que a própria, o que as próprias ferramentas, a materialidade delas nos permitem abordar, num é? E aí tem toda uma discussão, que alguns autores, principalmente, em relação à questão da internet como cultura ou como culturas ou como artefato cultural, né? Que é uma discussão que vem, sobretudo, da antropologia, né? Então, continuando assim essas observações. Essa idéia também de combinação de métodos, né? De e da própria utilização dessas ferramentas mesmo como os ambientes no qual a gente vai observar, ser observado também e coletar esses dados? Eu orientei recentemente um trabalho, que eu achei que ficou muito interessante sobre *fakes* no *Twitter*, que era uma coisa assim que...vinha me incomodando e a menina fez um trabalho bem bacana assim, mesmo num nível de TCC e ela fez uma coleta absurda de dados e ela teve que, ela criar um *fake*. Ela criou quatro *fakes* diferentes pra poder. A única forma que ela tinha de interagir com esses *fakes*, pra ela poder levantar os dados, seria criando um *fake* entrando na mesma lógica, né? Aí a gente perde, quando a gente pensa “comitê de ética”, como que passaria, né? Não sei.” Como era um TCC enfim, era uma coisa ligada ao entretenimento, a gente tinha um recorte bem específico de figuras que eram midiáticas e tinham *fakes* no *Twitter*, né? E... é bem aí...agora a gente até escreveu um artigo fazendo algumas observações sobre isso, né? Mas, eu tenho...pelo que a

gente observou, eu tenho certeza que não teria como, né? Eu tenho estudado muito agora essas práticas de desviantes...por exemplo, *trolageme* tal (o pessoal tava até brincando aqui no Twitter), mas é, esse tipo de prática: como é que eu vou pensar metodologicamente uma análise desse tipo de prática, né? Se eu não participar daquela lógica e participar daquela lógica também me tira bastante do chão como...como pesquisadora. E a gente sabe que essa questão da neutralidade, da...da inserção do pesquisador é algo que vem sendo discutido, desde...desde sempre, desde...desde que tem pesquisa, mas eu acho que sobretudo uma das marcas da pesquisa da internet é essa, praticamente, impossibilidade de se desmarcar, é essa idéia de...não eu vou fazer uma observação mais isenta possível...eu não vejo como pesquisar internet sem ter o mínimo de...de inserção nesses... nesses ambientes. É claro que aí a gente vai ter níveis de inserção que vão do maior ao menor. Esses níveis de inserção vão também nos afetar nos resultado, de forma diferente, aí eu posso optar por uma perspectiva mais de *insider*, uma perspectiva mais de *looker*, mas...mesmo a mínima inserção ela vai fazer um... eu posso criar uma viralização... Eu passei por uma questão uns anos atrás, que eu tava pesquisando uma determinada comunidade e eu fui no Rio, dei uma palestra, enfim num evento e quando acabou a palestra veio um menino que era um dos moderadores da comunidade e disse pra mim “Ah! Super legal a palestra e tal”...e...só que com dois dias ele mudou o nome da comunidade por conta da palestra e aí eu fiquei assim.. Nossa e agora?! Hehehe...são coisas que...ok, é uma coisa mínima, o nome duma comunidade, enfim...aí ele foi todo com uma explicação do porquê ele tinha mudado o nome, porque aí ele leu um texto mas acho que na internet essa...essa velocidade da mudança ela...ela impacta também nesse...nesse ponto. Uma coisa que eu acho também importante salientar é a questão descrição, né? E a gente que orienta e que dá parecer eu tenho batido muito assim...uma boa descrição vai te dar também uma boa interpretação dos dados, né? Então, eu acho que às vezes a gente falha...eu vejo, às vezes muita gente, né? dizer “Ah...tem muita descrição”, eu vejo que não, às vezes a descrição é muito pop, as pessoas vão lá, dão *printscreen*, falam outras coisinhas ali básicas “Ah...o Facebook é assim, é assado”. Não, uma descrição aprofundada, pra aí depois uma...uma boa interpretação, né? Raquel vem falando muito sobre isso, a gente vem discutindo essa questão, por exemplo, dos usos de quantitativo e qualitativo... a minha pesquisa é sobretudo qualitativa, eu não tenho essa abordagem quanti...mas eu acho que em determinados objetos ela é importante... ah...mas, sobretudo pela combinação mesmo. Eu vejo às vezes também uma questão que eu acho que falta essa perspectiva de novo, retomando a questão da perspectiva histórica, de se passar o que já foi feito e que limites a gente tem em relação a esses objetos, principalmente se a gente for pensar em relação a algumas, ao que... alguns autores aí vão chamar de *hype* ou objetos da moda, né? E eu acho que essa área ela é, sobretudo, permeada por isso também, é uma área que cresceu muito, né? nos últimos anos e aí a gente vê assim aquela avalanche nos congressos (Esse ano é o ano do Twitter! Esse ano é o *fake*! Esse ano é, sei lá...determinada plataforma!) E...as vezes as pessoas abandonam muito rapidamente. Elas fazem um artigo...a gente sabe que o artigo circula muito rápido, mas de repente, ok! Passou, não se usa mais aquela plataforma, ninguém mais fala sobre isso. Não há uma recuperação, né? Disso num contexto maior dos...das outras mídias, né? Eu acho que isso é uma falha nossa, minha, de todos, talvez a gente faça isso mesmo às vezes, em alguns momentos, porque a gente tá tão (imerso) com a questão da novidade, né? E é importante também esse encantamento pela novidade. Eu acho que isso é super importante pra gente que pesquisa a questão das tecnologias. Só que a gente deixa de lado essa perspectiva mais macro mais comparativa, né? E eu me lembro até da fala do André na Compós (Associação nacional dos estudantes de pós-graduação em comunicação, fundada em 16 de junho de 1991), falando da questão da teoria sobre rede, dessa articulação entre macro e micro e eu acho que esse é um caminho bem interessante, né? Mas muitas vezes é difícil, né? Um artigo, que realmente ou tu vai tomar um caminho mais

micro dum estudo de caso ou tu vai fazer uma abordagem mais teórica, mas essa...essa articulação ela é necessária ser problematizada. Assim como essa...essa inserção do pesquisador, como eu falei antes, né? Eu acho que ela é essencial nesses casos relativos a internet. Tem uma outra questão que eu queria levantar, né? Na verdade eu to trazendo alguns pontos aqui que a gente discutiu, que é essa relação da coleta de dados *online* e *offline*, né? Quando fazer isso, quando não trazer? O que que é melhor, trabalhar só com os dados *online*, é melhor trabalhar com os dados *offline*, né? Eu acho que também é algo que depende... não sei...vai depender do tipo de objeto, né? Eu agora, por exemplo, a gente...eu, a Raquel e a Camila, que é minha orientanda de Mestrado, a gente fez um...um artigo sobre os usos do capital social do *trandingtopics* daquela banda Restart, das fãs, né? De como elas atingem o *trandingtopics* e... a gente fez, a Raquel fez toda uma parte *online* e a Camila tinha...conseguiu muitos dados *offline*, que ela não conseguiria se ela ficasse só olhando o *Twitter*, então ela teve que ir pra fila do show, falar com as meninas, as meninas tiveram que dar todos os...elas só deram os dados pra ela entrevistando no face a face, mesmo sendo uma entrevista sobre uma ferramenta *online*. Então ela se apresentava com o *Twitter*, ela dava o cartão com o *Twitter*, né? Pra elas e dizia assim “Isso aqui é o meu *Twitter* de trabalho”. Daí gente percebeu que tinha várias inflexões sobre isso assim, e a coleta dos dados eu acho que ficou muito rica, às vezes só que é muito mais rica, tendo essa questão do *online* e do *offline*, é algo que eu to interessada nesse momento, né? Nessa articulação entre essas instâncias, que a gente sabe que não são contraditórias...em nenhum momento elas são complementares sobre experiências diferentes, né? Porque às vezes, só o olhar ferramenta ela acaba te tirando duma perspectiva, né? Ela te limita e te guia o teu olhar. Então quando a gente fez essa...a gente começou fazendo, por exemplo, ao contrário, né? Começando pelo *offline*, porque eu achei que tinha algo ali naquele tipo de comportamento, por exemplo, que não trazia alguma coisa interessante. Então, bom eu acho em relação a, por exemplo, um último ponto aqui pra gente discutir, né? Já que faltam cinco minutos... (Poxa passou rapidinho!) Essa idéia, né? Duma reflexão, eu acho que ainda não carece, embora a gente saiba que tem algumas obras, por exemplo, o pessoal do jornalismo *online*, né? Que o Matos tem trabalhado bastante, mas eu sinto mais falta de algumas discussões e problematizações teórico-metodológicas de aprofundamento disso, em alguns...em determinados trabalhos, enfim, aqui no Brasil, que... eu acho que, às vezes ou vão muito pro teórico ou vão muito pra descrição e parece assim, que o objeto ficou “isto posto”, ele veio, ok, eu sei como a pessoa chegou ali, ele simplesmente apareceu, ou porque que de repente, ah...é isso que eu falei do *hype*, que os autores vão falar...oh! É um objeto que tá na moda ou que tá aparecendo na mídia e aí não essa articulação mesmo com essa perspectiva mais macro e mais histórica, que tira um pouco desse... talvez dessa... tanto dessa euforia em relação a tecnologias, quanto também de uma demolização, que também não é minha, a minha perspectiva, né? Eh... E aí eu acho que eu tenho ficado mais atenta e mais crítica em relação a isso. E, por fim, né? Eu até poderia falar mais sobre questões de etnografia e tal, que a gente pode discutir depois nas perguntas, né? Tem uma coisa que me incomoda, sobretudo e que a gente discutiu bastante aí no livro, que é a confusão entre a mera observação *online* e intitular o trabalho uma etnografia. Eu tenho sérias restrições em relação a isso e em relação a qualquer outra metodologia...eh... mais consolidada, diríamos assim. Eu acho que a gente precisa menos desses rótulos de metodologias consolidadas do que mais problematização sobre o que efetivamente a gente fez com os dados ou com a nossa ou com a interpretação do nosso objeto, das nossas próprias categorias, com é algo que vem das teorias fundamentadas, etc. Pra mim eu vejo muito assim tem um olho das pessoas dizendo assim ‘Vai esquece... esquece vai e faz uma combinação talvez multi-método dependendo, explica porque tu faz isso e tenta se livrar de dizer assim “Ah, eu fiz etnografia, eu fiz análise de discurso, eu fiz etc”. Eu acho que isso pra internet

talvez não seja e pra tecnologias em geral, talvez não seja o ponto mais interessante... Acho que era isso sim, pra começar.

### **Prof. Dr. Marcos Palácios**

E a primeira inserção minha, nessa história é uma apresentação que eu faço na Compós de 1995, em Brasília e que depois vai publicar, como se diz, nesse livro *O Indivíduo e as mídias*, em 1996, (O Indivíduo e as mídias. FAUSTO NETO, A; PINTO, J. M. Rio de Janeiro: Compos/Diadorim, 1996) e que é um - dá um toque aí – (falando ao operador de *slides*) - artigo que se chama *Cotidiano e sociabilidade no ciberespaço: apontamentos para uma discussão* (Cotidiano e sociabilidade no ciberespaço: apontamentos para uma discussão. In: O Indivíduo e as mídias. FAUSTO NETO, A; PINTO, J. M. Rio de Janeiro: Compos/Diadorim, 1996) – dá um outro toquinho, aí, por favor, então vocês percebem que já a primeira coisa que aparece aqui é ciberespaço, com y, como também, cibernauta, cibercultura, tudo isso a nós escrevíamos a com y, nesse momento, numa transcrição direta do inglês. Este artigo foi um artigo onde eu entrei no campo e de certa maneira ajudei a inaugurar a discussão sobre a Internet e a vida da *internet*, no Brasil. Mas ele foi muito importante porque o meu ponto de partida foi um ponto de partida de dizer: mas, afinal de contas, comunidades virtuais, estamos falando porque ela... É um trabalho que trata de cotidiano e sociabilidade, trata fundamentalmente da questão das emergentes comunidades virtuais. E a pergunta que eu fazia nesse momento, vindo da sociologia e confrontado ao entrar na área de comunicação com uma série de asserções do tipo: é preciso uma nova metodologia! É preciso revolucionar a metodologia! É preciso uma nova sociologia! Eu digo: será que é?

Então, o meu primeiro olhar foi um olhar perguntando: é preciso uma nova metodologia? Será que o ferramental que nós temos prá tratar a comunidade, que é um fenômeno da modernidade - da modernidade reportada lá ao séc. XIX, um fenômeno da idade média, não é, que na verdade se rearticula no séc. XIX com a modernidade - será que nós precisamos de novas ferramentas? Será que as ferramentas existentes, não dão conta? E o que eu vou concluir nesse artigo, já em 1995: bem não é bem assim: as ferramentas estão aí, as ferramentas tem que ser utilizadas, o objeto vai se transformando, mas, isso não significa que uma nova metodologia tem que ser criada a cada momento em que nós nos voltamos para o objeto - pode passar, por favor.

Então é um artigo que hoje é curioso, inclusive pelos dados, não é, aqui, de números: 50 a 100 milhões (de pessoas) conectados no mundo e nós iríamos atingir um milhão de computadores conectados no Brasil, em 1997 - é uma projeção, não é! O artigo também é interessante nesse sentido. Então, nesse sentido, o que é que acontece? Acontece que a percepção que eu tive, desde o início, é que o objeto *comunidade* se transformava pela sua virtualização, mas, essa virtualização era de um objeto que continuava sendo a comunidade e que tinha muitas continuidades com a comunidade física: muito mais continuidades que rupturas. E aí vem a idéia, que eu trabalhei desde muito cedo, que nós temos em processo de transformação: continuidades, rupturas e potencializações. E o que me parecia claro na minha iniciação desse campo e nos primeiros movimentos nesse campo, é que nós tínhamos muito mais potencializações do que efetivamente rupturas – e isso vale prá tudo inclusive para o jornalismo. O segundo momento, digamos assim, é o momento da constituição do grupo de pesquisa de Jornalismo *online*, do GJol, juntamente, com Elias Machado, e que vem realizando um trabalho desde 1995; em 97 há a publicação desse artigo, juntamente com Elias Machado que é *Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJol*, no livro da Cláudia Lago e da Márcia Benetti (MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo

GJOL. In. BENETTI, Márcia e LAGO, Claudia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 199-222.) que também é marcante, é marcante porque de certa maneira, dá uma visibilidade a um trabalho que nós vínhamos fazendo desde o início, dentro do GJol. E aí também, o que é que acontece? Essa metodologia não é uma invenção de metodologia, basicamente, o que nós estamos propondo aí é um tipo de trabalho que naquele momento era muito importante, que era de levantamento de casos, de trabalhos em torno de estudo de casos. A única diferença é que nós trabalhávamos a ideia de que um estudo de caso não podia (*sic*) ser feito, como muitas vezes ele era feito e continua sendo feito, como um exercício meramente descritivo. Que o estudo de caso, o caso deve ser utilizado como elementos ilustrativos de uma problematização que se faz em torno de uma determinada temática, e não, simplesmente, como descrição de caso, e descrição de caso, e descrição de caso... Que muitas vezes é o que acontece!

Essa ideia de que nós temos – o Zé Carlos (...) apresentou aquele modelo no início, não é? Nós temos que ir além da descrição, evidentemente, não é? Nós temos que partir para as interpretações – e, que muitas vezes isso não acontecia. Esse momento, esse segundo momento é o momento do GJol, que se prolonga até hoje, naturalmente, com uma série de desdobramentos, mas é também, uma apropriação de metodologias existentes e o ajuste delas ao objeto. Um terceiro momento que foi muito importante foi quando eu publiquei um artigo, em 2003, numa revista austríaca, a *Triple C*, sobre *A Internet como um sistema ambiente*. Quer dizer, vindo da sociologia, com todo o pensamento sistêmico - que uma parte muito forte dentro da sociologia - eu me debrucei sobre a questão: afinal de contas o que é isso de *internet*? Ela é uma mídia? É um meio? Ela é um sistema, ou o que? O que eu trabalho, nesse artigo é a ideia da internet como sistema e como ambiente, da onde decorre a conclusão de que a internet é tanto um objeto de pesquisa, como uma ferramenta, como também é um espaço para a pesquisa: um espaço para realização da pesquisa.

O que sai de fundamental, para mim, nesse momento, em termos metodológicos, é a certeza de que dentro dessa nova situação, em que nós tínhamos um ambiente, internet, e nesse momento a separação que marcou os primeiros momentos entre IRL – *In reallife*, como se costumava dizer, pela fisicalidade – e o virtual, aqui isso já estava superado. Nós já tínhamos uma percepção de que essa passagem de uma coisa a outra, não era um corte. Haviam continuidades entre o mundo da carnalidade e o mundo da virtualidade, e que nós, definitivamente, estamos existindo. Era um novo modo de existência onde uma coisa e a outra já não estavam pensadas de uma forma separada. Então, a consequência principal para mim, disso, foi a consciência e a ação de que era preciso trabalhar-se em rede. Era trabalhando em rede que nós iríamos potencializar esse trabalho, usando a internet como esse ambiente de trabalho - porque o artigo define a internet como um ambiente de informação, de comunicação e de ação. A internet é um ambiente de ação, também. Não só de comunicação e de informação. A internet serve para fazer coisas – um monte de coisas - inclusive pesquisa. E, nós partimos então para a formação de redes, a primeira das quais, depois de uma colaboração com o Texas, que era uma coisa muito restrita, foi a chamada *Rede latino-americana para o desenvolvimento de metodologias de softwares para o ensino de jornalismo em redes digitais de alta velocidade*, um nome assim, um pouco pretencioso, mas, que juntou todas essas universidades: a UFBA, a UFPE, Santa Catarina, Santa Maria, Universidade Jorge Amado, que é uma particular aqui de Salvador, Universidad de Córdoba, na Argentina e o Instituto Tecnológico de Monterrey. E teve como um dos resultados, esse outro livro que está aí embaixo, que é de 2007, quando a rede se fecha, se encerra, que é uma coletânea sobre o ensino do jornalismo. Isso foi, muito proveitoso, em termos de aplicação nos respectivos cursos de jornalismo, das discussões que estavam fazendo. Acho que isso foi muito mais proveitoso, do que o próprio livro que foi publicado. O que eu acho um livro mais ou menos - para dizer o máximo. Vamos em frente!

Então, o próximo momento, que é o momento de 2007 a 2010, que envolve, continua envolvendo o GJol, naturalmente, mas, passa a envolver sete universidades brasileiras e sete universidades espanholas, formando a rede *Capes DGU*, que se propunha a discutir a questão da convergência dentro do jornalismo, dentro da produção de informação jornalística e discutir, de uma maneira mais focada, a questão da qualidade em termos de jornalismo que se produz digitalmente e jornalismo que se produz na internet. Novamente a mesma questão vem a se colocar, quer dizer, quando se pensa em qualidade de jornalismo na internet, o que é que acontece? Bom, acontece o mesmo que acontece quando você pensa em jornalismo em outros suportes. Dois problemas fundamentais: o que se mede e com que régua se mede. Por isso que a capa do livro, que é um livro que foi publicado em 2011, no ano passado, que é uma espécie de síntese, se chama... Mostra embaixo uma reguinha, não é? Quer dizer, a ideia que a todo o tempo recorria. Quer dizer, o que é que se mede quando se fala de qualidade. O que é qualidade? O que é que tem que ser medido e com que régua? Como se mede isso? E, novamente o que nós viemos aprender, em termos de metodologia, é que muito campo tinha sido percorrido e que todo esse campo que tinha sido percorrido é apropriável e aplicável desde que nós ajustássemos alguns dos parâmetros da régua para que ela servisse para medir, também, esse novo fenômeno. Então, novamente, a experiência de que não há de inventar a roda. A roda já existe desde o neolítico não é? Então, vamos aperfeiçoar e ajustar, para que os métodos existentes possam dar conta do que nós temos enquanto fenômenos novos, que não são tantos, não é, e, principalmente, potencializações de elementos que já estavam. Vamos lá! Então, para finalizar a navalha, vamos lá? Que é a famosa *Navalha de Occam* ou Ockham, não é? Que leva o nome desse filósofo inglês, que nasceu na Inglaterra, morreu em Munique, e que disse, bote lá: “*As entidades não tem que ser multiplicadas além das necessidades*”. Como latim é uma língua universal, não precisa (risos da platéia): *As entidades não tem que ser multiplicadas além das necessidades*. E eu acho que isso se aplica em dois sentidos: essa *Navalha de Occam*, ela deve se aplicar no sentido da metodologia, quer dizer, antes de pensar que é preciso criar uma metodologia, vamos ver as metodologias que existem e até que ponto elas dão conta e quais são os ajustes que nós precisamos fazer. E o outro corte que a *Navalha de Occam* tem que ter é com relação a não multiplicar o que já está feito, minha gente! Quando alguém chega prá mim e diz: olha, eu queria fazer um estudo sobre o *twitter*, para ver como é que o jornal tal e o jornal tal estão usando *twitter*. Eu digo: não, comigo você não vai fazer isso, porque isso vai ser a replicação, da replicação, da replicação... Já foi feito, tá?! Já foram feitos muitos estudos de como esse jornal, e aquele, e aquele outro estudam o *twitter*. Não é por aí, tá? Então vamos a cada momento pensar: será que eu já não tenho? Qual é o estado da arte? E a partir do estado da arte, partir para: o que é que eu posso trazer de novo, para cá? Qual é o grãozinho minúsculo que seja de originalidade que eu tenho para trazer? Porque senão é o *ente multiplicanda*. Não tem, não tem que se fazer o *multiplicanda*, tem que se fazer é passar a navalha. Agora, passa aí, passar com cuidado, porque como dizem os mexicanos: o pior perigo que existe é “*un mono connavaja*”! Cortar sim, mas cortar com cuidado. Muito obrigado.